



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MÁRCIO JOSÉ DE OLVEIRA ROCHA

**ANA WOLLERMAN: EDUCAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO EM
AMAMBAI-MS (1947-1954)**

**DOURADOS
2013**

MÁRCIO JOSÉ DE OLIVEIRA ROCHA

**ANA WOLLERMAN: EDUCAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO EM
AMAMBAI-MS (1947-1954)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, para a obtenção do título de Mestre em Educação, na área História, Políticas e Gestão da Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Magda Sarat

**DOURADOS
2013**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

370.981 Rocha, Márcio José de Oliveira.
R72a

Ana Wollerman: Educação e Evangelização em Amambai-MS (1947-1954). / Márcio José de Oliveira Rocha. – Dourados, MS : UFGD, 2013.
137 f.

Orientadora: Profa. Dra. Magda Sarat
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Educação – História. 2. Educação - Amambai. 3. Protestantismo. 4. Evangelização I. Wollerman, Ana II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dourados, MS/2013

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador/a (Presidente)

Profª. Drª. Magda Sarat – Orientadora

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Assinatura _____

2º Examinador/a

Profª. Drª. Diana Gonçalves Vidal

Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura _____

3º Examinador/a

Profº. Drº. Ademir Gebara

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Assinatura _____

Suplente

Profº. Drº. Reinaldo dos Santos

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Assinatura _____

Dedicatória

*A minha esposa Nair Martins Rocha e filhas
Maria Eduarda Martins Rocha e Deborah Rocha.
Em especial a Nair minha companheira que amo com
profunda admiração. Mesmo sofrendo com minhas
ausências, me deu força e motivação na trajetória da pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

A Deus que na minha experiência de fé é fonte de vida, Pai, Mãe, irmão e amigo. Este que na face de Cristo tem me ajudado a cada dia reinterpretar meus valores a partir do compromisso com a Vida e com o Próximo.

A minha orientadora Profa. Dra. Magda Sarat que mesmo em meio a correrias do Pós-doutorado na Argentina, foi fiel em seu compromisso de orientadora de conteúdo e dos percalços da vida acadêmica. Também como, mãe e esposa foi compreensiva quando em alguns momentos precisei ser mais esposo e pai do que pesquisador.

A Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD pela oportunidade de me permitir participar de sua contribuição para pesquisa na história da educação Sul-mato-grossense.

Aos professores do Mestrado, em especial, o Professor Dr. Ademir Gebara e ao Professor Dr. Reinaldo dos Santos que muito contribuíram para minha formação e reflexões em torno da pesquisa.

A Coordenação de Pessoas de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD) que me proporcionaram por meio de Bolsa de Estudos, maior dedicação a pesquisa e intercâmbios acadêmicos.

A professora Dra. Diana Vidal que na ocasião em que estive na USP, como aluno sanduíche do PROCAD, ela sempre se mostrou acessível e atenciosa para me atender e ajudar nas reflexões sobre minha pesquisa.

A Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman – FTBAW a qual me deu os primeiros passos no conhecimento acadêmico crítico e humanista, em especial ao Professor Dr. Gustavo Soldati Reis, meu grande amigo de todas as horas e que sempre me incentivou na continuidade dos estudos. Minha gratidão a Professora Msc. Lilian Sarat que compartilhou sobre sua experiência de Mestrado em Educação e sua pesquisa sobre a missionária metodista e educadora Martha Watts.

A minha amiga Giselle Soldati Reis, juntamente com o Gustavo sempre foram amigos meus e da Nair de todas as horas. Em especial por sua disponibilidade em me ajudar com as correções ortográficas do trabalho final.

Aos entrevistados:

Missionária batista e educadora Ester Gomes Ergas que também muito contribuiu para educação Mato-grossense e Sul-mato-grossense juntamente com a missionária Ana Wollerman; Dona Amélia, uma das alunas que morou com Ana Wollerman em Amambai e Campo Grande e que depois se tornou professora da Escola Batista em Amambai-MS; Sr. Almiro Sobrinho que além de me conceder a entrevista me presenteou com três livros sobre a história de Amambai e a história dos batistas de Amambai, dois de sua própria autoria e o terceiro com sua participação.

Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.
Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?
Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas! (Bíblia ARA 1993. Rom. 10: 13-15)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o início da trajetória missionária da educadora Ana Wollerman em Amambai – MS entre os anos de 1947 à 1954, pois foi este o período que ela trabalhou nesta cidade no início de suas atividades missionárias, antes de seguir para outros lugares dando continuidade a sua missão de evangelizar abrindo escolas e fazendo treinamentos de lideranças. Para tanto parte-se dos pressupostos verificados em seu contexto e memórias de formação familiar e religiosa. Também da verificação do modelo de evangelização pela educação dos batistas, nas práticas de Ana Wollerman em Amambai, e, sua importância na construção de práticas culturais da Escola Batista e representações de seu perfil no trato com alunos, professoras e demais da sociedade amabaiense. Quanto a metodologia parte-se dos procedimentos da “operação historiográfica” de Certeau (2011) para analisar e problematizar os relatos autobiográficos de Ana Wollerman produzidos e degravados pela pesquisa de Nogueira (2003). Mas também utiliza-se da História Oral para produção e análise de relatos inéditos de professoras e alunos que estiveram ligados a Ana Wollerman em Amambai. Para tanto foi utilizado os seguintes referenciais metodológicos, Meihy e Ribeiro (2011), Thompson (1998) e Ferreira e Amado (2006). Quanto ao viés teórico de análise do material empírico, teve como base sociológica; Norbert Elias para entender o indivíduo, Ana Wollerman, na sua teia de relações interdependentes. Em diálogo com Elias utilizou-se alguns teóricos da História Cultural quais sejam; Chartier, Pesavento e Certeau para entender as práticas culturais de Ana Wollerman que chegam até o presente por meio de representações interpretadas da subjetividade dos sujeitos entrevistados. Estes, em cotejamento com a memória autobiográfica de Ana Wollerman, e outros documentos escritos, mais, a bibliografia de apoio, ajudam entender e reconstruir o início da trajetória de Ana Wollerman no Brasil.

Palavras Chaves

Ana Wollerman; História da Educação; Protestantismo

ABSTRACT

The present work aims to analyze the beginning of the trajectory of missionary and educator Ana Wollerman in Amambai - MS between the years 1947 to 1954, since this was the period that she has worked in this city at the beginning of her missionary activities, before moving on to other places giving continuity to her mission to evangelize by opening schools and the training of leaders. Therefore there shall be made assumptions verified in their context, and of familiar and religious memory formation. Also the verification of the model of evangelization for the education of Baptists, in the practices of Ana Wollerman in Amambai, and its importance in the construction of cultural practices of the Baptist School and representations of their profile in dealing with students, teachers and others of the amambai society. As for the methodology it is assumed on the procedures of Certeau's (2011) "historiographical operation" to analyze and problematize the autobiographical reports of Ana Wollerman produced and transcribed by Nogueira's (2003) research. However, it also uses Oral History for the production and analysis of unpublished reports of teachers and students who were involved in Ana Wollerman in Amambai. In dialog with Elias was used some Cultural History theorists of which are: Chartier, Pesavento and Certeau, to understand the cultural practices of Ana Wollerman that has come up to the present time by means of interpreted representations of the subjectivity of the interviewed subjects. These, in comparison with the autobiographical memory of Ana Wollerman, and other written documents, plus, the bibliography of support, help understand and rebuild the beginning of the trajectory of Ana Wollerman in Brazil.

Key words

Ana Wollerman; History of Education; Protestantism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1	
ANA WOLLERMAN: CONTEXTO E MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO RELIGIOSA	
Discussão teórico-metodológica da apropriação da fonte “autobiográfica”	08
Formação familiar e escolar	13
Contexto de formação religiosa	25
O lugar da mulher no pensamento batista	30
CAPÍTULO 2	
A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA DOS BATISTAS NO PROJETO DE ANA WOLLERMAN	
Sobre o uso da noção de estratégia	39
Condições histórico-sociais da presença protestante no Brasil	40
A institucionalização dos batistas no Brasil	42
A “educação evangelística” dos batistas no Brasil	44
Inserção da missionária Ana Wollerman no contexto da missão batista no MT.....	53
Contexto histórico-social de inserção e aceitação de Ana Wollerman em Amambai-MS.....	58
CAPÍTULO 3	
ORIGENS DO TRABALHO MISSIONÁRIO DE ANA WOLLERMAN: INDÍCIOS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES	
A escola que Ana Wollerman criou	68
Ana Wollerman e a “Cultura Escolar”	73
Representações do perfil de Ana Wollerman a partir de sua memória socioafetiva	87
De Amambai a outros “confins” do Brasil	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
BIBLIOGRAFIA	103
ANEXOS	109

INTRODUÇÃO

Em 2011, os batistas sul-mato-grossenses, com um ano de atraso, comemoraram os “100 anos de Ana Wollerman”. Neste ano também era comemorado os 100 de batistas sul-mato-grossenses. E, neste mesmo ano, eu ingressara no Mestrado em Educação, porém meu interesse em pesquisar a Ana Wollerman não passava de uma coincidência frente os eventos anteriores. Quero dizer, ao menos conscientemente falando, pois como nossa “memória é social” e eu convivo num ambiente onde se fala muito sobre Ana Wollerman, talvez ou provavelmente, eu tenha alimentado isto “inconscientemente”.

Mas acredito que tal interesse tenha se dado depois que li o texto de Nogueira (2004) “Ana Mae Louise Wollerman: recorte biográfico e sua contribuição para a historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul” fruto de sua dissertação de Mestrado (2003) de mesmo título. Neste percebi que além da contribuição de Ana Wollerman para a História mato-grossense e sul-mato-grossense – especialmente para a História dos Batistas – ela também tinha uma contribuição para a História da Educação que ainda estava (e continua) para ser analisada e contada. Pois por suas mãos onde se levantava uma Igreja, também se levantava uma Escola, não necessariamente nesta ordem.

Num período onde a presença pública escolar no Mato Grosso ainda era parca (décadas de 1940 a 1960), Ana Wollerman abriu mais de 11 escolas e participou da criação de cursos para treinamento missionário. Seu projeto era missionário-ideológico? Sim, mas qual não é? E assim, eu me via numa “problemática” entre Educação e Religião e, ao mesmo tempo, atendia uma junção de interesses pessoais, quais sejam; dar meu primeiro passo como pesquisador, trabalhar com um “sujeito-objeto” da religião e no campo da História e, especificamente, no campo da História da Educação. Desta forma, poderia trazer uma contribuição para a historiografia do protestantismo e para a historiografia da Educação do Mato Grosso do Sul. A problemática na qual me vi inserido, me levou a conhecer as pesquisas de Mesquida (1994) e Hilsdorf (1977)¹ – trabalhos clássicos na História da Educação Protestante – os quais discorrem da seguinte forma:

Peri Mesquida (1994) em sua obra “Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso”, partindo da sociologia weberiana, analisa a

¹Aproveitei melhor a Maria Lucia Hilsdorf depois que entrei no Mestrado e estive em contato pessoal com a pesquisadora em São Paulo na FEUSP por ocasião do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD)

formação e desenvolvimento dos espaços urbanos no sudeste brasileiro, assim como, o desenvolvimento social e econômico e a imigração norte-americana. Num segundo momento analisa a educação pública no Brasil (1820 - 1890), condições, reformas e a inserção da educação protestante; verifica as contradições externas e internas da sociedade brasileira que levou às mudanças políticas no país e, por fim, analisa a origem e desenvolvimento do metodismo a fim de entender suas práticas de educação no Brasil, no contexto educacional acima referido.

Outro trabalho de grande relevância na historiografia da educação protestante no Brasil e, certamente um dos mais citados nas bibliografias é a pesquisa de Maria Lucia Hilsdorf (1977), “Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens”. Seu trabalho analisa a inserção do modelo das escolas presbiterianas no final do século XIX e sua aceitação devido à circulação de ideias liberais na política brasileira. Analisou a maneira como seus métodos pedagógicos eram inovadores em relação ao quadro da educação pública paulista e o discurso teológico liberal presente no substrato da educação protestante.

Recentemente outras pesquisas vêm ganhando relevância para temática, como por exemplo, o trabalho de Ester Fraga Nascimento (2005), “Educar, Curar, Salvar: Uma ilha de civilização no Brasil tropical”. Baseando-se em dois eixos de análise e temporalidade, analisa as estratégias de implantação de um projeto civilizador por missionários presbiterianos norte-americanos, vinculados à Missão Central do Brasil no interior da Bahia no período de 1871 a 1937, tal projeto se deu por meio de igrejas, escolas, hospitais e escolas de enfermagem. A obra investiga fragmentos da história do Instituto Ponte Nova no período de 1906 – ano de fundação – a 1937, ano em que ocorreu uma reconfiguração estrutural no interior da missão presbiteriana norte-americana no Brasil. Criado pela Missão Central do Brasil, em conformidade com os moldes educacionais presbiterianos norte-americanos, a escola teve um papel fundamental na formulação da política de ação daquela organização missionária. Política esta que teve como objetivo formar professoras para suas escolas e homens que seriam evangelistas e pastores de suas igrejas. Estes teriam a missão de ser agentes de uma nova proposta civilizadora não somente para região, mas também para outros campos missionários no Brasil.

Ainda sobre o presbiterianismo, há o trabalho de Ivanilson da Silva (2010), “A cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos na segunda metade do século XIX” onde ele parte da noção de campo de Bourdieu para analisar a formação e

desenvolvimento da cidade como campo de disputas de poder político, econômico e social entre nativos, imigrantes norte-americanos e europeus. Analisa as formações religiosas entre católicos e protestantes como campo de poder e por fim, a formação do campo educacional que serviu como espaço de disputas entre protestantes, católicos e maçons.

Todavia, como meu objeto está voltado para Educação Batista, vi a necessidade de afunilar a revisão bibliográfica para esta especificidade. Teria de fato alguma especificidade a educação batista em relação a metodista e presbiteriana? É sabido que os batistas, diferentemente dos demais, não chegavam abrindo escolas como fizeram os outros grupos protestantes de missão (HILSDORF, 1977). Somente mais tarde quando viram os “sucessos” dos demais grupos é que eles conseguiram convencer a Junta Missionária de Richmond a investir no campo da educação. Para tanto, tinham como argumento que a educação deveria servir como estratégia de maior inserção social, um lugar para acolher os filhos dos protestantes de alguns casos de perseguição e proteger da suposta “educação pagã” nas escolas católicas e públicas (ARAÚJO, 2006). Além disso, e fundamentalmente, os batistas viram na educação um campo de “evangelização” que, a meu ver, foi mais explorado por eles do que pelos demais grupos protestantes.

Assim sendo, estas já prévias conclusões se deram com base na revisão bibliográfica voltada para a história da educação batista no Brasil. Parti, então, de um já “velho conhecido” em minhas leituras - o texto de Israel Belo de Azevedo (1996) “A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro”. Mesmo não sendo um trabalho de História da Educação, e sim de Filosofia, o autor faz uma análise histórico-filosófica mostrando por meio de vasto material empírico os processos de transformação do pensamento batista, pontuando as origens inglesas, assim como, suas continuidades e rupturas nos batistas norte-americanos e dedica maciça atenção para verificar o modo como tais raízes teológico-culturais se encontram e formam um pensamento batista brasileiro caracteristicamente liberal. Este trabalho foi importante porque ajudou numa maior apropriação teórica da “concepção de mundo dos batistas”, que mais adiante, no desenvolvimento do texto dissertativo, é trabalhado a partir do conceito de “imaginário” e “representação” de Pesavento e Chartier.

Outro trabalho de significativa importância para pensar a educação batista no Brasil que tive acesso foi a pesquisa de Noemi Loureiro (2006), “Anna Bagby, educadora batista (1902 - 1919)”². Este foi importantíssimo porque nos ajudou a definir se iríamos trabalhar a

²O acesso foi possível a partir de um levantamento bibliográfico feito na biblioteca da FEUSP, por meio do projeto PROCAD, do qual já me referi anteriormente.

Escola Batista em Amambai, criada pela missionária Ana Wollerman, ou se iríamos trabalhar a trajetória da mesma. Loureiro investigou a trajetória de Anna Bagby, mas focou apenas no período em que ela abriu o Colégio Batista em São Paulo (1902 - 1919), mas para isto, ela partiu da pergunta: “Quem foi Anna Bagby”? Pergunta esta que a levou aos EUA onde conseguiu documentos inéditos sobre a formação da missionária Anna Bagby, sobre seu casamento com o missionário William Bagby nos EUA, sua formação religiosa e um rico material que mostra que a decisão do casal de vir para o Brasil foi mais por parte da Anna e não de William. Isto, por sua vez, se configura como um desvio das conclusões até então defendidas por Machado e demais historiadores confessionais. Analisou o processo de compra do colégio americano em São Paulo da missionária presbiteriana McIntyre para construção de seu projeto educacional; Analisou o trabalho de Anna Bagby com a educação feminina no Colégio Progresso Brasileiro (1902 - 1919) e por fim, o cotidiano e as práticas educativas do colégio.

O trabalho de Loureiro além de mostrar a forte presença de elementos do “imaginário” batista nas práticas da missionária Anna Bagby, tem muita semelhança nas representações de práticas da missionária Ana Wollerman, o que ajudou a pensar uma proposta de estruturação do presente trabalho. Loureiro se propusera a trabalhar o cotidiano da escola e sua “cultura escolar”, porém, deixou de abordar um elemento fundante e estruturante no projeto educacional batista, qual seja: a relação entre educação e ideologia religiosa, que José Nemésio Machado, em suas pesquisas, explora com mais propriedade.

Machado (1994; 1999) se debruça sobre a História da Educação Batista na obra “A contribuição batista para educação brasileira” e “A educação batista no Brasil: uma análise complexa”. Nestes, o autor analisa o processo de inserção dos batistas no Brasil, pontuando práticas teológicas e políticas; propõe uma periodização da educação batista a partir da participação e afastamento da Convenção norte-americana de Richmond e da Convenção batista brasileira; analisa as práticas pedagógicas utilizadas nas escolas batistas numa perspectiva inovadora em relação à educação pública no Brasil; analisa um certo “ecumenismo” no corpo docente das escolas, apenas entre confissões protestantes; os limites da mulher nos espaços institucionais batistas e, a prioridade por uma evangelização direta nas escolas e colégios e não indireta, como acontecia na maioria dos colégios metodistas.

Outro trabalho que ajudou a construir essa pesquisa foi a obra “Educação e conversão religiosa: os batistas de Richmond e o Colégio Taylor-Egídio de Jaguaquara – BA 1882 – 1936” de Pedro Araújo (2006). Mesmo não sendo um trabalho em História da Educação, e

sim em Sociologia, tem contribuído para pensar as relações entre igreja e colégio. O autor analisou não apenas a documentação do colégio e da igreja, mas também entrevistas com ex-alunos. Assim, produziu um bom trabalho com relevantes contribuições para a História da Educação, especificamente, para compreender a proposta educacional batista que fazia do colégio não apenas uma estratégia de evangelização indireta, mas também de evangelização direta e treinamento daqueles que mais tarde iriam para os Seminários e Institutos Teológicos para formação missionária e pastoral.

E assim, diante desta problemática as seguintes questões me inquiriram num problema de pesquisa: Quem foi a missionária batista Ana Wollerman? Em princípio esta pergunta poderia ser satisfatoriamente respondida pela pesquisa de Nogueira (2003), mas ainda havia muitas coisas sobre ela que não sabíamos (e ainda continuamos sem saber) e que talvez pudessem ajudar a entender melhor suas práticas no campo da Educação no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

O trabalho de Nogueira já tinha mostrado que ela veio ao Brasil na condição de missionária independente e não como missionária da Junta de Richmond, mas não respondia as possíveis razões envolvidas na questão da não nomeação pela Junta Missionária. Por qual razão Ana Wollerman não foi aceita? Racionalização de gastos? A região de interesse de Ana Wollerman não estava no projeto da Junta naquele momento? Ou algo no seu perfil não atendia às exigências da Junta? Caso fosse esta última hipótese, porque a aceitaram cinco anos depois que ela já estava no Brasil? Como “Missionária Independente” ela tinha uma ideologia independente ou se mantinha “fiel” aos propósitos das representações batistas em sua prática missionária no campo da educação?

A partir do exposto, o presente trabalho tem como objetivo, mostrar por meio de análises das práticas, representações e autorepresentações como se deu o início da trajetória missionária de Ana Wollerman em Amambai(MS) entre 1947 e 1954, uma vez que este foi o período que ela trabalhou na cidade e depois seguiu para outro campo – “outros confins” – para dar continuidade ao seu projeto missionário.

Deste modo, a fim de construir um texto dissertativo que representasse os resultados da pesquisa procuramos organizar o trabalho em três capítulos, os quais seguem abaixo:

No primeiro capítulo questiona-se sobre o contexto histórico familiar e religioso de formação da missionária Ana Wollerman, tanto por meio de seu depoimento autobiográfico, quanto por meio de outros documentos do contexto, que possam ajudar a fazer aferições sobre

sua identidade social. Busca-se entender as representações que ela constrói de sua infância, escolarização, formação missionária e religiosa. Visto que a principal fonte usada neste capítulo é o material “autobiográfico” de Ana Wollerman: busca-se problematizá-lo a partir da noção de memória de Halbwachs (2007). Para este autor a memória é sempre coletiva (família, religião, classe, etc.), porém as perspectivas são particulares. Neste sentido, a memória está sempre ressignificando as lembranças e imagens do passado a partir das necessidades e interesses do presente. Ela sempre guarda relações de continuidade entre passado e presente, mas ao mesmo tempo “inventando” novamente as lembranças das práticas do passado e da tradição.

O segundo capítulo está estruturado em duas partes. Na primeira busca-se identificar o lugar dos batistas no processo de inserção do protestantismo no Brasil, assim como, a especificidade do projeto educacional batista em sua proposta diretamente evangelizadora. Na segunda parte, busca-se reconstruir o contexto histórico-social vivido pela missionária Ana Wollerman em Amambai (MT) e as condições que favoreceram sua inserção e aceitação nesta cidade.

O terceiro capítulo apresenta como se deu o início de sua trajetória missionária no Brasil. No entanto, esta análise tem como chave hermenêutica a Escola Batista em Amambai (MS) entre 1947 e 1954. Neste, verifica-se que muitos dos elementos estruturantes da cultura da escola tiveram início nas práticas de Ana Wollerman. E ainda, com base em sua memória socioafetiva – professoras e alunos – busca-se analisar quais representações sobre as práticas da missionária são construídas na memória social do grupo.

Desta forma para auxiliar na operação com as fontes e categorizar o que seriam as práticas e representações de Ana Wollerman, assim como, de sua comunidade afetiva: busca-se as contribuições de Elias, Chartier e Pesavento. E assim na perspectiva de Elias entende-se que as relações são interdependentes e é a partir desta relação que se constitui a imagem “eu-nós”, ou seja, a “representação”. Neste caso não há um peso maior do coletivo sobre o individual, nem do individual sobre o coletivo na construção da realidade e nos atos de convivência social. Elias parte do fundamento de que as relações sociais são sempre relações de poder entre indivíduos pertencentes a um grupo, logo, não se pode falar de um “eu” destituído de um “nós” (ELIAS, 1994, p.57).

No diálogo com a perspectiva de Chartier e Pesavento, busca-se entender como Ana Wollerman é construída a partir da perspectiva sociocultural, de gênero, como religiosa e

educadora para manutenção e reprodução de representações tributárias de uma concepção específica de imaginário social que concebe a realidade e a institucionaliza.

A metodologia utilizada na pesquisa é, fundamentalmente, a História Oral a partir dos seguintes referenciais: (THOMPSON, 1998); (POLLAK, 1992), (MEIHY, 1998). As fontes utilizadas são: gravações de entrevistas com a missionária Ana Wollerman feitas por ocasião da pesquisa de mestrado em Ciências da Religião de Nogueira (2004). Entrevistas com a professora e missionária Ester Gomes Ergas que auxiliou na estruturação da Escola Batista e continuou na direção da escola quando a missionária Ana Wollerman se retirou para Campo Grande, depois para Cuiabá. E também entrevistas com dois alunos Almiro Sobrinho e Amélia de Lima. A última também foi professora na Escola Batista em Amambai (MS). O tratamento das fontes também buscou contribuição no entendimento de “operação historiográfica” de Michel de Certeau. Procurando esclarecer o “lugar social” do pesquisador na sua relação com o objeto/sujeito, como também, o lugar social do objeto/sujeito. Quanto a “prática”, esta é a articulação natureza-cultura fazendo um trabalho de transformação das materialidades culturais sobre sujeitos, instituições e coisas. Isto se dá no espaço-tempo por meio de dados controlados pela objetividade metodológica e a partir de uma atitude crítica dos processos históricos presentes no objeto. Por fim, a “escrita” que paradoxalmente concretiza um trabalho “inacabado”. Ela sistematiza as conclusões numa organização que, por ora se apresenta como um fragmento da nossa contribuição à história da educação no Estado, a história da educação batista e da história possível de ser contada neste momento.

CAPITULO 1

ANA WOLLERMAN: CONTEXTO E MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO RELIGIOSA

Para conhecer e entender quem foi Ana Wollerman, assim como suas práticas missionárias que fundamentaram seu trabalho como educadora no Brasil, cabe como essencial, um recuo no tempo e no espaço. Portanto, o objetivo deste primeiro capítulo é analisar como Ana Wollerman constrói representações de si e de sua prática missionário-educadora. Tal análise será conduzida tanto com base em suas experiências rememoradas, como em elementos contextuais - em outras fontes – a fim de entender de que forma ela “tece o fio condutor” de sentido de sua trajetória no Brasil.

Discussão teórico-metodológica da apropriação da fonte “autobiográfica”

A principal fonte desta pesquisa é um conjunto de relatos “autobiográficos” que Ana Wollerman produziu a fim de atender a pesquisa de Mestrado em Ciência da Religião de Nogueira (2003). Tais relatos são caracterizados como autobiográficos, pois partem da centralidade do sujeito que faz uma narrativa autorreferente e organizada sistematicamente (começo, meio e fim). A narração deseja ser cronológica e só fala das peripécias e derrotas à medida que estas, sirvam para explicar e valorizar os “sucessos” da trajetória autorreferente (SOUZA, 2008, p. 37ss). Por outro lado, esta narrativa foi produzida com base num tema encomendado, qual seja: o trabalho missionário da Ana Wollerman no Brasil. Portanto, o processo de seleção das experiências de sua trajetória é cuidadosamente narrado a fim de não gerar contradições sobre ela e com as representações institucionais que se esperam da vida de um(a) missionário(a) batista.

Assim sendo, fala-se de um “conjunto” de relatos por que foi construído sistematicamente em pelo menos seis etapas com uma duração de no mínimo 40” gravado em seis fitas K7 pela própria Ana Wollerman³, que na época, residia no EUA.

³ Os relatos foram produzidos em português pela missionária Ana Wollerman, portanto, há desvios de ordem gramatical, pois Ana Wollerman já estava há mais de vinte anos sem convivência com a língua portuguesa. Já que foi o pesquisador Nogueira quem participou da produção destes relatos, ele optou por reproduzi-los literalmente da forma como foram narrados, forma esta que é mantida ao longo das citações nesta pesquisa.

Pastor Sérgio, aqui fala Ana Wollerman, dando-lhes as informações que o irmão desejava a respeito da minha vida. Faço tudo para dar glória a Deus, porque Ele que fez maravilhas em minha vida. **Segundo sua orientação, vou começar com a origem da minha família e do nome Wollerman** (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2004, p.140).⁴.

Com base na concepção de “documento” da Nova História, onde o mesmo não se reduz a documentos oficiais - tão pouco corresponde à realidade em si - entende-se que documento é “tudo que pertencendo ao homem dependa do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra sua presença, a atitude, os gostos e as maneiras de ser do homem” (LE GOFF, 1990, p. 540). Neste sentido, o conjunto de relatos autobiográficos da missionária Ana Wollerman se configura como um “documento” e deve ser problematizado e analisado segundo as regras de análise de outros documentos (THOMPSON, 1998 p.138).

Assim sendo, parte-se da pergunta pelas condições de produção dos relatos, assim como as relações de envolvimento entre os sujeitos que produziram o mesmo (Ana Wollemarn e Sergio Nogueira). Desse modo, prossegue o seguinte esclarecimento; a colaboradora⁵ autora do documento - Ana Wollerman - era aposentada pela junta missionária de Richmond, instituição com um *status* prestigioso entre os batistas brasileiros, porque foi quem iniciou e sustentou igrejas, seminários, colégios e missionários no Brasil por muitos anos. Foi por meio desta instituição que Ana Wollerman esteve ativa no Brasil de 1952 à 1981. Portanto, no momento em que ela produzia seus relatos, possivelmente já tivesse consciência de seu prestígio e “influência política” dentro da configuração⁶ da denominação batista. Esta força representativa era aceita tanto por grupos interdependentes no Brasil (grupos religiosos, lideranças civis e outros), quanto nos EUA.

Pastor Sérgio, logo estarei enviando para o irmão, pelo correio os dois ,diplomas de graduação: uma de *Ouachita Baptist College*, com diploma em, com Bacharel em Belas Artes; o outro é do *Southwestern Theological Seminary*, com o grau de mestrado em Educação Religiosa; Também eu tenho três certificados, não sei como se chamam, mas eles também, como diploma: um é lá do Brasil, em 14 de novembro, 1975 – quando a câmara municipal de Dourados, numa cerimônia oficial, me deu o título de cidadão douradense. É muito precioso para mim este ato. O outro é de *Ouachita Baptist College*, quando eu estava aqui em gozo de férias, em 1961, quando numa grande solenidade, foi proclamando como eu era uma graduada de

⁴ Grifo meu.

⁵ Segundo Meihy (2011, p.23), o conceito de “colaboração” fundamenta-se num procedimento ético de alteridade social que vê no entrevistado um sujeito interlocutor da pesquisa e não um “objeto”. Parte-se de três elementos constitutivos que podem ser percebidos na construção morfológica do termo: “*co-labor-ação*”.

⁶ Configuração aqui está embasado em Elias: é isso que o conceito de figuração exprime. Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas. Diferentemente das configurações de outros seres vivos, essas figurações não são fixadas nem com relação ao gênero humano, nem biologicamente (ELIAS, 2006 pp. 25,26).

distinção e dizendo que eu tinha trazido honra ao colégio e à minha pátria por minha vida de serviço. E o outro é do *Southwestern Theological Seminary*, onde também me formei, em 1992 recebi honra de distinção pelo meu serviço (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2004 p.170).

O sentimento de se sentir honrada serve como elemento constitutivo do discurso “hagiográfico”, ou seja, um discurso estruturado com uma ordem semântica própria e com um “lugar excepcional” (CERTEAU, 2011, pp. 296s.). A “excepcionalidade” do lugar produz um discurso que busca legitimar-se a partir da autoridade de quem fala e, portanto, não é levado em consideração por aqueles que o recebem (comunidade, igreja) como um lugar “intencional” ou “ideológico”⁷. Portanto, cabe a pesquisa histórica, com suas “leis do meio”, reconstituir “o lugar na história” do documento a fim de entender a que/quem tal discurso ideológico serve.

Assim sendo, o lugar interdependente entre Nogueira e Ana Wollerman é o da figuração religiosa. Lugar este que tem elementos simbólicos fundamentais na constituição de suas identidades, mas ao mesmo tempo não são completamente determinantes na forma como estes sujeitos se inventam nas fronteiras das relações do próprio grupo. Segundo Elias (1994, p. 57), não existe um “eu”, destituído de um “nós” nas relações interdependentes que compõem as figurações sociais, pois não há um peso maior do coletivo sobre o individual, nem do individual sobre o coletivo na construção da realidade e nos atos de convivência social, pois sempre são relações de poder.

Na figuração destes sujeitos, ambos pertencem à mesma tradição religiosa, mas há limites nesta relação que demonstra suas distinções no exercício de funções dentro do grupo religioso. Além disso, eles transitam em outros grupos com outros “lugares ideológicos” e com os quais guardam relações de dependência e responsabilidades;

- Sergio Nogueira: homem, pastor⁸, reitor desde 1996 do Seminário e Faculdade Teológica Batista, da qual Ana Wollerman é patrona. Líder religioso prestigioso tanto entre os batistas do Mato Grosso do Sul, quanto a nível nacional entre as lideranças batistas da Convenção

⁷ Entende-se Ideologia a partir de Paul Ricouer (1990, pp. 68s) para quem “ideologia” tem pelo menos três funções discursivas: “Função geral” de representação e reprodução da autoimagem de um indivíduo/grupo, neste sentido todos produzem ideologias e não apenas “dominantes” sobre os “dominados”; “Função de dominação”, por meio das representações de autoimagem de determinado indivíduo/grupo sobre outro/outros e “Função de deformação”, mais próximo do sentido marxista, onde a representação acaba distorcendo a realidade conforme os interesses de determinado indivíduo/grupo.

⁸ Ainda que entre os batistas da Convenção Batista Brasileira (CBB), muitas mulheres já tinham sido ordenadas/consagradas à função pastoral, ainda há muita resistência de líderes que buscam alimentar uma “representação coletiva” no grupo que legitima a “ordem divina” para somente os homens exercerem tal função oficial, cabendo a mulher o papel de submissa, companheira, auxiliadora, mas nunca a consagração oficial. **Tal assunto ainda será abordado com maior propriedade mais a frente, quando tratar do lugar da mulher na formação do pensamento batista.**

Batista Brasileira – (CBB) e entre outras fora do círculo religioso. Porém, Nogueira também está na função de pesquisador - em formação - em Ciências da Religião (Mestrado-UMESP), portanto, deve submeter-se às “leis” e “cânones” acadêmicos a fim de que seu trabalho seja reconhecido como científico.

- Ana Wollerman: mulher, missionária norte americana aposentada, pioneira da evangelização batista no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, fundadora e uma das mantenedoras do Seminário e Faculdade Teológica Batista desde 1974, entre outros atributos.

As relações de força da função pastor e/ou pesquisador sobre a de missionária, ou função de missionária sobre a de pastor e/ou pesquisador, não estão em fatores unívocos; homem, mulher, pastor, missionária, idade, “prestígio histórico” de liderança institucional, *status* nacional ou internacional entre outros. Pois a 'balança de poder' é instável, assim sendo, dependendo da situação e processos na rede de movimentos, pode mudar (ELIAS, 1993 pp. 50,51). Tal relação interdependente está presente na produção do documento, pois é nele que os indivíduos propõem uma representação de si, para si mesmo e para os outros ou legitima uma e desconstrói outras (CHARTIER, 1991, p.185).

Assim sendo, qual identidade Ana Wollerman propõe para si mesma e para os outros nas representações de seus relatos? Para responder esta questão busca-se levantar elementos contextuais de sua sociogênese familiar e religiosa e problematizar seus relatos a partir dos conceitos de Representação da História Cultural (Chartier, Pesavento) e de Memória (Halbwachs, Pollack).

Por “representação”, na esteira de Chartier (1990, p. 17), entende-se as formas socioculturais, construídas a partir de “esquemas intelectuais”, de como Ana Wollerman na relação de pertença com a tradição batista, concebe e decifra o mundo social e o torna inteligível. Por esquemas intelectuais entende-se a capacidade que o ser humano tem de “inventar” ou “criar” a realidade e ao mesmo tempo ser criado por esta “realidade” que deseja ser verdadeira, mas que no máximo tem relações de verossimilhança. A esta capacidade criadora/criada, Pesavento entende por “imaginário” e baseando-se em Le Goff e Castoriadis ela conceitua:

Tudo aquilo que o homem considera como sendo a realidade é o próprio imaginário. Nesta medida, o historiador Le Goff aproxima-se do filósofo Castoriadis, quando este diz que a sociedade só existe no plano simbólico porque pensamos nela e a representamos, desta ou daquela maneira (PESAVENTO, 2004, p.44,45).

É importante entender a relação entre o conceito de representação e imaginário porque é a partir do segundo que Ana Wollerman constrói ou reproduz sentido de sua missão religiosa em representações que, institucionalmente, se espera dela como missionária “enviada por Deus”.

Quanto ao conceito de “memória” entende-se com base em Pollack (1998), que a memória é constituída por pelo menos três elementos fundamentais: acontecimentos vividos pessoalmente e acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos de que se ouviu falar e que foram vividos pelo grupo de pertença; personagens ou pessoas, de contatos diretos, indiretos ou “por tabela” e lugares de memória ligados a lembranças da infância, situações, coisas, instituições, etc. que assim como os demais elementos estão presentes por experiências pessoais e “por tabela” (POLLACK, 1998 pp. 2,3). Tais elementos são fundamentais, porque se configuram como quadros de referências de lembranças “preservadas” e, portanto, podem ser verificados através de cotejamento de outras fontes para construção dos “fatos”.

Com base na amostra do relato autobiográfico abaixo, veja na sequência considerações fundamentais para entender a relação memória e representação de que muito será tratado nesta pesquisa:

Meu avô paterno se chamava Theodore Wollerman; nasceu e viveu na Alemanha com sua esposa Cristina Maria; Mas no ano de 1873, por causa da situação precária na Alemanha, tanto com a política, economia e o moral, ele saiu para começar uma nova vida na América [...] poucos meses após a chegada deles meu pai nasceu e foi chamado August Emill Wollerman. Eles eram agricultores e assim prosperaram na nova pátria. Na mesma época a família da minha mãe saiu também da Alemanha; o meu avô materno se chamava Frederick Hacke [...] Estas famílias não se conheceram, e ambos eram crentes evangélicos [...] A família do meu pai era batista. Minha mãe nasceu nesta cidade pequena de Desoto no ano 1882 e foi chamada de Minna Carolina Hacke. Assim vejo o plano de Deus para minha própria vida antes mesmo do meu nascimento, fazendo um milagre para que August Emill e Minna Carolina se encontrassem. Encontraram e casaram. Aconteceu assim: meu pai saiu também do lar lá no Estado de Illinois e foi com o seu irmão para Pine Bluff – Arkansas; lá ele conseguiu um emprego numa estrada de ferro chamado Cotton Belt, onde ele trabalhou como carpinteiro. Um dia ele foi enviado com urgência para Desoto – Missouri, resolver um problema com a estação da estrada de ferro naquela cidade pequena. Lá ele conheceu Minna Hacke. Eles se amaram e um pouco depois se casaram e foram para estabelecer residência na cidade de Pine Bluff no estado de Arkansas, e foi ali que eu Ana nasci no dia 13 de Dezembro de 1910 (WOLLERMAN, In NOGUEIRA, 2004 p. 140).

Os acontecimentos (migração da Alemanha para EUA, o casamento dos pais, seu nascimento); as pessoas (avós paterno e materno); os lugares (Alemanha, Arkansas, Desoto, Missouri, Pine Bluff, Cotton Belt, estrada de ferro, etc.) são quadros de referências que dão

concretude a sua narrativa. Porém, outro elemento responsável para reconstruir estas lembranças, e talvez, preservá-la, é o “elemento do sentido” que Ana Wollerman dá para estas lembranças. Ela interpreta a vinda de seus avós da Alemanha para o EUA, o problema da estrada de ferro que o Sr. Wollerman foi resolver em Desoto e o encontro entre Sr. Wollerman com a Srta. Hacke como uma “trama divina” e romântica que concretizou o “plano de Deus” para sua vida. Logo, na perspectiva da Ana Wollerman, tais lembranças, “vividas por tabela”, só existiram em função do sentido que ela construiu para tais lembranças.

Ainda quanto a questão do “sentido” entende-se a partir de Halbwachs (2007 pp. 71s.), que a memória encontra lugar na tradição de um grupo, pois esta é seu quadro social de referência, e, ao mesmo tempo dinamiza a tradição em novos significados referenciados pelo presente. Ela procura estabelecer continuidades entre passado e presente recompondo as lembranças e tradições, ao mesmo tempo inventando novamente as lembranças das práticas do passado e da tradição.

E ainda, outro aspecto presente na documentação autobiográfica é a relação entre verdade e realidade presente no documento autobiográfico, que não apresenta o rigor de referências de acontecimentos, pessoas e lugares, mas sim a experiência subjetiva da colaboradora Ana Wollerman, com o que é real para ela, ou seja, seu “imaginário”. Pois tem-se uma realidade a partir das palavras (construídas no relato autobiográfico) e a realidade para além das palavras, ou “fora do mundo” do colaborador (construídas a partir dos contextos e outras fontes, discurso histórico). Segundo Portelli não existe fonte oral falsa, pois “fica na história oral a diversidade que consiste no fato de afirmativas erradas são ainda psicologicamente corretas, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto os registros factuais confiáveis” (PORTELLI, 1997, p.32).

Formação familiar e escolar

Ann Mae Louise Wollerman, conhecida em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul por Ana Wollerman ou “Dona Ana”, nasceu em 13 de dezembro de 1910 na cidade de Pine Bluff - Arkansas. Ela era a irmã do meio entre Edwin Wollerman (1908-1989) e Mildred Lucille Wollerman (1912-). Pine Bluff, está situada à sessenta quilômetros de Little Rock, capital de Arkansas, no sul dos Estados Unidos. Foi criada oficialmente em 1832 pelo tribunal da comarca. Por causa de sua localização estratégica se tornou palco de batalhas da guerra civil ou guerra da secessão (1861-1865). Cidade portuária a beira do rio Arkansas, Pine Bluff experimentou momentos de grande crescimento econômico e social, pois era um dos

principais pontos de escoamento tanto de produtos agrícolas, quanto industrializados. Um dos fatores chave para o crescimento inicial de Pine Bluff foi a chegada dos barcos a vapor no rio Arkansas e, fundamentalmente, a chegada das ferrovias (1870 e 1880). Calcula-se que a cidade tenha experimentado neste momento um *boom* de crescimento; de 2.081 em 1870 para quase 10.000 pessoas em 1890. Com a virada do século criaram-se indústrias madeireiras e, portanto, é possível que a cidade já tivesse mais de 25.000 habitantes neste período (NOGUEIRA, 2004 p.23, 24). Ana Wollerman ao lembrar sua cidade natal relata:

[...] Também uma sede, entre outras naturalmente, de uma companhia de estrada de ferro teve a sede lá em Pine Bluff e ofereceu empregos muito bons para muitas pessoas, de modo que era uma cidade de mais de 25.000 mil habitantes, calma, lares bonitos, um comércio bom e muitas igrejas, de várias denominações, cada uma com um templo, algumas com escolas, mas todas com muitos bons ministérios e um espírito de cooperação entre todas; de modo que eu fui criada assim, numa cidade que havia muito respeito e muito amor uns para com os outros, e fui levada para igreja batista pelos meus pais (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004 p. 175, 176).

Quanto a sua escolarização, não se sabe muito; por enquanto, a maioria das informações acessíveis que se tem sobre este período está em seu relato autobiográfico. E este tem por preocupação, falar de seu trabalho missionário no Brasil e não de sua vida nos EUA. No que se refere aos seus primeiros anos de escolarização, Ana Wollerman relata:

A educação secular aqui na minha terra, do início, primeiro ano da escola até terminar o ginásio, leva 12 anos. O primeiro ano na escola primária é de seis anos. Depois se chama aqui “Junior” – Ginásio – pré-ginasial, o curso de dois anos; e depois o curso ginasial de quatro anos, de modo que há doze anos de estudo na escola para terminar o curso ginasial. Fiz todos aqueles anos de estudo com bom êxito, não havia grande influência, que eu me lembro em minha vida, para se sentir chamada para ser uma missionária. (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, p. 176).

Este fragmento, em princípio, parece ser apenas o relato da estrutura educacional de sua época. Porém, ao negar ter sido a escola a principal motivação de sua vocação para a atividade missionária, somos direcionados à elaboração de, ao menos, duas hipóteses; ou ela fez uma projeção de transferência de memórias invertendo acontecimentos, lugares e pessoas, o que segundo Pollack (1992, p.03) não é raro acontecer - ainda mais no caso da Ana Wollerman que está tentando lembrar-se de coisas passadas a mais de noventa anos - ou, mesmo havendo algum tipo de prática religiosa na cultura da escola, ela não se sentisse influenciada por esta para ser missionária. A possibilidade desta relação entre religião e escola é provável no seu contexto, já que muitas escolas públicas em Pine Bluff eram anexas ou paroquiadas a templos religiosos. Isto, considerando que as primeiras escolas eram, originalmente escolas confessionais e foram criadas pela Sociedade Americana Missionária

no ao de 1869. Tempos depois estas escolas foram absorvidas pelo sistema público de ensino.⁹ Levando em conta que Ana Wollerman é missionária e está narrando a sua história missionária, seu depoimento perpassará uma estrutura hagiográfica engendrando questionamentos acerca da origem e do sentido de sua vocação missionária (CERTEAU, 2011, p. 297). Este gênero de discurso também pode ser pensado a partir do conceito de “ilusão biográfica” de Bourdieu (2006, p.183ss) para quem as biografias e autobiografias têm interesse em aceitar o “postulado do sentido da existência”. Este postulado fundamenta a narrativa selecionando os “fatos” de forma a dar significado global ao conjunto de sua trajetória e, assim, configurando-se como uma “ilusão retórica” porque na verdade o real é descontínuo, cheio de imprevistos e propósitos aleatórios.

Ao fundo os pais da Ana Wollerman: Sr. August Wollerman e Sra. Minna Wollerman. Em primeiro plano da esquerda para direita: Ana e seus irmãos; Edwin e Mildred - Acervo: Biblioteca Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman



Veja nota sobre uso de fotografias neste trabalho¹⁰

Se ela não se sentia influenciada pela “escola secular” para se tornar uma missionária, o mesmo não poderia ser afirmado acerca do ambiente familiar e da igreja. Esta última não se caracteriza apenas por um espaço físico destinado ao culto religioso, mas é também espaço de formação de identidades sociais e, consequentemente, posicionamentos políticos-ideológicos.

⁹ <http://www.cityofpinebluff.com/history.htm> acessado em 12/13/2012

¹⁰ A partir desta foto será feito uso de outras fotografias neste trabalho, todavia com fins “ilustrativos”, mas sem perder de vista seu valor documental. O uso de fotografias como “fonte” demandaria um tratamento teórico-metodológico específico. Para ver sobre uso metodológico de fotografias consultar: MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: Um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX In. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, vol. 13, nº1, p.133-174, jan. – jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142005000100005&script=sci_arttext Acesso em 27/12/2012.

Portanto, fundamentalmente no caso protestante, onde a leitura da Bíblia, de literaturas devocionais, do hinário e de jornais religiosos fazem parte da cultura religiosa dos fiéis, não apenas a igreja, mas também - por extensão - a família, são espaços de construção e reprodução do imaginário que dá sentido as representações do social.

Na casa da Ana Wollerman havia uma rotina de estudo da Bíblia, orações e doutrinação, possivelmente já desde antes da escolarização formal. “Sou muito grata aos meus pais porque, não somente nos levavam à igreja, mas em casa eles oraram conosco, eles nos ensinaram a orar quando éramos bem pequenos” (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, p.176). Na igreja ela participou de uma organização feminina para meninas. Tal organização é semelhante às que têm em muitas igrejas Batistas no Brasil chama-se “Mensajeiras do Rei”. Tais organizações nos EUA, possivelmente foram frutos das “Organizações Femininas Missionárias” que sustentaram muitos missionários no Brasil e outros países¹¹. Nestas reuniões “estudamos sobre missionários, missões e necessidade de evangelizar, e cada ano nós tivemos um acampamento com a presença de algum missionário ou missionária para nos falar e ensinar a respeito da obra” (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, p. 176).

Essa formação missionária desde criança teve resultados marcantes na vida de Ana Wollerman, pois não são lembranças genéricas do passado, mas sim, acontecimentos, personagens e lugares que deixaram profundas lembranças que noventa anos depois são reinventadas na memória como que reconstruindo as cenas do momento:

Um ano veio uma missionária da África, não sei o nome dela, mas eu fiquei muito impressionada e senti no meu coração de 11 ou 12 anos, não me lembro bem, aquele desejo de ir a África falar àquelas pessoas, mas eu não creio que foi uma chamada porque logo passou aquela emoção, e eu estava voltando, me envolvendo cada dia mais nos meus estudos e nas atividades sociais da mocidade daquela época (*Ibid.*, p.176).

O processo de construção social da/em Ana Wollerman se dá numa rede interdependente de figurações que envolvia cidade, família, religião e escola e contribuía para construir representações sobre o “mundo”, o “ser humano” e “Deus” que legitimadas *a priori*, foram internalizadas no que Berger e Luckmann chamam de primeira socialização, portanto, marcaram peculiarmente a identidade social da Ana Wollerman nos seus primeiros anos de vida e *a posteriori*; no seu envolvimento com um projeto missionário no Brasil.

¹¹ Martha Watts, missionária metodista no Brasil no século XIX foi sustentada pela “Sociedade Missionária de Mulheres” (SARAT, 2006 p.21).

Na socialização primária, por conseguinte, é construído o primeiro mundo do indivíduo. Sua peculiar qualidade de solidez tem de ser explicada, ao menos em parte, pela inevitabilidade da relação do indivíduo com os primeiros significativos para ele (BERGER; LUCKMANN, 1996, p.182).

Entre o término do ginásio e sua formação superior sabe-se muito pouco de como teria se constituído sua vida neste período. Conforme o relato autobiográfico, possivelmente já desde o ginásio ela estivesse se afastado do “fervor” religioso e se envolvido com práticas que ela julgava negativas, e assim, vivendo uma experiência conflituosa a ponto de referir-se a este tempo como um momento em que ela não dava “testemunho” de uma “crente consagrada”¹²,

Mas infelizmente eu tenho muita tristeza em dizer que, como acontece muitas vezes, quando eu cheguei no ginásio para continuar minha educação, queria ser popular e comecei a assistir festas e atividades, e pouco à pouco, deixei a minha vida de crente consagrada e, apesar de continuar a minha assistência na igreja nos cultos nos domingos. Durante a semana a minha vida não dava testemunho de eu ser uma crente consagrada, dedicada, realmente salva (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, p.140).

Terminado o ginásio, Ana Wollerman diz não poder ingressar diretamente na universidade, pois era época de crise econômica no EUA. Possivelmente ela estivesse falando da crise de 1929, após a queda da bolsa de valores, o *crack*, que trouxe crise não somente para os EUA, mas para as demais economias “interdependentes”, inclusive o Brasil. Tal crise fez com que ela procurasse um emprego para ajudar a família. E, assim conseguiu com um escritório de advocacia. Este período, talvez fosse o que a Ana Wollerman mais tenha se afastado do núcleo religioso de sua infância, pois segundo ela: “e assim entrei no mundo dos negócios e a minha fé e o meu testemunho sofriam mais” (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, p. 141).

Outro aspecto de sua biografia cuja escassez de informações é bastante significativo se refere ao seu divórcio. Ela esteve casada entre o pós-ginasial e a faculdade. Das fontes que temos acesso no momento, ninguém sabe com quem e até quando ela teria sido casada, nem o porquê teria se divorciado. Até mesmo a pesquisa de Nogueira (2003) não faz qualquer alusão sobre o assunto. Porém, ao fazer a “redistribuição das fontes” utilizadas por Nogueira, encontrei vestígios que levam a conclusão de que ela teria sido divorciada. Portanto, neste

¹² O afastamento das práticas religiosas no protestantismo geralmente são traumáticas. O indivíduo não se sente bem consigo mesmo e acaba se afastando do grupo religioso. Tal afastamento é entendido como resultado de um processo de “esfriamento espiritual” que se dá com a falta de atividades de disciplina espiritual, tais como: oração, leitura devocional da Bíblia e atividades litúrgicas do templo. O afastamento faz o “ex indivíduo crente” se sentir afastado de Deus e acaba se envolvendo com práticas que até então são reprovadas pelo grupo religioso.

sentido esta pesquisa se configura como um “desvio” daquilo que vinha sendo dito, ou pelo menos ocultado na história oficial que se tem sobre ela.

Ao analisar comparativamente a gravação de áudio com o depoimento autobiográfico de Ana Wollerman com a referida degravação, constante da pesquisa de Nogueira, foi possível constatar uma ‘diferença’; o corte de um trecho da gravação que mostra que o missionário Wattie Bethea Sherwood, reconhecido como um dos pioneiros na abertura de igrejas Batistas no Mato Grosso do Sul, não teria sido favorável a sua presença no Brasil. Outro indício foi em analisar as entrevistas que Nogueira fez com professor José Pereira Lins, Bill Sherwood e David Sherwood. Estes últimos, filhos do missionário pioneiro norte americano. Bill Sherwood diz:

[...] O marido dela morreu então eles consideraram ela como uma viúva e então receberam ela como missionária da Junta e fizeram com que ela tivesse um salário. Eu não sei muito mais sobre Ana Wollerman, mas eu sabia que ela estava em Dourados, que iniciou o Seminário em Dourados. [...] (SHERWOOD, Bill, In: NOGUEIRA, 2004 p.195).

O interessante é que esta fala de Bill Sherwood está totalmente fora de contexto do que ele vinha falando no parágrafo anterior e também no parágrafo seguinte da degravação da entrevista com Nogueira. No parágrafo anterior ele está falando do acordo que seu pai e os missionários presbiterianos fizeram para dividir os limites das áreas de atuação missionária no Mato Grosso (SHERWOOD, Bill. In: NOGUEIRA, 2004 p.195). No parágrafo seguinte de sua fala sobre a Ana Wollerman (acima citada), ele passa a falar sobre ele; relata que nasceu em São Paulo (1924), depois retornou ao EUA para estudar, fala de sua participação na segunda guerra mundial, seu doutorado em Botânica e de sua atuação como professor (SHERWOOD, Bill. In: NOGUEIRA, 2004 p.195), em seguida, interrompe o assunto novamente para falar de Ana Wollerman,

[...] Eu não sei se deveria ser informações públicas ou não. Mas eu vou dizer. De primeiro ela era divorciada do esposo nos Estados Unidos e por isto a Junta não pagava salário não receberam ela como missionária, porque era o jeito daquele tempo. Passou os anos e o esposo já divorciado faleceu e então porque ela era viúva, consideraram ela como viúva e começaram a dar um salário para ela era missionária da Junta. Ela foi bem recebida e o trabalho que ela fez foi muito bom, foi bem recebido pela Junta e ficaram muito satisfeitos, e todos ficaram bem felizes pelo trabalho que ela fez (SHERWOOD, Bill. In: NOGUEIRA, 2004 p.195).

Pelo fato de Bill Sherwood revelar isto espontaneamente, depois cortar o assunto e voltar de novo, inclusive assumindo a responsabilidade do que estava dizendo, “Eu não sei se deveria ser informações públicas ou não. Mas eu vou dizer”, Essa assertiva de Sherwood levamos a suspeitar que a temática do divórcio fosse um assunto velado entre as pessoas que

tinham mais proximidade com Ana Wollerman. Isto também é percebido no desenvolvimento da dinâmica da conversa entre os entrevistados (Bill, David e José), nenhum deles reage ao assunto, pelo menos não com palavras, pois na sequência de sua fala o professor José Lins interrompe o assunto continuando a conversa sobre o missionário Sherwood.

Estes indícios me fizeram reler a autobiografia da Ana Wollerman sob uma perspectiva renovada acerca de algumas de suas declarações; a ocasião em que ela pediu a nomeação à Junta de Richmond e quando chegou ao Brasil na casa do missionário Sherwood:

[...] fiz pedido para ser nomeada como missionária ao Brasil da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista aqui na minha terra, e não fui nomeada. Senti uma grande tristeza e frustração, mas desde aquela época o segundo voto da minha vida, eu disse: “Irei ao Brasil se o Senhor quiser, com a nomeação de uma junta ou sem uma nomeação, mas Tu tens que abrir a porta” [...] Assim logo eu vi que ele [Sherwood] não estava a favor da minha presença, porque ele me olhou com muita força e disse: Você não deve estar aqui! Qual era a razão? (WOLLERMAN, In: Nogueira, 2003, p. 142, p. 147).

Porque não teria sido nomeada pela Junta? Não seria por que fosse divorciada? A questão do divórcio já havia sido motivo de demanda na *Southern Baptist Convention (SBC)* desde 1904. Com base nos arquivos de resoluções das assembleias convencionais dos batistas Convenção, em 1904 foi emitido um documento, em que estavam presentes pessoas representantes do legislativo de Arkansas para levar as solicitações dos batistas para que se criassem leis mais rigorosas para desencorajamento do divórcio (SBC, *Resolution*, 1904)¹³. Em 1931, a Convenção novamente entrou em demanda sobre a questão do divórcio, desta vez para apoiar um movimento popular de Arkansas que estava lutando para revogar, por meio de referendo, leis de apoio ao divórcio (SBC, *Resolution*, 1931)¹⁴.

Considerando que tais debates estavam presentes na comunidade, inclusive encabeçados pelos órgãos representativos da igreja batista, Ana Wollerman não poderia ser nomeada pela Junta Missionária neste contexto. Isto trouxe muita tristeza para ela, mas também um posicionamento daquilo que queria para sua vida, à revelia do que pensava ou deixasse de pensar as organizações batistas da Convenção do Sul dos EUA (SBC).

Quanto à experiência da “recepção calorosa” do missionário Sherwood no Brasil, possivelmente ele já soubesse que Ana Wollerman era divorciada e não tinha sido nomeada pela Junta de Richmond, a mesma que o nomeara. Isto, somado a personalidade forte deste

¹³ Disponível em: <http://www.sbc.net/resolutions/amResolution.asp?ID=441> Acessado 22/04/2012.

¹⁴ Disponível em: <http://www.sbc.net/resolutions/amResolution.asp?ID=442> Acessado em 22/04/2012.

missionário mais sua concepção androcêntrica da realidade social,¹⁵ ele teve dificuldades em aceitar sua presença, se é que um dia aceitou. Mas o que chama a atenção nesta parte é o questionamento que Ana Wollerman faz com relação à recepção do missionário Sherwood: “Qual a razão?” (Ibid.), e em seguida responde como razão de não ter sido bem recebida por ele pelo fato de ser mulher. Em princípio isto até poderia responder seu questionamento satisfatoriamente, mas não responde tendo em vista os vestígios quanto ao divórcio e o exercício de “inversão do pensável”, conforme orienta Certeau (2011 p.125s.). Sua fala se configura como uma “tática” do discurso no “jogo das representações”, ou seja, representar aquilo que a comunidade esperava de sua trajetória. Portanto se apropriando da imagem de machista do missionário Sherwood, já conhecida de todos, ela passa a impressão que a atitude do missionário é por causa dele e não por causa da condição de divorciada dela (CERTEAU, 1998, pp. 91s)¹⁶.

Possivelmente este período tenha sido de grande trauma para a vida da missionária Ana Wollerman. Sendo assim, com base na relação que Pollack (1992) faz entre memória e identidade, pode-se entender de que forma o silêncio sobre a questão do divórcio, tenha sido um “elemento inverso” na construção de sua identidade e, por conseguinte, em sua “ilusão autobiográfica”:

- A consciência que Ana Wollerman tinha de seus próprios limites e de se ver como indivíduo inserido em determinado grupo social. Ou seja, a consciência que ela tinha de sua própria história, de como ela se via, sua pertença à tradição protestante batista e pertença aos batistas mato-grossenses e sul-mato-grossenses, além de outras interdependências com outros grupos religiosos e lideranças sociais;
- O sentimento de continuidade dentro deste grupo, não apenas física, mas moral e psicologicamente;
- E o sentimento de coerência ou unidade de sua própria história, melhor dizendo, um sentimento de sentido na própria história (POLLACK, 1992 p.05). Ainda com base neste autor, o que sempre passa despercebido por quem lembra, neste caso, Ana Wollerman, é que ninguém constrói uma autoimagem isenta de mudanças, transformações em função dos

¹⁵ Esta questão será abordada mais a frente quando tratar do lugar da mulher no pensamento batista.

¹⁶ Grosso modo, a noção de estratégias e táticas de Michel de Certeau fala das “artes do fazer”. Por estratégia tem a ver com as formas, representações, leis, poder de vigiar, controlar, dizer, etc. de um “lugar próprio”. Já as táticas têm a ver com o “fraco”, ou seja, as práticas que se mobilizam “dentro do lugar das estratégias”, consumindo suas representações sem ser totalmente passivo (apropriação de Chartier), antes às usa em benefício próprio por meio de enunciações retóricas, dissimulações, etc.

outros. A referência do “outro” nada mais é que, padrões de aceitabilidade, credibilidade, admissibilidade que os grupos criaram socialmente para se identificar entre grupos, tempos, valores, crenças, etc. (POLLAK, 1992 p.05).

Após alguns anos, não se sabe se foi logo depois da separação, ou muito tempo depois, Ana Wollerman teve uma experiência paradigmática que reconfigurou totalmente sua vida. Após mais de noventa anos, ela reinventa a “cena” de uma experiência fundante a fim de legitimar seu projeto missionário;

Assim, quando tinha vinte e seis anos, tive uma experiência marcante. Pedi perdão dos meus pecados, aceitei a Jesus como meu Salvador e Mestre da minha vida. Ele me perdoou e me fez uma nova criatura como é prometido em sua Palavra, e assim começou minha vida nova. Na mesma hora, naquela noite, eu fiz este voto ao meu Senhor: - Serei o que tu queres que eu seja, farei o que tu queres que eu faça, irei aonde tu queres que eu vá. Senti logo que queria dedicar minha vida pra ser uma obreira do Senhor, mas para fazer isto eu precisava continuar o meu preparo indo para a universidade e depois para o seminário (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004 p. 141).

A experiência religiosa¹⁷ é uma “invenção” humana, como tudo que o humano “produz” para tornar a realidade inteligível, representável e suportável (dependendo da situação). Portanto, para entender o valor desse fenômeno como elemento fundamental na escolha da Ana Wollerman pela vida missionária é necessário ressaltar que ela transitava tanto nas figurações religiosas, já que sua família, amigos e demais conhecidos eram batistas, quanto em figurações não religiosas. Estas são distintas entre si, porém mantêm circularidade de sujeitos e valores que compartilham representações que as tornam interdependentes ainda mais numa região tão conservadora como a do sul dos EUA.

É nessa sociedade que Ana Wollerman estava figurada. Portanto, sua experiência religiosa é uma experiência de ruptura com esta ordem social que não concede “espaços” para o diferente, o herético ou qualquer outro que não se sinta em seus padrões, mas também que, paradoxalmente, se sente “estigmatizada” e experimenta o limite entre o querer, ou não, participar desta ordem. Nesse sentido ela parte de uma crise existencial que se manifesta dialeticamente em uma busca de sentido (externalização), um *ethos* religioso ou imaginário que produz valores e um conjunto de representações doutrinárias (objetivação) que por sua

¹⁷ Segundo Gomes (2011) em seu estudo sobre o uso da noção de conversão em teólogos clássicos do protestantismo histórico e na psicologia social da religião. Grosso modo, a conversão é uma ação do sagrado no humano que gera convencimento do pecado, arrependimento e tomada de consciência para uma nova vida (Teologia). Geralmente parte de uma crise existencial, que leva a uma consciência de erro do estilo de vida que levava antes da experiência religiosa. Tal consciência leva a uma mudança de vida. A conversão pode ser de uma religião para outra. Em pessoas que nunca pertenceram anteriormente a nenhuma religião; ou uma reconversão, ou seja, o retorno de uma religião específica (Psicologia Social da Religião).

vez a leva interpretar ou subjetivar - com base neste imaginário - uma invenção de sentido do que ela “imaginava” que Deus queria para sua vida (internalização) (BERGER, 1985, pp. 15s).

A partir desta “invenção” de sentido, Ana Wollerman ingressa no curso de Bacharel em Artes da *Ouachita Baptist College*¹⁸ em *Arkadelphia, Arkansas* que pagou com serviços de secretariado. Em seguida, buscou se matricular no curso de Mestrado em Educação Religiosa do *Southwestern Theological Seminary, Fort Worth* na condição de bolsista, mas teve seu pedido negado. Sua intenção de cursar o mestrado era porque estava certa de que queria ser missionária em outro país.

Possivelmente o interesse de Ana Wollerman de vir para o Brasil foi durante o período que cursou Bacharel em Artes:

[...] podia eu me formar o grau de Bacharel cum laude¹⁹, graças ao meu Pai [Deus]. Durante este período, passei passo a passo sabendo cada dia mais o que Deus queria, o que era o Seu plano para minha vida, e logo fiquei sabendo plenamente que ele queria me enviar ao Brasil como missionária. Não mesmo numa cidade grande onde o trabalho evangélico já era bem desenvolvido e havia muitas missionárias, mas colocou no meu coração o desejo de ir para o interior, ser uma missionária pioneira, indo a lugares pequenos, difíceis, onde outros missionários não estavam trabalhando. Queria viver com o povo brasileiro, ficar realmente uma com eles, ser realmente uma benção, uma enviada de Deus para ensiná-los a Bíblia, falar de Jesus, explicar o evangelho, ajudar para que eles também pudessem ser salvos, abrir escolas e estabelecer igrejas. Foi muito nobre o plano de trabalho que eu tinha, mas para conseguir isto, e ser nomeada por uma missão batista, precisava ir para o seminário (Ibid., p.141).

Conforme o *Jornal Batista (OJB, 1952, p. 8)*²⁰, possivelmente seu interesse de vir para o Brasil se deu na ocasião em que a missionária Telma Bagby, nora de Willian Buck Bagby e

¹⁸ Hoje, Ouachita Baptist University

¹⁹ *Cum laude*, significa “com honras”. É uma frase latina usada com frequência nos EUA e Inglaterra para homenagear alguém que tenha alcançado um nível de distinção acadêmica. Os níveis de graduação são classificados em três honras: *Cum Laude* (Com Honras), *Magna Cum Laude* (Com Grandes Honras) e *Summa Cum Laude* (Com a Maior das Honras) – disponível em: <http://www.thefreedictionary.com/summa+cum+laude>. Apesar de Ana Wollerman, usar a primeira expressão, na verdade, o grau titulado a ela foi o terceiro nível de honra. Tal documento pode ser encontrado tanto na biblioteca da Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman em Dourados-MS, quanto no anexo de fotos do texto de Nogueira (2004), “Ann Mae Louise Wollerman: recorte biográfico e sua contribuição para a historiografia batista de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul”.

²⁰ É possível ver também no processo da Câmara Municipal de Amambai-MS que dá o título de cidadã amambaense para Ana Wollerman.

Anna Luther Bagby²¹ (segundo casal de missionário batistas enviados para o Brasil), esteve relatando o desenvolvimento e necessidades do trabalho missionário batista no Brasil na *Ouchita Baptist College*. Geralmente, quando estavam de férias além de rever familiares, os missionários saíam pelas igrejas, seminários e colégios palestrando e relatando sobre o trabalho missionário nos países que eram enviados. Tais relatórios tinham a função não somente como prestação de contas, mas também para manutenção das motivações de cooperação financeira e despertamento de novos candidatos para o trabalho missionário.



Ana Wollerman com 27, dois anos antes de ingressar no Seminário em Fort Worth. Acervo: Biblioteca da Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman

Tempos depois, após trabalhar na Igreja Batista *Corpus Christi* e voltar de Pine Bluff onde esteve cuidando de seu pai que estava muito doente, Ana Wollerman recebeu o convite do presidente do Seminário Batista Teológico em Fort Worth, o Dr. R. Scarborough, para trabalhar como sua secretária e assim fazer o Mestrado em Educação Religiosa (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, p.141). Em 1961 e 1992, Ana Wollerman foi homenageada por estas instituições com o título *summa cum laude* por distinção e pelos

²¹ Noemi Loureiro (2006, FEUSP), “Anna Bagby, educadora batista (1902 - 1919)”, investigou o trabalho da missionária Anna Bagby em São Paulo.

serviços prestados no Brasil sob a justificativa de que ela teria trazido honra a estas instituições e ao seu país.

Ainda há muito o que investigar sobre o conteúdo da formação dos missionários do protestantismo de missão que vieram para o Brasil, inclusive, sobre a Ana Wollerman, sabemos pouco sobre sua formação a não ser o que ela informou no final do seu relato autobiográfico:

Eu tinha estudado a língua grega e muitos cursos bíblicos no colégio ou na universidade batista, mas no seminário fiz o curso de Educação Religiosa, e para colar grau de mestrado não era obrigatório fazer uma tese ou uma dissertação. Era um curso muito intenso de dois anos, muitas aulas, muitos papéis para serem escritas durante os anos, de modo que eu não tenho assim cópia de dissertação ou qualquer outra coisa para ajudar o irmão, mas eu posso dizer que sem a preparação que eu recebi no seminário, eu creio que eu não teria tido o bom ministério que tive lá em Mato Grosso como professora, como evangelizadora e como, no ministério de educação ministerial, que Deus me deu (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004 p. 176).

A possível carga de disciplinas com conteúdos bíblicos como, “grego e cursos bíblicos” leva-nos a hipótese que a educação tivesse caráter de formação missionária com fins de evangelização. Havia possivelmente muitas disciplinas de caráter didático e pedagógico, pois segundo ela, sua formação na graduação e no Mestrado foi fundamental para o exercício de magistério. Considerando que a graduação de *Bachelor of Arts* não tinha caráter específico para formar missionários, mas pelo fato de ela lembrar com mais facilidade das disciplinas específicas da formação missionária aponta a importância e a centralidade da evangelização em sua formação.

Após concluir sua formação, Ana Wollerman, pediu sua nomeação pela Junta de Missões de Richmond, mas foi negada. Após ter seu pedido negado, Ana Wollerman aceitou um convite feito pelo Seminário Batista Teológico em Fort Worth para cuidar das atividades religiosas nesta instituição. No primeiro e segundo ano realizou atividades de caráter missionário a fim de despertar novos missionários. Numa dessas atividades, ela se encontrou com o missionário Willian Clyde Hankns, no Brasil conhecido como Guilherme Hankns, que trabalhava como missionário em Ponta Porã, Mato Grosso e agora estava de férias com sua família nos EUA. Ele falou da necessidade de mais missionários na região pontuando a ausência de escolarização de crianças, jovens e adultos e a necessidade de evangelização. Foi aí que Ana Wollerman se sentiu novamente motivada para ao Brasil e então radicalizou sua decisão:

Irei ao Brasil se o Senhor quiser, com a nomeação de uma Junta ou sem a nomeação. Mas tu (Deus)²² tens que abrir a porta [...] eu andei umas horas depois até o escritório do presidente da universidade e pedi demissão. Ele perguntou: Como é que você vai para o Brasil? Eu respondi: Eu não sei. Ele disse: Você está sendo nomeada pela missão? Eu disse: não senhor. Ele disse como você vai fazer o trabalho sem sustento? Eu outra vez disse: Eu não sei. Mas eu tinha prometido a Deus que eu iria sem nomeação se Ele (Deus) abrisse a porta. Agora a porta não era bem, bem aberta, de maneira nenhuma, mas eu sabia que eu tinha que entrar (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, pp. 142, 143).

Mesmo passando por muitas dificuldades para conseguir a aprovação do Consulado brasileiro de visto para o Brasil, e, muitas peripécias para chegar até o Porto de *New Orleans, Lousiana*, ela veio num navio cargueiro, juntamente com a família do missionário Hankns e chegaram ao Brasil em 21 de março de 1947 (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004 p. 145,146).

Na sequência serão pontuados alguns aspectos fundamentais do *ethos* religioso da Ana Wollerman, pois seu projeto missionário, por meio de escolas batistas no Mato Grosso, foi fundamentado pelas representações do grupo religioso de tradição batista que ela fazia parte.

Contexto de formação religiosa

O relato autobiográfico da missionária Ana Wollerman é marcado do início ao fim por um discurso onde o sentido de sua vida, desde antes dos seus pais se conhecerem, é sua vocação e missão religiosa. Portanto, entender o “lugar religioso” a partir de onde Ana Wollerman fala é fundamental para entender como ela concebia o mundo, o representava e queria ser representada. De saída, ela parte no seu relato mostrando que seus avós e seus pais eram batistas, e não somente isso, mas mostrando que ambos eram comprometidos com os valores éticos, morais e espirituais com a tradição batista:

Meu avô paterno se chamava Theodore Wollerman; nasceu e viveu na Alemanha com sua esposa Cristina Maria; Mas no ano de 1873, por causa da **economia e o moral**, ele saiu para começar uma nova vida na América. [...] ambos eram crentes evangélicos. [...] A família do meu pai era batista. [...] Naquela época, ninguém na cidade possuía um carro, e assim, a minha família andava dezesseis quadras da **nossa casa para Igreja**, carregando muitas vezes os pequenos nos seus braços, mas **éramos sempre na igreja aos domingos e quartas-feiras à noite para o culto de oração** (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, p. 140)²³.

Portanto, ela constrói um discurso hagiográfico de si mesma onde o “fim repete o início”, ou seja, a razão de ser uma missionária “bem sucedida” no presente é porque na

²² Fiz inserções entre parênteses para ajudar na compreensão da fala da Ana Wollerman.

²³ Grifo meu.

origem ela cresceu numa família que cultivava os valores de um “verdadeiro crente” batista. Sua fala mostra esta característica não apenas nesta parte, mas também pelos demais já citados e pela totalidade do documento. E assim prevalece a suplantação de uma imagem pública sobre a privada (CHARTIER, 2011 p. 297, 298). Ela começa falando da importância desta formação para sua vida e termina (na sexta fita K7) enfatizando a importância destes valores transmitidos pelos seus pais:

Sou muito grata aos meus pais porque, não somente nos levavam à igreja, mas em casa eles oraram conosco, eles nos ensinaram a orar quando éramos bem pequenos, e nós tivemos um lar onde não havia nenhum dos vícios do álcool ou de fumar, mas um lar cristão, e sou muito grata a Deus por isto (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, p. 176).

Que valores são estes? Quem foram os batistas e quais representações deste grupo estão presentes no contexto de formação de Ana Wollerman?

A origem dos batistas está no movimento puritano do século XVII, especificamente, em 1609 sob a liderança de John Smyth em um grupo de refugiados ingleses na Holanda fugindo da perseguição da coroa britânica e, oficialmente, em 1612, nos arredores de Londres, sob a liderança do pastor Thomas Helwys. Entre os séculos XVII e XX, os batistas passaram por muitas transformações na estrutura eclesiástica e teológica, não é oportuno discorrê-las aqui, mas para efeito de entendimento do contexto que se encontrava Ana Wollerman em meados do início do século XX, cumpre destacar os principais elementos constitutivos do pensamento batista.

O primeiro elemento é o puritanismo, este em si era de uma pluralidade de ideias, interesses e práticas, mas alguns elementos são comuns e servem como chave de leitura do mesmo: o anticatolicismo radical, a ponto de alguns quererem acabar totalmente com as práticas de culto que representasse o catolicismo com seus vestuários sacerdotais, sua teologia tomista²⁴, eclesiologia hierárquica²⁵, intercessão dos santos e do sacerdote na celebração dos

²⁴ Do teólogo Tomás de Aquino (1225-1274).

²⁵ Conforme a reforma de Gregório VII (1021-1085). Em sua concepção de “igreja hierárquica” se refere à condição piramidal e de estamento. No vértice está o Papa, “o Pontífice romano, uma vez ordenado canonicamente é indubitavelmente Santo pelos méritos de São Pedro”. Do papa (bispo monarca) deriva como estamento mais alto, o poder dos bispos cardeais, estes são comparáveis aos senhores feudais e príncipes do império, que se farão senhores e príncipes feudais nas relações com os leigos na sociedade. Outro estamento é o constituído pelo “baixo clero”, ou propriamente, chamados de sacerdotes. Estes estão abaixo dos bispos e acima dos leigos devido a ministração do culto, do poder de “dizer missa” e administrar os sacramentos. Outro estamento bastante peculiar é o formado pelos “monges”, que além de influência espiritual, exercem domínio social através de seus poderosos “Abades” dos mosteiros transformados em feudos de grande poder. Por ultimo o estamento do “leigo” que se define pela falta de poder e posição dentro da pirâmide da “Igreja hierárquica” (VELASCO, Petrópolis, 1996, pp.174,175).

sacramentos/ordenanças religiosas e as relíquias. Outras características puritanas são; a sobrevalorização da autoridade da Bíblia em relação a tradição, o livre acesso a Deus e aos bens de salvação pela liberdade de consciência e, fundamentalmente, uma moral radical entendida como “santificação” que projetava uma sexualidade rígida, afastamento dos vícios, de atividades de lazer que envolvesse festas, teatro, etc. Tal prática foi entendida por Weber (2005) como ascese secular ou “ascetismo intramundano”.

No relato autobiográfico de Ana Wollerman é possível perceber o elemento do anticatolicismo em uma visita que fez a casa de Dona Laura, mãe da Dona Senhorinha em Amambai-MS. Ana Wollerman questiona o uso de crucifixos e insinua que Dona Laura somente seria “salva por Jesus” se deixasse o catolicismo. Ainda no relato abaixo, verifica-se outra representação puritana, que é quanto a liberdade de consciência e acesso a Deus sem a mediação de relíquias e sacerdotes, apenas pelo “Espírito Santo”:

Então Dona Senhorinha me levou pra fazer visita a ela [Dona Laura]. E eu falei de Jesus, como ele veio morreu na cruz para nos salvar e ela disse: Mas eu tenho Jesus! Eu disse: A senhora tem Jesus? E ela me levou ao seu quarto, uma cama muito comum daquela região, mas em cima da cama, na parede, estava um crucifixo grande, que custou muito dinheiro [...] Expliquei mais um pouco para ela, orei, e o Espírito Santo fez a obra, porque mais tarde até Dona Laura aceitou o Jesus, o único Jesus que não se vê com os olhos, como aquele crucifixo, mas é o único meio de se conhecer Deus como Pai e ter entrada no céu. Ela e seu esposo, senhor João, foram fiéis crentes até o fim de suas vidas (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004 p. 148, 149).

Além destes elementos, verificam-se outros de caráter moral. Segundo Ana Wollerman, seus avós teriam vindo da Alemanha não somente por causa de questões políticas e econômicas, mas também por preocupações “morais” (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, p. 140). Também pode ser percebido quando ela fala de sua família de “lar cristão”, porque não havia vícios de bebidas alcoólicas e cigarro (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004 p. 176). Além disso, quando mencionou a razão de muitos de seus alunos (“fruto” de seu trabalho missionário no Brasil), terem sido bem sucedidos profissionalmente era porque eles eram “mais certos e trabalhadores honestos” (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004 p.151).

Outro elemento fundamental na constituição da identidade batista é uma síntese entre calvinismo e arminianismo. Grosso modo, a partir de João Calvino (1509-1564), os calvinistas propuseram como dogma, legitimado institucionalmente nos Concílios de Dordrecht, Holanda (1618 a 1619) e Westminster, Inglaterra (1647), uma doutrina da salvação

em que a “soberania de Deus” na história, passasse ter papel fundamental para salvar a humanidade. Tal conceito leva como implicação que Deus “predestinou” para salvação seus eleitos antes da fundação do mundo e, a vontade humana perdeu a capacidade de liberdade depois do “pecado original” (WEBER, 2005 pp. 42s). Por outro lado, há a necessidade de construção de um “corpus calvinista” doutrinário em reação a outro pensamento sobre a salvação muitíssimo forte na Europa do século XVII, o “arminianismo”. Este último, de Jacó Arminius (1560-1609) concorda com o conceito de soberania, porém flexibilizada, pois não retira a capacidade humana de “livre arbítrio” para escolher ou rejeitar a “salvação”.²⁶ Em síntese, calvinismo-arminianismo na experiência batista abranda a soberania de Deus com a responsabilidade humana. A segurança da salvação se dá entre o sentimento de certeza da graça misericordiosa de Deus e o compromisso com a ética e a moral religiosa. Segundo Weber:

Mas todas as comunidades batistas desejavam ser Igrejas puras, pela conduta inocente de seus membros. Um repúdio sincero do mundo e de seus interesses, uma incondicional submissão a Deus que nos fala por meio da consciência, eram os sinais indubitáveis da verdadeira redenção, e o tipo de conduta correspondente era pois indispensável para a salvação. E assim, o presente da Graça de Deus não podia ser merecido, mas apenas aquele que seguisse os ditames de sua consciência poderia ser justificado por considerar-se remido (WEBER, 2005, p. 69).

Segundo o relato da missionária Ana Wollerman sobre sua experiência de conversão, inclusive já citado anteriormente (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004 p.141), é possível perceber tais elementos puritanos, após sua “conversão” ela firma seu compromisso ético-moral com os valores da religião e se sente comprometida com o serviço religioso missionário. Ou seja, a experiência de fé batista cobra uma externalização concreta da salvação que, tanto pode ser observado no *modus vivendi* puritano, quanto ser radicalizado numa entrega completa ao serviço missionário.

Em seus relatos sobre o trabalho missionário em Amambai, Ana Wollerman fala de uma experiência muito comum após a conversão, que exemplifica que mesmo não entregando

²⁶ As disputas de poder entre estas duas linhas teológicas influenciou o pensamento batista da seguinte forma; a Igreja criada em 1612 era de teologia arminiana e por defender que a “salvação é para todos”, foram chamados de “batistas gerais”. Enquanto que os batistas calvinistas oficialmente surgiram em 1633 em Londres de uma congregação independente, liderada por Henry Jacob. Por defenderem a “predestinação” foram chamados de “batistas particulares” (AZEVEDO, 1996 p. 79s). Mesmo que os batistas ingleses tenham surgido comprometidos com o calvinismo radical ou com o arminianismo, inclusive publicando seus posicionamentos via “Confissões de Fé”, estudos sobre estes documentos têm mostrado que sempre houve uma tensão (não resolvida) entre estas compreensões teológicas no pensamento batista norte americano e brasileiro (AZEVEDO, 1996 pp. 84s).

a vida completamente ao serviço missionário, o “novo crente” sente a necessidade de maior envolvimento com a comunidade religiosa.

Dona Ana, todas as noites mesmo quando estava muito cansado dos trabalhos na roça, eu, depois de me jantar, eu sentei e li aquela Bíblia para Zunemi, e quanto mais eu li, quanto mais eu desejava conhecer este Jesus. Portanto eu já vendi a chácara e vou me mudar para Amambai para poder assistir os cultos na igreja e estudar, e também ser um crente (Ibid., p.153).

O relato fala de um homem que Ana Wollerman não se lembra do nome, mas que era irmão da Dona Senhorinha e esposo de uma pessoa que ela chama de “Dona Nena”. Por ocasião de uma visita que a missionária fez a esta família, este homem se comprometeu a ler a Bíblia para sua filha Zunemi, esta era analfabeta e tinha problemas físicos causados pela meningite. Este homem se converteu e decidiu vir para cidade a fim de fazer parte da igreja. Outrossim, “estudar” em sua fala acima, não é necessariamente frequentar uma escola, mas participar dos estudos bíblico-doutrinários dominicais na igreja. No pensamento batista, mesmo que o grupo reconheça que a “Igreja” não se limita às “paredes institucionais”, a legitimidade para sentir-se um crente batista e “salvo” é a relação de pertença a uma igreja local, esta por sua vez implica em submissão aos valores e regras do grupo.

Além dos elementos acima pontuados, é importante destacar que Ana Wollerman foi formada pelos batistas do sul do EUA, que por sua vez são historicamente mais conservadores do que os batistas do norte (*yankees*). Os momentos que destacam estas diferenças são a “questão da escravatura” e o “movimento fundamentalista”.

A escravatura tornou-se um debate social nos EUA no século XIX dividindo o norte e o sul do país. Entre os batistas do norte, era vista como um “mau testemunho” para outras nações que estavam sendo evangelizadas por missionários batistas. Enquanto que para o sul, era visto como “mal necessário” para sua subsistência. A questão chegou ao seu limite quando a Junta Missionária Trienal, responsável por administrar e enviar missionários para outros países se recusou a aceitar um missionário do sul que era dono de escravos (VEDDER, 1997, p.119; AZEVEDO, 1996, p. 148). Em reação, os batistas do sul criaram em 1845 a *Southern Baptist Convention* (SBC - Convenção Batista do Sul). E seguida, em 1861, houve um rompimento de seis Estados sulistas do resto da nação, tal rompimento levou a guerra civil e culminou com a vitória do Norte. O ressentimento e a negação de tudo que representasse o norte continuaram entre os sulistas e, conseqüentemente, entre os batistas que não voltaram a se unir numa mesma Convenção. Os sulistas criaram uma Junta Missionária própria, na cidade de Richmond, Estado da Virgínia. Esta enviou os primeiros missionários batistas para

o Brasil e foi esta que, em princípio, não aceitou nomear Ana Wollerman como missionária, mas apenas aceitá-la como viúva após a morte de seu ex-marido quando ela já estava no Brasil.

Outro elemento presente no contexto da Ana Wollerman foi o movimento fundamentalista. O fundamentalismo protestante foi uma tardia reação religiosa à modernidade, mais especificamente, foi uma reação ao posicionamento liberal da teologia europeia diante das questões do iluminismo no campo religioso. A teologia liberal europeia buscou através de pesquisas bíblicas críticas, caracterizar o texto bíblico como um “conjunto de obras literárias” e, por conseguinte, admitir que o texto está permeado de mitos, lendas e outros gêneros e, desta forma, colocando em cheque os principais dogmas/doutrinas da fé cristã e reinterpretando o texto bíblico como símbolo de valores da sociedade moderna. Por conta disso, em 1919 grupos teológicos entre eles, batistas, presbiterianos e metodistas criaram a Associação Mundial dos “Fundamentos Cristãos”, tendo William B. Riley como presidente. Essa Associação passou a fazer conferências bíblicas nas Igrejas e nos seminários teológicos, apresentando e fazendo apologias a uma leitura literalista e fundamentalista dos textos bíblicos.²⁷

O lugar da mulher no pensamento batista

As categorias de análise abaixo, em forma de sub-tópico, foram criadas com base em um *corpus* documental composto pelos seguintes documentos; “Manual da União Feminina Missionária Batista do Brasil”, “O Jornal Batista”, Depoimento autobiográfico da Ana Wollerman, documentos oficiais do site da *Southern Baptist Convention*, e as contribuições da pesquisa de Almeida (2006) “Uma História das mulheres batistas soteropolitanas”.

²⁷ Os cinco pontos do Movimento fundamentalista eram:

1. “Inerrância das Escrituras”, ou seja, defendiam que a Bíblia havia sido inspirada verbalmente por Deus aos seus autores;
2. O “Nascimento Virginal de Cristo”, com isto reafirmavam a literalidade do texto bíblico frente à argumentação teológica liberal que lia o texto como narrativa mítica e diferenciavam entre “Jesus histórico” e “Cristo da fé”;
3. A “Expição Vicária de Cristo”, ou seja, em defesa de que a morte de Cristo teria sido em substituição da humanidade para livrá-la de seus pecados;
4. A “Ressurreição Corpórea, literalmente falando, e a Segunda vinda de Jesus”, com isso, estavam reafirmando que as narrativas bíblicas da ressurreição e os textos que dizem respeito à vinda de Jesus, para arrebatá-la igreja no ‘fim dos tempos’ devem ser entendidas de forma literal e não simbólicas, como defendiam os liberais.
5. Por fim, defendiam a “Historicidade dos Milagres da bíblia” frente à argumentação teológica liberal de que eram narrativas míticas e lendárias (TAMAYO, 2004).

Destarte, foram criadas três categorias que mostram e dão a perceber o lugar da mulher na balança de poder na interdependência do grupo (Elias), além disso, buscou-se por meio de vestígios no depoimento de Ana Wollerman perceber como ela teria construído “táticas” de mobilidades dentro de uma estrutura “estrategicamente” dominada pelo homem, ou seja, “dando golpe a golpe” a fim de recompensar o desequilíbrio de forças (Elias; Certeau).

1- Concepção antropológica de mulher. No pensamento batista a mulher é concebida como um ser humano criado por Deus assim como o homem e, portanto, à “imagem” e “semelhança” de Deus, de natureza intelectual e espiritual igual ou equivalente a do homem, porém com a diferença fundamental de natureza psicobiológica (SBC)²⁸.

2 - A missão inerente da mulher. Outra diferença que pode ser percebida é a diferença do lugar social, ou seja, o papel da mulher numa suposta divisão de funções sociais. Segundo Reuther (1993, pp. 85s), no pensamento calvinista (elemento fundamental no pensamento batista), a mulher não somente é essencialmente igual ao homem, como é tão capaz de realizar as funções de natureza espiritual que o homem realiza. Logo, a submissão da mulher ao homem não está em sua natureza, mas em sua “função” de filha, esposa e mãe. Portanto, para o pensamento institucional batista não é uma questão de inferioridade, e sim de “ordenação divina”, onde cada um; o homem e a mulher cumprem sua função para manutenção da “ordem social”.

Assim sendo, “O Jornal Batista” (OJB), criado em 10 de janeiro de 1901 com objetivo de formar o pensamento batista no Brasil (CRABTREE, 1962 *apud* PEREIRA, 1985, p. 136.), no cumprimento de sua missão publicou diversas notas, notícias e colunas que dão a perceber de que forma a mulher é representada:

A mulher nasceu para ser mãe, e tudo nela, até a inteligência, a subordina a essa função e está sujeita às suas contingências – (Júlio Dantas). A mulher governa o mundo. Para os pais, a melhor coroa de louros é uma boa filha; para o homem, o melhor tesouro é uma boa esposa; para os filhos a melhor glória é uma boa mãe. Filha, esposa ou mãe, é sempre a estrela polar que nos guia no mar da vida – (Berrutti). A grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana não é ser telegrafista, ou ser bancária, ou ser jornalista, ou ser doutora: é ser mãe e ser esposa – Ramalho Ortigão (OJB, 1954, p. 5).

Segundo Bianca Almeida (2006, p.72), tal compreensão reduz a mulher como “meio” e não como “fim” de realização em si mesma, ou seja, sua existência está em função da existência do homem. Tais representações não são apenas específicas do pensamento batista,

²⁸ *The Baptist Faith and Message* (<http://www.sbc.net/bfm/bfm2000.asp>) Acessado em 10/04/2012.

pois circulava da interdependência de outros grupos sociais, que por sua vez instituíam pelas mais diversas formas de discurso, uma visão reducionista da mulher à função de ser mãe, mulher e educadora. Segundo Jane Almeida (2000, pp. 47,48), esta compreensão tem a ver com o pensamento positivista e higienista presente nos meios políticos, científicos, religiosos, sanitaristas e intelectuais do final do século XIX que valorizava a mulher apenas como mãe e esposa abnegada.

Porém, não se quer com isto generalizar as condições histórico-sociais do Brasil do início do século XX. Pois entre as famílias mais pobres, onde muitos se juntavam sem casar, tinham filhos sem registrar e se separavam sem divorciar, a mulher conseguia ter mais mobilidade da égide de controles sociais que vinham de estratos sociais dominantes, mas ainda sim, ficavam “entre a cruz e a espada” (FONSECA, In: PRIORE, 2004, p. 520s.). Por conseguinte, as famílias com condições socioeconômicas dominantes que passaram a experimentar já desde o século XIX uma “modernização” das relações, segundo os padrões de civilidade europeia, mantinham e reproduziam a visão de mulher conforme está representado n’OJB (D’INCAO; BASSANEZI In: PRIORE, 2004, p. 221s; 607s).

Além das funções citadas anteriormente como “inerentes” à natureza da mulher, outra função fundamental no pensamento batista era a de “promover missões”. Não por acaso que a maior força do movimento missionário norte-americano no Brasil, se deu por meio das mulheres com a criação de “União missionária de Senhoras”, “Sociedade de mulheres missionárias”, “Associações femininas”, etc. (SILVA, 2008; 2011). A “União Missionária das Senhoras Batista do Brasil” foi criada em 1908 e até hoje seu objetivo é:

1. Ensinar missões; 2. Orar por missões; 3. Contribuir para missões; 4. Promover ação missionária; 5. Promover orientação quanto a problemas específicos ao elemento feminino; 6. Promover informação a respeito do trabalho e da denominação (UFMBB, 1981, p. 20).

O cumprimento dos objetivos supracitados pode ser percebido no relatório abaixo apresentado pela coordenação da união geral de senhoras na assembleia nacional de 1949 (ALMANAQUE BATISTA, 1950, p. 46). Já que muitas mulheres neste contexto não trabalham fora de casa, então elas acabavam se dedicando intensamente às atividades da Igreja e, assim, tornando sua mão de obra a principal forma de expansão do trabalho missionário batista no Brasil. Perceba que as sociedades de senhoras e moças têm papel fundamental na organização litúrgica, nas visitas entre elas para comunhão, visitas a outras mulheres para evangelização, distribuição de panfletos evangelísticos, além de outras atividades e o sustento econômico de missionários com dinheiro que levantavam.

SOCIEDADES	Sociedades por categoria	Sócias atualmente do rol	Visitas a pessoas crentes	Visitas de Evangelização	Conversas evangelísticas fora das visitas	Folhetos evangelísticos distribuídos	Bíblias e Novo Testamentos distribuídos	Reuniões e cultos devocionais dirigidos	Reuniões de Orações	Quantia levantada Cr\$	Estudos realizados
Sras.	653	13.857	195.816	134.440	293.190	193.067	11.963	8.340	10.403	487.784,50	195
Srtas.	229	3.366	47.611	31.908	85.761	98.331	3.358	6.666	1.897	43.852,20	57

Tabela 1 – Principais atividades das Sociedades de Senhoras e Senhoritas de outubro de 1947 à setembro de 1948. Fonte: **ALMANAQUE BATISTA**, 1950, p. 46.

Porém, estas atividades também dão à pensar outras possibilidades, como por exemplo, a maciça presença da mulher em todos os setores da igreja, mostra uma concentração de poder no “não poder”. Ou seja, mesmo que elas não se reunissem diretamente com a intenção de se organizar contra as estruturas dominadoras pelo masculino na sociedade, elas sabiam como utilizar este “poder” para manifestar seus interesses já que, como percebido, elas estão presentes em todos os departamentos da instituição. Isto mostra uma “força organizada” que pode ou não transformar as estruturas de poder da Igreja, como já vem transformando, “taticamente”, nos últimos anos. Segundo depoimento da Ana Wollerman, logo após ser aceita pela Junta de Richmond, ela foi eleita como secretária executiva da Convenção Batista Mato-grossense reunida em assembleia regular na cidade de Ponta Porã. “Por ano de 1954 eu tinha que sair de Amambai, indo para Campo Grande exercer a função de Secretária Executiva e Tesoureira da Convenção batista mato-grossense, “porque eu fui eleita com muita honra para mim.” (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2004 p.153), possivelmente ela foi indicada porque o missionário Glenn Bridges tinha saído de férias para os EUA, mas também fora uma oportunidade que muitas mulheres de Campo Grande - que estavam presentes na assembleia - viram para colocar uma mulher num cargo tão importante que, segundo Carlos Trapp (1999, p. 39) até então, era ocupado apenas por pastores entre eles o missionário Sherwood.

3- *Os limites da liderança feminina*. Segundo Silva (2008, p. 26), na luta que as mulheres norte-americanas empreenderam por educação, profissionalização, emprego e direitos legais, as igrejas tiveram papel fundamental. Com os chamados “Despertamento missionário” dos séculos XVIII e XIX nos EUA, as igrejas estreitaram as relações da vida religiosa por meio de retiros espirituais onde congregavam homens, mulheres e crianças. Tais atividades geralmente eram organizadas e administradas por mulheres, além disto, elas tinham a oportunidade de compartilhar tristezas, frustrações e se unir por mudanças sociais. Inclusive, foi a partir disso que as sociedades missionárias começaram a surgir. Estas sociedades não se reuniam apenas para viabilizar a evangelização, mas também para levantar fundos com o fim de criar e sustentar escolas, hospitais, orfanatos, igrejas, etc.

Tais mudanças na forma como as mulheres-norte americanas se viam estava de “mãos dadas” com um movimento feminista nada hegemônico em suas ideias que iam de posições radicais sobre o sufragismo ao conformismo.

Suas posições iam desde propostas igualitárias de gênero bastante radicais sobre os limites da atuação feminina na religião e na sociedade, até afirmações que, embora repensassem os limites da atuação feminina, não questionavam a estruturas de poder tanto nas instituições como nas teologias (SILVA, 2011, p. 34).

Esta tensão provocada pelos movimentos feministas, dentro e fora da Igreja, sempre esteve presente na construção da representação da mulher batista e conseqüentemente nos limites de atuação de seu lugar nas funções de liderança da Igreja. O lugar onde esta tensão ainda hoje causa mal estar e divide opiniões é a questão da ordenação de mulheres para o ofício pastoral. Entre os batistas as mulheres alcançaram espaços de liderança desde a igreja local até funções de liderança a nível estadual e nacional, porém quando se trata da ordenação de mulheres, quando o assunto não é tratado diretamente com posicionamentos contrários a ordenação, é tratado de forma superficial e contraditória.

Por conta disso, a atividade de ofício religioso reservado a mulher era apenas a função de “missionária”. Segundo Almeida (2006, p.139), em princípio, tal ofício tinha o mesmo *status* que o ofício pastoral, mas com o crescente número de mulheres se entregando a vocação religiosa missionária o ofício perdeu prestígio comparado ao ofício pastoral. Às mulheres não era permitido cursar Teologia, mas apenas Educação Religiosa, por isto que Ana Wollerman diz em sua autobiografia: “Pastor, naquela época, 1940 quando eu estava no seminário, as moças só podiam fazer o curso de Educação Religiosa” (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004 p.176). A formação de Educação Religiosa comparada à formação de

Teologia era composta por uma carga fortemente pedagógica e algumas disciplinas na área de conhecimento bíblico, apenas com o fim de capacitá-las para o ensino e pregação da Bíblia. Quanto as disciplinas de caráter histórico-filosófico e teológico, eram poucas, pois estas são de prerrogativa do curso de Teologia. Tais disciplinas são mais críticas e, portanto, fomentavam o pensamento crítico, possivelmente isto seria um dos motivos de serem impedidas de cursar Teologia (ALMEIDA, 2006, p. 139s).

Quanto à ordenação de mulheres, a Convenção Batista do Sul dos EUA, da qual as instituições que formaram Ana Wolerman estavam subordinadas, se posicionou sobre o assunto da seguinte forma:

O comitê afirma: A Bíblia é clara ao apresentar o ofício de pastor como restritas aos homens. Não há precedente bíblico para uma mulher no pastado, e a Bíblia ensina que as mulheres não devem ensinar com autoridade sobre os homens "(*Baptist Standard* Internet report, November 11, 2000, p.2)²⁹.

Entre os batistas brasileiros a questão já surge desde meados de 1930. O Jornal Batista, a fim de formar opinião sobre o assunto, publica na seção de “Perguntas e Respostas”;

Como é que as mulheres de hoje são até pastoras, quando Paulo proíbe claramente que a mulher ensine e fale na Igreja? (I Cor 14: 34-35). O cargo de Pastora não está de acordo com a Bíblia; felizmente que entre nós Batistas, não há semelhante cargo, apesar de a mulher ocupar na Igreja um lugar de honra que Cristo lhe ditou, e ela bem merece, pela sua dedicação, zelo e trabalho (OJB, 1939, p. 06).

A questão ganha corpo em meados de 1990 a ponto do assunto ser tratado na Convenção Batista Brasileira. Na 75ª Assembleia da Convenção realizada em Aracajú/SE, de 21 a 25 de janeiro de 1994 foi nomeado uma Comissão para fazer uma pesquisa de campo sobre o assunto por meio de questionários distribuídos em Associações estaduais e regionais. O relatório foi apresentado na 76ª Assembleia da Convenção realizada em São Luiz/MA de 20 a 24 de janeiro de 1995.

²⁹ Tradução livre.

PERGUNTAS	SIM		%		NÃO		%
Liderança da mulher na Igreja	607		92,1		44		06,7
Liderança da mulher na Denominação	615		93,3		32		04,9
Missionária – Batismo/Ceia	431		65,4		211		32,0
Ordenação – Educação/Musica Sacra	515		78,4		127		19,3
Precedentes de Ordenação feminina	201		30,5		395		59,9
Favorável a Ordenação feminina	250		37,9		384		58,3
Seria membro Igreja/pastora	300		45,5		307		46,6
Ordenação feminina min. auxiliar	378		57,4		245		37,2
Algun empecilho – mulher pastora	377		57,2		191		29,0
Algun benefício mulher pastora	206		31,3		301		45,7

Tabela 2 – Resultado do GT sobre ordenação feminina . Livro do Mensageiro. 76ª Assembleia da CBB : São Luís - MA, 1995, p. 512.

O número de pessoas entrevistadas frente ao número de batistas brasileiros revela uma amostra desproporcional. Também, qual o número de homens e mulheres que participaram da pesquisa? Qual o posicionamento das pessoas responsáveis pela pesquisa? Estas e outras questões não esclarecidas indicam que os números devem ser relativizados, mas possivelmente estes números representassem a tensão que até o presente momento não foi resolvida entre os batistas.

Os números mostram uma maioria de 93,3% que admitem que a mulher seja capaz de ser presidenta ou secretária executiva da Convenção Batista Brasileira, porém, se mostra complementemente contraditório quando se trata da ordenação ao serviço pastoral, 37,9% contra 58,3 % que não concordaram com a ordenação feminina. Além disso, 57,4 % concordam desde que não seja como pastora titular, mas apenas como “pastora auxiliar”. Mas auxiliar de quem? De um homem, possivelmente. Ou seja, a mulher pode até exercer o serviço religioso

desde que seja sob o controle e vigilância de um homem. Por causa do resultado da pesquisa a Comissão de grupo de trabalho faz a seguinte recomendação à Convenção:

1. Que as Igrejas, Associações, Convenções Estaduais, Convenção Batista Brasileira e suas entidades, continuem abrindo espaço para o exercício da liderança por parte das mulheres em sua estrutura e atividades; 2. Que as Igrejas sejam motivadas a valorizar o desenvolvimento de outros ministérios como, por exemplo, a Educação Cristã, o de Música Sacra, o de Assistência Social e outros sem distinção de gênero, além do Ministério pastoral; 3. Que a experiência de mulheres que exercem ministério específico, como missionário, ministrando o Batismo e a Ceia do Senhor em *circunstâncias especiais*, devidamente autorizadas pelas suas Igrejas, seja devidamente avaliada pela Convenção Batista Brasileira; 4. Entendemos, entretanto, à luz da pesquisa, não seja oportuna uma definição do assunto Ordenação de Mulheres ao ministério pastoral, no momento (CBB, 1995, pp. 507-512).

A partir de então as discussões passaram a ser recorrentes entre os batistas em suas Convenções. Porém, a CBB não tem poder impositivo, mas apenas propositivo. À revelia do que a CBB propõe atualmente muitas igrejas têm ordenado mulheres para o ofício pastoral. Tal disputa de poder se dá ora buscando legitimação no “Princípio da Autonomia”, caro à tradição batista, ora no “Princípio da Cooperação”³⁰ e em releituras hermenêutico-teológicas da Bíblia. Logo, as igrejas não são obrigadas a acatar todas as recomendações da CBB, porém não podem ignorá-la por causa do “Pacto” de Cooperação denominacional. Tal tensão está presente no relato autobiográfico da missionária Ana Wollerman.

Eu mesma fiz todas as mensagens, toquei o órgão, ensinei os hinos e fiz realmente o trabalho de uma pastora, mas eu nunca fui ordenada como pastora; não queria, pois **não creio nisto** pelo menos para minha vida. E era uma serva de Deus, uma missionária (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2004, p. 156)³¹.

Ao dizer que não “cria para sua vida” e ao mesmo tempo, afirmar que era “serva de Deus” na função de missionária pode soar um pouco ambíguo. Pois tanto pode dar a entender que ela aceitava a ordenação de mulheres, mas não fosse este o seu caso, quanto como missionária, ela se sentia apta para realizar as atividades de caráter pastoral sem necessariamente ser ordenada. A ambiguidade nas palavras pode ser usada como “tática retórica” onde se representa aquilo que esperam ouvir, ao mesmo tempo em que, intencionalmente, pelas mesmas palavras se diz outra coisa. Segundo Roger Chartier:

[...] Mas uma tal incorporação da dominação não exclui, muito ao contrário, possíveis desvios e manipulações que, pela apropriação feminina de modelos e de normas masculinas, transformam em instrumentos de resistência em

³⁰ Conforme documentos da “Pacto e Comunhão” dos batistas no Brasil são pelo menos cinco seus princípios: 1. Liberdade do Indivíduo; 2. Separação entre Igreja e Estado; 3. Autonomia da Igreja local; 4. Cooperação entre Igrejas e Instituições batistas e 5. Autocrítica. Veja o documento www.batistas.com

³¹ Grifo meu

afirmação de identidades [...] estas representações forjadas para assegurar a dependência e a submissão, muitas vezes elas nascem dentro do próprio consentimento reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão (CHARTIER, 1994, p. 9,10)

Em outro momento do relato ela volta a tocar no assunto e a tensão aparece um pouco mais:

[...] esqueci que era americana e graças a Deus, eles também me consideravam uma brasileira, porque amo muito aquele país, mas em tudo isto **nunca queria** ou pensava em **ser ordenada ao ministério como hoje em dia há feito** muitos para o sexo feminino, eu sabia que a minha chamada era para ser uma missionária e para ser uma serva de Jesus (*Op.cit.*, p. 160, 161)³².

O contexto da fala da missionária Ana Wollerman é bastante significativo para entendê-la. Tratava-se de um momento de debate sobre esta questão no Mato Grosso do Sul. Em 2003, os batistas da seccional sul da Ordem dos Pastores Batistas do Mato Grosso do Sul criaram sucessivos concílios teológicos para deliberar sobre a ordenação de mulheres, porque pela primeira vez no sul do estado, uma igreja batista da associação pedia a formação de um concílio teológico para a ordenação de uma mulher.

A representação da mulher no pensamento batista tem passado por fortes mudanças nas últimas décadas e automaticamente a questão sobre os limites de seu lugar nas funções de liderança. Mas para entender o lugar que Ana Wollerman ocupava no trabalho missionário em Mato Grosso durante o período que ela esteve ativa na missão (1947 - 1981), especialmente nos anos de 1947 a 1954 em Amambai/MT é fundamental levar em consideração a tentativa de caracterizações apontadas anteriormente nesta pesquisa.

³² Grifo meu

CAPITULO 2

A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA DOS BATISTAS NO PROJETO DE ANA WOLLERMAN

No capítulo anterior discorreu-se sobre a formação familiar e religiosa de Ana Wollerman. Procurou-se reconstruir por meio de suas memórias autobiográficas e elementos do contexto, aspectos que caracterizassem sua identidade missionária no Brasil.

No presente capítulo discorre-se sobre os processos de inserção dos batistas no Brasil e em Amambai – antigo sul de Mato Grosso – pela estratégia da educação e está estruturado em duas partes principais. A primeira busca mostrar a especificidade do projeto educacional batista no campo da educação. A segunda parte busca mostrar a inserção da missionária Ana Wollerman em Amambai. Desta forma, o objetivo central deste capítulo é conhecer a relação entre educação e evangelização na Missão Batista no Brasil, a fim de entender a proposta missionária da Ana Wollerman em Amambai pela estratégia da educação.

Sobre o uso da noção de estratégia

A noção de “estratégia” de Certeau (1998, p. 91s) nos ajuda a pensar que o processo de inserção e desenvolvimento dos batistas no Brasil³³ tanto foi “estratégico” quanto “tático”. Enquanto estratégico, instrumentalizou as organizações administrativas batistas, suas práticas religiosas, escolas e sua imprensa para construir nos “novos convertidos” brasileiros as representações que davam sentido a coletividade batista (Chartier). Por meio destas, interiorizou uma linguagem própria, valores, doutrinas e outros, a fim de torna-los “incluídos” na “comunidade imaginada”³⁴ dos batistas.

Enquanto tática, a inserção e desenvolvimento batista serviu como “ação calculada” no “espaço do outro”. Vale ressaltar lugar ou espaço aqui, não se reduz a dimensão física da realidade, mas também simbólica e ontológica³⁵ (imaginário) onde se dá a construção de sentido e concepção social da realidade. Ao pensar as relações de interdependência entre

³³ Também os demais protestantes de missão.

³⁴ Benedict Anderson (2008, p. 39s).

³⁵ No sentido heideggeriano, ou seja, maneira como o ser se manifesta. (ABBAGNANO, 2007, p. 666).

batistas e católicos, no Brasil do século XIX e início do século XX, a força dos primeiros na “balança de poder” é completamente desigual, mesmo com o apoio de políticos e intelectuais, pois a igreja católica mantinha relações com o Estado (ainda que tensa). Outro aspecto é a presença do catolicismo há séculos no Brasil que se configurava como substrato da cultura ou culturas brasileiras e isto dificultava a aceitação do discurso protestante. Por conta disso, os órgãos educativos e impressos dos batistas viram como necessário encontrar formas de mobilidades num “lugar não próprio” para atingir seu maior objetivo que era a “salvação das almas”. Ou seja, levar a cabo o que entendiam ser seu destino manifesto; a missão de levar sua religião, moral e política, sendo que estes, não são necessariamente separados entre si, pois sua organização religiosa e concepção do sagrado, apreendidas do texto bíblico, partem de uma hermenêutica comprometida historicamente com o lugar a partir de onde falam (CERTEAU, 2011, p.6s). Assim sendo, a presença batista no Brasil, e em especial no Mato Grosso pelo trabalho da educadora missionária Ana Wollerman, se deu numa “arte do fazer” interdependente entre estratégias e táticas, não necessariamente na mesma ordem.

Condições histórico-sociais da presença protestante no Brasil

Com base nos estudos de Mendonça (2008, pp. 43-53), a inserção do protestantismo no Brasil pode ser categorizada, fundamentalmente por meio de duas formas: protestantismo de imigração e protestantismo de missão. O primeiro encontrou oportunidade nos incentivos do governo para imigração de estrangeiros tanto da Europa quanto dos Estados Unidos. Desde o século XVIII, com o tratado da “Aliança e Amizade e Comércio e Navegação” entre Brasil e Inglaterra assinado por Dom João VI (1810), imigrantes ingleses - entre eles protestantes - começaram a vir para o Brasil para trabalhar na construção de estradas de ferro. Nesta ocasião, o incentivo à imigração norte-americana levou boa parte dos imigrantes para Santa Bárbara d’Oeste/SP (1867). Os grupos de Santa Barbara, mesmo sendo caracteristicamente proselitistas, não tiveram tal preocupação, mas escreviam cartas para suas juntas missionárias nos EUA dando informações sobre o Brasil e solicitando a presença de missionários para a evangelização dos nativos brasileiros (AZEVEDO, 1999, p. 193). No Sul, se instalaram os Luteranos e Reformados (a partir de 1824) das mais diversas nacionalidades: húngaros, holandeses, franceses e suíços.

A inserção do protestantismo de Missão deu-se fundamentalmente pela colaboração de missionários colportores³⁶. O primeiro missionário no Brasil foi o reverendo metodista

³⁶ Vendedores de bíblia.

Fountain E. Pitts (1835), porém os que mais se destacaram, nos diversos círculos sociais do Brasil foram: Daniel Kidder e James Cooley Fletcher, estes em suas viagens do norte ao sul do Brasil escreveram *Brazil and the Brazilians*, texto que se tornou clássico para informação e formação de missionários que se preparavam para vir ao Brasil (AZEVEDO, 1996, p. 192). Entre as primeiras igrejas fruto do protestantismo de Missão no Brasil estão: Congregacionais (1858), Presbiterianos (1862), Batistas (1871) e Metodistas (1871). Uma das características mais importantes desta forma de inserção foi o trabalho de evangelização direta e indireta com forte ênfase “conversionista”, por meio das mais diversas estratégias, entre elas: venda e distribuição de bíblias, imprensa, atendimento médico, assistência social e, fundamentalmente, por meio da educação.

O desenvolvimento da presença protestante no Brasil no século XIX e início do século XX, nas suas mais diversas representações, pode ser entendido na esteira da teoria sociológica de Elias. O protestantismo de missão se aliou, na “balança de poder”, a grupos de intelectuais liberais que militavam por valores filosóficos e sociológicos do liberalismo, positivismo e do republicanismo, pois tais valores estavam presentes nas representações coletivas que fundamentavam a concepção de indivíduo e sociedade dos protestantes. Estas questões traziam consigo profundas disputas de forças políticas e econômicas, tanto entre os próprios liberais e entre os próprios conservadores, quanto entre liberais e conservadores cujo centro estava os interesses da monarquia. Elias mostra que o governante tem lugar central na estrutura interna da configuração, pois com sua máquina burocrática e a necessidade de manutenção de interesses próprios, precisa cooperar, ora com um grupo, ora com outro, todavia sem deixar, em algum nível ou intensidade, de apoiar à todos (ELIAS, 1993 p. 149). Por este motivo, o governo brasileiro aprovou leis que tanto atendiam os interesses dos grupos liberais, entre eles, os protestantes (Tolerância religiosa, casamento civil, de cemitério, circulação, etc.), e ao mesmo tempo em que apoiava o partido conservador, manteve a união com a igreja católica uma política centralizadora.

Além do trabalho de Antônio Mendonça, já comentado anteriormente, outro trabalho que pode auxiliar nesta análise é de David Vieira (1999), em que apresenta um profundo trabalho empírico sobre a relação entre maçonaria e protestantismo em prol de ideologias liberais e contra a união da igreja católica com o Estado. Mostra que a maçonaria tornou-se um espaço de circulação e trocas de interesses entre políticos liberais, empresários, padres jansenistas, abolicionistas e missionários protestantes. Tal relação colaborou como elemento catalizador da “Questão religiosa” no Brasil.

A institucionalização dos batistas no Brasil

Conforme já foi dito, com a divisão da Convenção Batista Trienal nos Estados Unidos por ocasião da questão da escravatura, os sulistas criaram em 1845 a Convenção Batista do Sul para continuar com sua visão de projeto missionário. Em 1859 após leituras do livro *Brazil and the Brazilians* a Convenção decidiu voltar suas atenções para o Brasil e, neste mesmo ano, Thomas Jefferson Bowen (1814-1875) veio como missionário para o Rio de Janeiro. Bowen trabalhava na confecção de uma gramática Yorubá e desejava formar uma igreja, tanto entre imigrantes ingleses, quanto entre escravos brasileiros, mas ficou doente e teve que voltar para os Estados Unidos (OLIVEIRA, 2005, pp. 105 – 134; AZEVEDO, 1996, pp.192,193).

O trabalho de Bowen não vingou, mas em 1867 com a instalação dos imigrantes sulistas em Santa Bárbara D'Oeste - SP, foi organizada a primeira igreja batista (1871) em solo brasileiro sob a liderança do pastor Richard Ratcliff (1831-1912). Com a morte de sua esposa, o pastor voltou para os EUA e deixou no seu lugar o pastor Elias Hotton Quillin (1822-1886). Nos EUA Ratcliff relatou para a Convenção a necessidade de enviar missionários para o Brasil. Além do seu relatório, outro “testemunho” que também contribuiu para vinda de missionários para o Brasil foi do general Travis Hawthorn, este fora ex-combatente na guerra civil e viera como colono para Santa Barbara D'Oeste. Foi com base nos relatos de Ratcliff e Hawthorn que a Convenção enviou o casal de missionários William Buck Bagby (1855-1939) e Anne Luther Bagby para o Brasil (1859-1942) (OLIVEIRA, 2005, pp. 330 – 336; 450 – 456)³⁷.

Em 1881 o casal de missionários Bagby assumiu a igreja de Santa Bárbara D'Oeste, mas depois foi para Salvador onde em 1882, organizaram com cinco pessoas, a primeira igreja batista nacional. Desde então, igrejas foram organizadas nas principais cidades brasileiras mantendo as características eclesiológicas das igrejas dos EUA (AZEVEDO, 1996, p. 194).

Diante do forte crescimento dos batistas no Brasil, de 312 membros no ano da proclamação da República para um pouco menos de 8000 em 1907, os batistas procuram organizar-se como Convenção Nacional. Entre os dias 22 a 27 de julho de 1907 com 43 delegados que representavam 39 igrejas e corporações, eles aprovaram a Constituição

³⁷ As páginas informadas na obra “Centelha em restolho seco: uma contribuição para história dos primórdios do trabalho batista no Brasil” de Betty Antunes de Oliveira refere-se a porções das cartas (algumas inteiras), enviadas por Ratcliff e Hawthorn para junta missionária de Richmond.

provisória das igrejas batistas do Brasil, ou seja, a Convenção Batista Brasileira (CBB) (REILY, 1984, p. 175).

A organização e desenvolvimento dos batistas no Brasil deu-se a partir de dois princípios fundamentais para os batistas: a autonomia da igreja local e a cooperação entre estas igrejas. O último por causa do primeiro, funciona como apoio administrativo, financeiro e educativo no treinamento de lideranças e missionários. A cooperação foi fundamental para a formação do pensamento batista no Brasil, para tanto se organizou em “Juntas executivas missionárias” que se organizavam por áreas de abrangência e tinham a função de enviar, sustentar e apoiar missionários nas terras próximas e longínquas. Desta forma foram criadas “Juntas educativas” que administravam seminários, institutos teológicos, casas de formação de obreiras, colégios e escolas; “Junta da Casa Publicadora Batista”, responsável pela publicação de livros, revistas para escolas bíblicas, revistas de treinamento de lideranças, jornais, etc. Além destas, foram criadas outras Juntas, todas com o fim de gerir a estrutura religiosa apoiando as igrejas locais e criando novas igrejas (MESQUITA, 1941, pp. 17s).

Um dos principais órgãos que serviu como meio de informação e “formação” do que significava ser batista no Brasil foi “O Jornal Batista” (OJB). No sentido certeuniano (1998, pp. 91s) o OJB serviu como um “lugar próprio” onde se pudesse criar e reproduzir uma linguagem específica dos batistas no Brasil e um sentimento de pertença ao grupo, além de estabelecer “um domínio do lugar pela vista” numa “prática panóptica” de vigilância das práticas religiosas³⁸ e, um lugar de “produção de poder” pelo consumo das representações d’OJB.

Reis Pereira citando Crabtree, um dos missionários que participou do projeto de criação d’OJB, diz:

O maior serviço que a Casa Publicadora prestou a Causa Batista, especialmente neste primeiro período foi da publicação d’O Jornal Batista. Publicar o jornal foi à primeira preocupação dos missionários, quando resolveram colocar no Rio a casa editora. [...] tem sido também sólido doutrinador do povo batista e firme defensor das convicções batistas CRABTREE, 1962 *apud*. PEREIRA, 1985, p. 136).

Neste sentido, na esteira de Chartier e Elias, o jornal foi fundamental para interiorizar representações religiosas construindo um sentimento de unidade institucional e

³⁸ Como exemplo de vigilância panóptica pode ser visto na tese de Araújo (2006, p. 50) “Educação e conversão religiosa: Os batistas de Richmond e o Colégio Taylor-Egídio de Jaguaquara – BA 1882 – 1936” (UnB) onde problematiza através de dados da secretaria da primeira igreja batista de Salvador – BA a questão de batismos e exclusões de membros da igreja.

denominacional nos batistas, ou seja, uma imagem “eu-nós” de pertença e ao mesmo tempo de diferenciação do católico, do espírita e dos outros grupos protestantes³⁹.

Esta representação de si batista deu-se numa relação interdependente dentro do próprio grupo por meio das trocas funcionais entre representações doutrinárias, por meio dos impressos (jornais, livros, revistas, etc.) e apropriações destas representações nos centros de formação religiosa das lideranças. Isto significa que estas lideranças retornavam dos centros de treinamento teológico com publicações, ensinamentos para em suas igrejas locais produzir/reproduzir a promoção da própria imagem vis-à-vis a estigmatização dos demais grupos como heréticos, pagãos, idólatras, imorais, etc. e, por conta deste ‘exclusivismo’ também recebiam “contraestigmatizações” dos demais grupos (ELIAS; SCOTSON, 2000 p. 22-28).

A “educação evangelística” dos batistas no Brasil

Quando os “batistas de imigração” se instalaram em Santa Barbara D’Oeste (1867), uma de suas preocupações fundamentais estava em continuar a educação de seus filhos. Situação esta que procuraram resolver criando as “*School Houses*”, aonde tanto professores vindo dos EUA especificamente para este fim, quanto os irmãos mais velhos das famílias colonas, se responsabilizavam pela educação dos demais na Colônia de Santa Barbara. Quando, porém estas escolas não atendiam mais as necessidades de continuidade dos estudos, voltavam para seu país de origem ou passavam a frequentar as escolas protestantes já estabelecidas e consolidadas no Brasil (OLIVEIRA, 2005, pp. 52-58).

Quanto aos batistas de missão, as origens e desenvolvimento de seu trabalho voltado para educação, ou melhor, voltado para evangelização por “meio” da educação, pode ser pensado em princípio, a partir da sugestão de periodização de Machado. Segundo este autor, a periodização da educação batista no Brasil se organiza com base na relação institucional das escolas e colégios com a Junta Missionária de Richmond e a CBB. Para tanto organiza em cinco períodos: Iniciativas individuais (1888 - 1898); Apoio tímido dos órgãos oficiais (1898 - 1907); Contribuição efetiva da Junta de Richmond (1907 - 1936); Direção das instituições de ensino nas mãos dos brasileiros (a partir de 1936) e diminuição gradativa de apoio da Junta

³⁹ Para verificação da base empírica sobre esta questão, a tese da Anna Adamovcz (2008) “Imprensa protestante na primeira república: evangelismo, informação e produção cultural. O Jornal Batista 1901 a 1922”(USP), pode ajudar entender como se deu este processo “estratégico” de interiorização de “representações” da religiosidade e concepção de mundo social dos batistas, como também constituição e organização dos batistas no Brasil. Outro texto que trata desta questão é o trabalho de Azevedo (1996) “A Celebração do Indivíduo: a formação do pensamento batista no Brasil”.

de Richmond a partir de 1936 (MACHADO, 1994, p. 55-68). Todos estes momentos são marcados por disputas de poder no interior da denominação. Porém eu reduziria os últimos dois em apenas um período. Isto porque a diminuição progressiva de apoio financeiro da Junta de Richmond às instituições brasileiras se deu no mesmo momento. Logo, o que tudo indica é que a Junta de Richmond diminuiu a ajuda porque perdeu ou diminuiu pelo menos, seu poder e controle sobre as instituições brasileiras. Mas isto é apenas uma hipótese, que só poderia ser confirmada ou falseada diante de uma pesquisa mais aprofundada da documentação⁴⁰.

Assim sendo, o primeiro período marca os esforços individuais dos primeiros missionários que mesmo sem o apoio da Junta Missionária construíram escolas de pequeno porte com fins evangelísticos e como meio de angariar recursos para sobreviver no Brasil. Neste caso, vale uma observação – passível de maior aprofundamento antes de generalizações – é possível que a maior parte das primeiras escolas protestantes tenham sido criadas pela iniciativa de “missionárias”⁴¹ esposas de missionários ou solteiras. Pois os homens se dedicaram mais ao trabalho itinerante de manutenção e abertura de novas igrejas, ficando para elas, além da responsabilidade de criar e administrar uma escola, a criação dos filhos (para as casadas) e o trabalho do “pastoreio” das “almas” da igreja local (ARAÚJO, 2006, p. 184).

Segundo Loureiro (2006, p. 35, 36), desde 1882 as missionárias Anne Bagby e Laura Taylor já havia encaminhado um pedido de apoio financeiro para abrir no Brasil as “*Poor School Fund*”. Porém a Junta Missionária não via como prioridade diversificar os recursos do fundo missionário para educação, mas sim, apenas para pregação do “evangelho”. E, pelo que

⁴⁰ O “apoderamento” de pastores e missionários brasileiros de instituições que até então eram administradas por missionários norte-americanos, principalmente de escolas e seminários localizadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória e Recife - pois eram as maiores instituições - se deu a partir de uma disputa de poder que ficou conhecido como “Questão radical” (1921 à 1925), inclusive com a saída de 55 igrejas da convenção regional do Pernambuco criando a Associação Batista Brasileira. Em outro momento teve o “Neorradicalismo” (1935-1936), este último não durou muito tempo porque a Junta de Richmond conseguiu contornar com negociações. Segundo Machado (1994; 1999), as reivindicações do primeiro e segundo movimento eram: investimento do dinheiro da Junta para escolas e a evangelização de forma parietal, maior participação da administração das instituições acima referidas e do conselho gestor dos recursos enviados pela Junta de Richmond. Os grupos em disputas ficaram conhecidos como “eclesiásticos” e “escolásticos”, sendo que, havia brasileiros em ambos os grupos, porém, o grupo dos eclesiásticos era em maior número. A hipótese de Machado é que tal movimento das lideranças brasileiras se deu em razão do forte sentimento nacionalista na sociedade brasileira entre os anos de 1920 a 1945 no contexto de acontecimentos políticos, econômicos e culturais a nível nacional e internacional (MACHADO, 1994, pp. 63-67).

⁴¹ A pesquisa de Noemi Paulichenco Loureiro (FEUSP, 2006), mostrou “desvios” frente a história oficial em relação ao que vinha sendo dito dos primeiros missionários batistas no Brasil. Segundo ela, a iniciativa de vir para o Brasil e abrir escolas não foi de William Bagby, mas sim de Anne Bagby que fazia contatos com o general Hawthorn que, na época, era representante do conselho da Junta de Richmond.

a pesquisa de Pedro Araújo (2006) indicou, até mesmo a igreja em Salvador achava o projeto de abrir uma escola “um tanto intempestiva” (ACTA 56, 1885 *apud* ARAÚJO, 2006, p. 196).

As razões que levaram os missionários batistas abrirem escolas, colégios e instituições teológicas no Brasil a fim de estabelecerem a evangelização pode ser pensado a partir dos seguintes aspectos: educação dos filhos dos missionários e dos “novos crentes”, perseguição religiosa, simpatia da sociedade brasileira, inclusive quebrando preconceitos e fundamentalmente, evangelização e doutrinação das crianças e jovens que se submetiam ao seu projeto educacional.

Segundo uma ata da assembleia ordinária da igreja Batista de Salvador citada por Pedro Araújo, é relatado:

O nosso irmão moderador fez uma exposição dos melhoramentos que tenta com o favor de Deus efetuar tanto para melhoramentos materiaes como espirituaes... uma escola industrial composta de 4 classes (ou artis) para engrandecimento da causa e dos futuros servos de Jesus, os nossos filinhos, preservados afim (assim – correção posterior no livro de atas!) do grande perigo que encorre com mestres idolatras e corruptos, para cujo fim está promovendo os meios necessarios. Foi pelo mesmo apresentado a neccessidade de ser sustentado pela igreja um Professor que tem de dirigir duas aulas diurnas para menino e outra nocturna para adultos, foi feita uma mosão e aprovada para uma subscrição cujo fim é criar um capital (pelos membros da igreja) de um conto de reis anual para pagar-se o dito professor o que foi, graças a Deus, efetuado por diversos membros e um amigo, cuja subscrição principia a ser do 1º de Dezembro, pagando neste dia cada um sua mensalidade primeira, e continuando assim sempre adiantados os pagamentos. *sic* (ACTA 259, 1893 *apud* ARAÚJO, 2006, p. 194).

Assim sendo, verifica-se que eles buscaram criar um “lugar próprio”, onde pudessem educar seus filhos segundo os valores que acreditavam acima das práticas educativas nas escolas católicas ou públicas dirigidas por professores católicos. A preocupação ascética dos batistas faz parte de uma “identidade” histórica das origens puritanas, conforme já fora pontuado no capítulo anterior. Todavia, mais do que na cultura norte-americana, eles precisaram radicalizar seus antigos valores puritanos devido ao forte substrato católico na cultura brasileira. Havia uma necessidade de diferenciação do que significava ser batista e o que significava ser católico. Pedro Araújo (2006, p. 205) fala da rotatividade de membros da Igreja em Salvador e em Jaguaquara – BA por causa de exclusões. Segundo ele, para tonar-se membro de uma igreja Batista era feito uma série de perguntas tanto para o candidato, quanto para a vizinhança a fim de saber se sua conduta moral dava “testemunho” dos valores do grupo.

Além da preocupação com a educação dos filhos dos missionários, a educação dos filhos dos “novos crentes” e a crítica a cultura religiosa católica presente nas escolas, outros motivos também são pontuados, como conquistar a simpatia ou aproximação da sociedade brasileira fortemente preocupada em diminuir o analfabetismo e a possibilidade de, em alguns casos, os filhos dos missionários e dos crentes estarem sofrendo algum tipo de perseguição religiosa ou preconceito nas escolas não-protestantes (MACHADO, 1994, p. 49; ARAÚJO, 2006, p.201s.).

Porém, o motivo fundamental que se consolidou à medida que percebiam os resultados de seu trabalho, foi o de fazer da escola um espaço de evangelização e preparação de novos líderes. O missionário Crabtree, um dos pioneiros da presença batista no Brasil, relata sobre o Colégio Taylor-Egydio de Jaguaquara - BA:

O Collegio Egydio matriculou 125 alumnos de diversas classes sociaes e pagava a 7 dos seus professores. Contribuiu muito para a evangelização e ganhou prestigio para os baptistas. Três moças do collegio foram baptizadas e dedicaram a vida ao serviço do Mestre. O Collegio mantinha as mais cordiaes relações com o governo. O superintendente da instrução publica mandava ao director do collegio noticias das reuniões dos professores públicos, das leis do departamento e pedia informações e relatórios do collegio. Não houve nenhuma perturbação do culto na igreja da Bahia desde o estabelecimento do collegio. O poder e a influencia desta instituição christã, estabelecida por um brasileiro, accentuava para os baptistas o grande valor e a necessidade imprescindível de um bom programma de educação christã... O seu auxilio na evangelização do povo e o treinamento de obreiros christãos justificam amplamente a sua razão de ser (CRABTREE *apud* ARAÚJO, 2006, p. 200).

Assim sendo, a educação só é percebida como um instrumento fundamental na missão quando “contabilizado” as “conversões”, aproximação da sociedade “não-crente” e como espaço de “treinamento” de moças para evangelização. Pois, como verificou Pedro Araújo (2006, p. 199), os missionários não se mobilizariam em atividades pedagógicas a não ser que levasse a uma maior aproximação aos familiares das crianças e a pregação sobre Jesus.

Neste sentido, no pensamento batista a educação é sempre um “meio” e nunca um “fim em si mesmo”. Pois o fim de toda e qualquer atividade humana deve ser a “glória de Deus”, porém, para isto o indivíduo precisa se libertar do pecado por meio da “salvação” ofertada por meio do filho de Deus (Jesus). A noção de salvação é a “mensagem” fundamental da “Missão” batista. Portanto, é a Missão a maior razão e sentido da Igreja existir.

Ao edificarmos e aparelharmos as nossa escolas cristãs, jamais devemos perder de vista que nossa missão principal é evangelizar; é o trabalho de

ganhar almas do pecado para a salvação, de Satanás para Deus. Este ocupa ou deve ocupar o primeiro lugar de todo esforço cristão (TRUETT, In: TRUETT; LOVE, 1950, p.36).

Portanto, toda instituição que os batistas criam só deve existir em função do compromisso com o que entendem ser sua missão.

As nossas igrejas, os nossos colégios, os nossos jornais religiosos, os nossos hospitais, cada organização e agência das igrejas, deve estar inflamada na paixão evangelizadora do Novo Testamento. Em nossas cidades, vilas e povoações de um a outro extremo do nosso país, em todos os cantos e recantos devem ecoar constante e fortemente os nossos sermões e os cânticos dos nossos hinos (TRUETT, In: TRUETT; LOVE, 1950, p.37).

A educação como “meio” na relação com a missão serve basicamente a dois propósitos, como instrumento e como estratégia missionária. Como instrumento ela tem a função de levar o indivíduo ao “conhecimento da verdade”, por eles entendida como a “palavra de Deus”, que neste caso é sinônimo de Bíblia. A importância instrumental da educação pode ser percebida num discurso que o reverendo Dr. Manoel Avelino de Souza Filho proferiu por ocasião do fechamento letivo do Colégio Batista Fluminense em meados de 1930. Ele pontua pelo menos três ideais da educação cristã.

O nosso ideal neste particular é **formar o caráter** verdadeiro, baseados nos princípios por excelência da moral cristã, fundamentada no exemplo incomparável de perfeição do Filho de Deus. [...] Outro fim alto e digno que adotamos na educação é o **serviço**. Este é o ideal do grande Mestre, que disse: “E o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mateus 20: 28) Cada indivíduo tem deveres com a coletividade, não veio para receber e depender dos outros somente, mas para servir. [...] Prepara para servir ao Estado e não ser servido por ele, no sentido de ser-lhe um peso. Trabalhar honestamente, seja qual for o ramo de atividade a que se consagre com o fim de servir a Pátria [...] Ainda, outro ideal em que seguimos ao Mestre é o de **preparar para vida**. A vida não se limita a este tempo presente, mas se prolonga até a eternidade (SOUZA, 1936, pp. 271-284)⁴².

Formar caráter segundo a moral cristã, servir a pátria com trabalho honesto, inclusive promovendo a democracia em todos os campos “como homem público, seja sentando-se na cátedra, [...] seja cumprindo o dever cívico de ir às urnas levar seu voto aos pleitos eleitorais [...]” (SOUZA, 1936, p. 280) e doutrinando (preparar para vida), tais ideais demonstram valores republicanos muito fortes nos discursos políticos e intelectuais no Brasil da primeira república. Mas não apenas da antiga república, pois permeia neste discurso o sentimento norte- americano de *God’s Chosen People* “Povo escolhido de Deus” que foi entendido como

⁴² Grifo meu

“Destino Manifesto”. Este carregava subjacente à pregação religiosa e ao ensino secular os traços culturais do seu *modus vivendi*.

Outra função da educação enquanto “meio”, é seu caráter “estratégico” de evangelização e discipulado ou doutrinação. Todo o conteúdo e o cotidiano da escola são voltados para este fim. Neste sentido a escola funciona como “evangelização direta”, e não indireta. Portanto, esta pesquisa não concorda com Émile Leonardt (1963, p. 315ss), que equipara num mesmo conceito – evangelização indireta – a Educação Batista, a Presbiteriana, a Metodista e outras. Pois ele mesmo verificou que nos colégios batistas havia uma maior preocupação com a evangelização do que nos demais, e assim, o autor discorrendo sobre a documentação diz que o “espírito” destes Colégios era:

“Cada dia em que entro no Colégio”, - escreve o Rev. Soren, pastor da Primeira Igreja do Rio e diretor geral do Colégio – “o faço como se entrasse na minha Igreja, e não julgo que diante de Deus haja diferença dos trabalhos prestados”. “Eu creio – afirma o diretor do Colégio de Recife – que a finalidade de um Colégio Batista ultrapassa os próprios ideais da educação, porque os nossos Colégios devem, ainda, ser agências de evangelização”. Relativamente à realização da atividade religiosa destas instituições, podemos tomar como exemplo, o relatório do Colégio de Recife: “O Departamento de evangelismo representa, atualmente, o mais relevante papel na vida da Instituição, pois, por meio dele, procura-se atingir os mais elevados ideais de um educandário evangélico. Então sob sua orientação, os serviços de “lições”, as aulas de história Sagrada, as atividades da União de Estudantes Batistas e da União de Estudantes Ministeriais Batistas, nova organização interna privativa dos pré-seminaristas, que tem como alvos principais “zelar pela moral e vida espiritual de seus membros” e “promover programas literários e evangelísticos nas igrejas” [...] Sem que a palavra “culto” tenha sido empregada, as “lições”, mais se aproximam de um culto evangelístico em seu espírito e propósitos, do que de uma assembleia de estudantes (LEONARDT, 1963, p.316).

Como chamar de “evangelização indireta” uma atividade missionária tão intensamente “evangelística”? Portanto, verifica-se que, mesmo nos colégios e escolas, os batistas priorizavam a evangelização direta; nas salas de aula, grêmios estudantis e outras atividades que propiciassem ajuntamentos dos estudantes. Machado (1999), ao falar da prática pedagógica nas escolas batistas, mostra que o ensino religioso e a evangelização estavam intensamente presentes, independentemente de serem escolas ou colégios “o nome de Jesus e as verdades fundamentais do cristianismo continuaram sendo anunciados com toda regularidade” (RELATÓRIO CBB, 1944 *apud* MACHADO, 1999, p.78). Havia uma orientação em nível de CBB que a Bíblia fosse usada como texto fonte nas escolas.

A Bíblia é a base de todas as crenças predominantes no Brasil, portanto não deve haver objeção a tal leitura. O estudo da história sagrada puro e simples

deve ser ponto do programa em nossos collegios (RELATÓRIO CBB, 1926 *apud* MACHADO, 1999, p.80).

A leitura da Bíblia por si só já configura evangelização direta, pois toda leitura parte de um referente orientador – neste caso eram direcionadas a fim de conduzir a os ouvintes/leitores para “provar” seu discurso religioso. Se nas escolas públicas o ensino religioso era facultativo, nas escolas batistas era obrigatório:

Embora todos os textos explicitem uma liberdade religiosa e o respeito as diferentes manifestações de fé cristã, os batistas possuem posições claras em relação as seguintes questões: [...] - aulas de educação cristã obrigatórias; - as aulas referidas devem ser ministradas por professores batistas; - o conteúdo delas terá como ponto a Bíblia e o saber revelado; - os colégios devem propagar assembleias e conferências, em que pastores batistas comunicarão a visão de mundo do grupo, e outros (MACHADO, 1999, p. 82).

O conceito de “liberdade religiosa” na história das representações do pensamento batista surgiu como corolário do conceito de “liberdade de consciência” que está presente desde suas origens nos idos de 1600 na Inglaterra.⁴³ Porém ao fazer uma análise a partir da noção de “inversão do pensável”(Certeau) para refletir sobre o “oculto” da ideologia religiosa que o “princípio da liberdade de consciência” discursava, verifica-se que na prática tal discurso contradizia a realidade dos fatos. Pois, falar de liberdade de consciência dentro de seus espaços de exercício do poder, onde as relações de forças com os alunos são totalmente desiguais, isto tanto na dimensão simbólica do espaço, dos sujeitos, do conteúdo, quanto no tempo de exposição ao assédio da mensagem religiosa, se configura como estratégia. Neste sentido, as crianças e jovens submetidos a “educação evangelística” batista viviam um assédio religioso cotidiano nas assembleias diárias, nas aulas obrigatórias de ensino religioso, conferências anuais e outros que representavam - por causa do lugar de onde falavam - a “verdade” que deveria ser aceita (CERTEAU, 1998, p. 201, 286). Tal verdade não era imposta pela força da violência física, mas sim, pelo “livre consentimento” que se fazia por meio de uma “dominação simbólica” (CHARTIER, 2002, pp. 170-171). Nisto se dá o contexto de uma “conversão” na escola: a propiciação de uma “sociogênese” estigmatizadora da religião do aluno (católica, espírita, etc.) e sua conduta moral, inclusive, da própria cultura brasileira para aceitar a cultura e a religião do outro como superior a sua (ELIAS; SCOTSON, 2000, pp. 19).

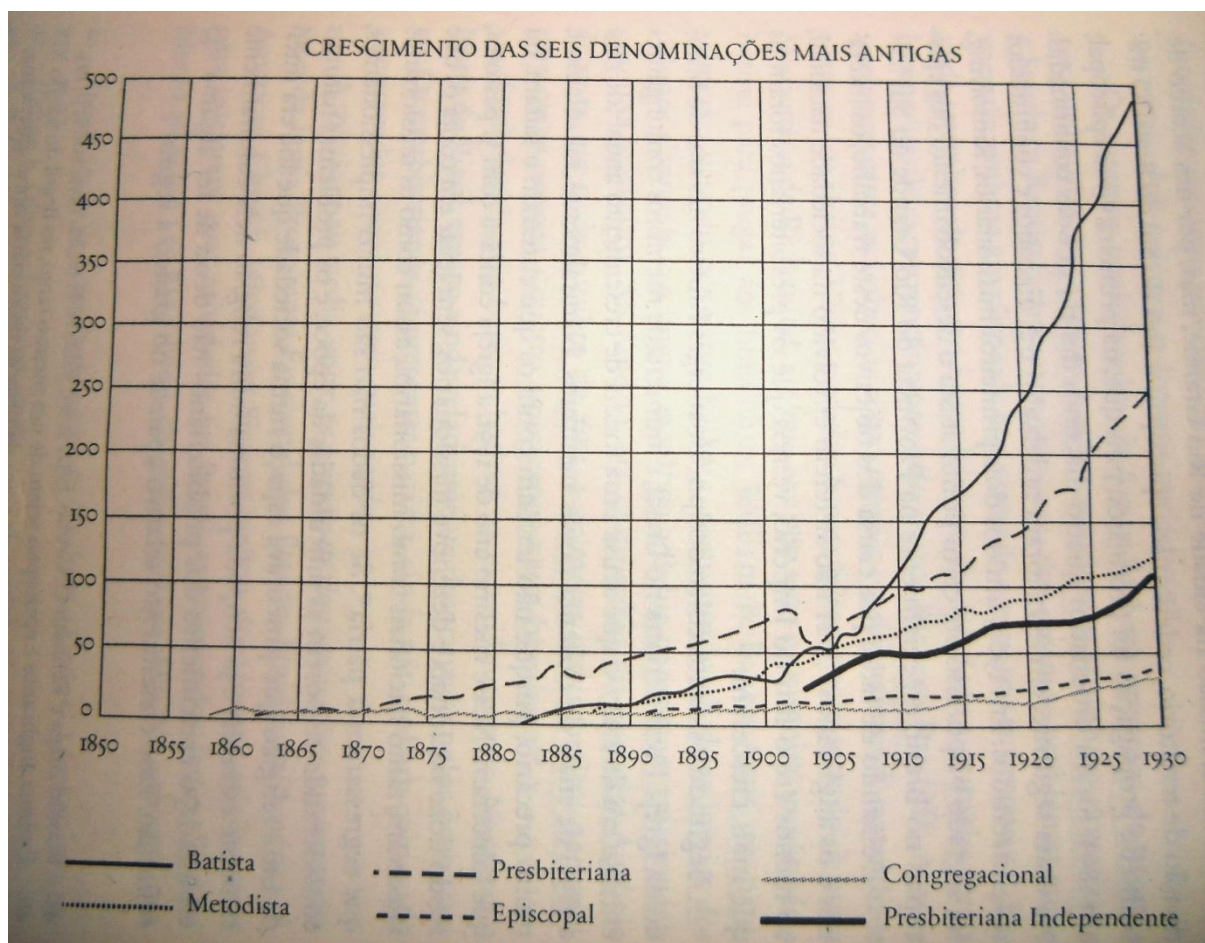
⁴³ Bandeira esta que os batistas sempre levantaram com muito orgulho em sua história para defender a separação entre Igreja e Estado e a liberdade religiosa. Em meu trabalho monográfico de Conclusão do Curso de Teologia (FTBAW), faço uma análise de artigos publicados n'OJB (abril de 1964) em “apoio” ao golpe militar e de censura aos jovens batistas que se envolviam em movimentos estudantis, tais artigos tinham como base legitimadora o princípio de fé: ‘separação entre Igreja e Estado’. Neste, foi verificou-se que esta bandeira sempre se revelou contraditória, pois a mesma, também foi usada em discursos para legitimar a escravidão no sul dos Estados Unidos e o apoio do “golpe militar” de 1964 no Brasil (ROCHA, 2008).

Assim sendo, vê-se que a ousadia e a agressividade da proposta educacional batista vis-à-vis a evangelização indireta presbiteriana e metodista, se configura como uma “diferenciação” na análise dos modelos estudados por Mesquida (1994, p. 121) que conclui: “Enquanto as outras denominações privilegiaram a evangelização direta sem esquecer a educação, a Igreja Metodista privilegiou a educação sem omitir a evangelização direta”. Conforme o trabalho de Machado e Araújo, pois analisou a relação direta entre conversão e educação no Colégio Batista Taylor-Egydio, mesmo nas escolas e colégios a proposta batista se mantinha com a “evangelização direta”.⁴⁴ Todavia, esta consideração também precisa ser relativizada, porque o Reverendo Soren expressou sua insatisfação em relação a alguns professores do Colégio Batista no Rio de Janeiro - onde ele era diretor – que, não priorizavam a evangelização na sala de aula, além disso, ele faz recomendações a outras escolas que supostamente estivessem agindo da mesma forma:

Por outro lado, aí também se encontram educadores que preferem a pedagogia norte-americana à evangelização. “Não poucas vezes – escreve o pastor Soren – temos ouvido falar do Colégio Batista (do Rio) como uma instituição onde o interesse religioso pudesse ser secundário, e esta afirmação tem sido, infelizmente, divulgada e propagada, prejudicando, às vezes, o conceito do colégio diante da denominação”. Sua opinião é claramente expressa num voto apresentado à mesma Convenção de 1948, pela Comissão de Educação: “que os Colégios e escolas batistas pertencentes direta ou indiretamente a esta Convenção deem ênfase ao ensino bíblico tanto em assembleias como em aulas (LEONARDT, 1963, p.316)”.

Portanto, é possível uma dos grandes motivos que levou os batistas a um crescimento maior e mais rápido do que as demais denominações tradicionais no início do século XX tenha sido a proposta de educação evangelística nas escolas - conforme Mendonça aponta no gráfico em seguida:

⁴⁴ Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos Anjos também tem pesquisado sobre a educação batista, em seu primeiro trabalho: “A presença missionária norte-americana no educandário americano batista” São Cristóvão: UFS, 2006 (dissertação) – analisou entre os elementos da cultura da escola um projeto de alfabetização atrelado a evangelização no cotidiano da escola.



Mendonça marca o início do crescimento dos batistas no Brasil a partir de 1882 porque foi a primeira igreja batista com a presença de crente brasileiro⁴⁵. As informações do gráfico apontam maior crescimento dos batistas no período (1907- 1937), justamente quando a Junta Missionária de Richmond intensificou os investimentos nas escolas já existentes e na abertura de novas escolas e colégios batistas no Brasil. Portanto, o início do crescimento dos batistas no Brasil está estritamente ligado a “estratégia” da educação como meio de evangelização direta, sem perder de vista a qualidade da educação que os demais colégios protestantes mantinham em seus projetos missionários (MACHADO, 1999, pp. 101 - 116).

Inserção da missionária Ana Wollerman no contexto da missão batista em Mato Grosso

Quando em 1947, a missionária Ana Wollerman chegou dos EUA ao Mato Grosso, o trabalho missionário batista já existia desde 1911. Este não começou por meio de um

⁴⁵ Ex-padre e primeiro pastor batista brasileiro, Antônio Teixeira de Albuquerque foi ordenado ou consagrado ao serviço religioso batista no salão da “Loja Maçônica” em Santa Barbara D’Oeste em 12/07/1880.

planejamento estratégico da Junta de Missões, mas sim como resultado de um processo de migração do sudeste e nordeste para o oeste do Brasil.

No início do século XX, a criação da ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), intensificou esta migração, e assim não circulou por esta ferrovia apenas bens de consumo, mas também estratégias políticas, forças militares, sujeitos e bens culturais (QUEIROZ, 2011, pp. 99s). Entre os migrantes que foram para Corumbá, um grupo de batistas passou a se reunir em 1910 sob a liderança de José Correa Brasil. Este grupo teve uma crise de identidade confessional, pois em determinada ocasião, seu líder Sr. Brasil publicou um folheto condenando o uso do tabaco e o assinou como “pastor José Correa Brasil”. A questão do tabaco, mais o fato deste líder ter se apropriado do título sem passar por processos eclesiais de consagração, gerou um grande problema para igreja a ponto das lideranças da igreja terem que prestar depoimento na justiça local e o “pastor” precisar desaparecer de Corumbá de um dia para o outro (NOGUEIRA, 2003, p. 48-52).

Nesta ocasião, um dos membros da Igreja teve acesso a uma edição d'OJB que entre outras coisas apresentava um artigo do que significava ser batista e suas práticas. Foi por meio do jornal que este grupo entrou em contato com o editor, missionário Entzminger, e pediram uma urgente visita ao grupo em Corumbá, a fim de prestarem orientações e apoio institucional em vista do problema que estavam passando e, até então, nem existiam nos registros da Convenção Batista Brasileira (CBB). Assim, com a ajuda do missionário A.B. Deter enviado pela Junta de Missões Nacionais, no dia 20 de agosto de 1911 foi organizada a primeira Igreja Batista no Mato Grosso (NOGUEIRA, 2003, p. 49).

A partir de 1911, os batistas passaram a seguir os trilhos do trem (NOB) e organizaram igrejas nas principais cidades do antigo sul do Mato Grosso, Aquidauana (1915), Campo Grande (1917), Três Lagoas (1925), Miranda (1927) e outras. Em uma reunião da CBB em Vitória, no ano de 1918, foi deliberado que o “campo missionário” de Mato Grosso ficaria sob a responsabilidade do “campo paulistano” e teria o missionário norte americano Ernest A. Jackson como responsável. Seu sucessor foi o missionário Wattie Bethea Sherwood que atuou de 1922 a 1951, trazendo grandes contribuições para o crescimento e desenvolvimento dos batistas mato-grossenses.

Enquanto Sherwood se dedicava a região central do antigo sul do Mato Grosso havia outro missionário norte-americano que atendia a região fronteira entre Brasil e Paraguai, este era o missionário William Clyde Hankins. Juntamente com sua esposa Nina Hankins e

seus filhos Nona e Bill Hankins, trabalhavam nas cidades de Ponta Porã, Jardim, Nioaque e Amambai. Assim sendo, quando a missionária Ana Wollerman chegou ao Mato Grosso a fim de trazer sua contribuição para o trabalho missionário que vinha sendo feito, a presença batista contava-se as seguintes cifras (ALMANAQUE BATISTA, 1950, p.52-54):

ESTATÍSTICA GERAL DAS IGREJAS BATISTAS NO MATO GROSSO (1948)					
Igrejas organizadas	Congregações	Pontos de pregação	Número de pastores	Miss. norte-americanos (2 casais)	Total de membros
16	10	20	6	4	947

Os números mostram que havia pouca expressividade dos batistas no Mato Grosso, mas já sinaliza que, pelo menos, nos cinco ou dez anos seguintes, relativamente dobrariam estes números, pois o processo de desenvolvimento e crescimento de uma igreja batista se dá na seguinte lógica: abre-se um ponto de pregação; em seguida este se transforma em Congregação; que por fim é organizada eclesiasticamente como Igreja independente e autossustentável que a partir de então abrirá suas próprias frentes missionárias. O número de igrejas vis-à-vis o número de lideranças pastorais era desigual, por conta disso dificultava o crescimento e desenvolvimento das igrejas. Assim sendo, a vinda da missionária Ana Wollerman traria uma grande contribuição para estas igrejas, inclusive diversificando as estratégias de evangelização que no seu caso foi com a criação de “escolas anexas” e treinamento de lideranças.

Ainda sobre o missionário Hankins, segundo Nogueira (2003), ele também não fora nomeado pela Junta Missionária de Richmond e certamente estaria aí um dos grandes motivos que levou Ana Wollerman a decidir radicalmente pela vinda ao Brasil a despeito da nomeação ou não da Junta Missionária. Por qual razão ele não teria sido nomeado, ainda não se sabe, mas fato é que por ocasião de suas férias com a família nos EUA, Ana Wollerman o convidou para palestrar em um evento missionário que ela realizara no seminário de Fort Wort. Lá eles conversaram, “contei a ele a minha chamada para o Mato Grosso, o problema que eu não era nomeada, o meu voto que eu iria sem nomeação, se Deus abrisse as portas e ele ficou

animado” (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 143). A fala de Ana Wollerman não presta grandes esclarecimentos, mas certamente ele teria dito a ela que também não fora com a nomeação da Junta para o Brasil, e assim, esta possibilidade de vir sem nomeação, somado a sua convicção, certamente foi fundamental para sua tomada de decisão de vir para o Brasil.



Ana Wollerman (37 anos) assim que chegou ao Brasil em 1947. Acervo: Biblioteca da Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman

Dia 21 de março de 1947, Ana Wollerman e a família do missionário Hankins aportaram no Rio de Janeiro, embora o missionário Hankins tenha trazido dos EUA a sua caminhonete, eles não puderam seguir viagem para Ponta Porã/, pois o automóvel só chegaria em 01 de abril. Após algumas dificuldades chegaram em Ponta Porã-MT e Ana Wollerman além de ter sido muito bem recebida por todos da comunidade, foi especialmente auxiliada por Carolina Pelusche, esposa de Alfredo Felix Pelushe funcionário público do então distrito federal de Ponta Porã. Em uma entrevista de Nogueira com o Sr. Pelusche (2003, p.76), este disse que Ana Wollerman desde o início mostrou-se esforçada em aprender o português e a cultura brasileira. Sempre perguntando sobre tudo, experimentando alimentos, repetindo palavras e expressões com o mínimo de sotaque possível.

Sua motivação era tal que mesmo tendo sua bagagem roubada, pois não pudera trazer na viagem do Rio para Ponta Porã e precisou ser despachada em um trem diferente do que vieram, ainda assim, ela relembra a situação conservando o bom humor.

Depois de alguns dias chegou o caminhão com a bagagem. Levei um susto quando abri aquela mala enorme, minha, a única coisa além das pequenas malas que vieram comigo em viagem, e não vi nada dentro daquela mala grande a não ser um cobertor usado e dois chapeuzinhos. Ninguém me falava que as irmãs, as senhoras o Brasil não usavam chapéus como aqui na minha terra e nem os ladrões queriam aquele cobertor e aqueles chapéus, mas todas as coisas que para mim tiveram valor e tudo que eu levei que seria de utilidade para minha vida nova, tudo foi roubado naquela viagem do Rio de Janeiro para Ponta Porã. Assim eu aprendi cedo na minha vida de missionária, que as coisas não são importantes e nem necessárias para a gente ter uma vida feliz, agradável e abençoada (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 147).

Após um tempo, ela decidiu intensificar seu aprendizado da língua portuguesa, então resolveu morar em Campo Grande. Lá em Campo Grande ela teve alguns problemas de entrosamento com o missionário Sherwood, mas segundo Nogueira ela nunca se manifestou publicamente contra o missionário. Ainda assim, acreditava que poderia ser um “instrumento de Deus” para trazer mudanças na comunidade (NOGUEIRA, 2003, p.79).

Conforme já foi percorrido no capítulo anterior, Ana Wollerman não foi bem recebida pelo missionário Sherwood, talvez por ela ter sido divorciada e ser mulher. O missionário Sherwood representava outra ala do pensamento batista norte-americano sulista que limitava ainda mais a participação da mulher nas atividades da igreja, fundamentado em uma leitura fundamentalista e “atemporal” da Bíblia:

Como em todas as igrejas do povo de Deus, as mulheres devem ficar caladas nas reuniões de adoração. Elas não têm permissão para falar. Como diz a lei, elas não devem ter cargos de direção. Se quiserem saber alguma coisa, que perguntem em casa ao marido. É vergonhoso que uma mulher fale nas reuniões da igreja (I Coríntios 14,33b-35).⁴⁶

Não permito que as mulheres ensinem ou tenham autoridade sobre os homens; elas devem ficar em silêncio (II Timóteo 2, 12).⁴⁷

Nogueira (2003, p. 78) analisou o diário de Sherwood e verificou que em momento algum ele menciona sequer o nome de sua esposa em suas viagens missionárias ou atividade eclesial, mas apenas com a função de cuidar dos filhos e da casa.

Em Campo Grande as mulheres não tinham muitas oportunidades de expressão na ordem litúrgica do culto na Igreja Batista onde o missionário Sherwood pastoreava, pois além de sentarem separadas juntamente com as crianças dos homens no templo,

Não havia coral porque mulher não podia falar nem cantar em frente dos homens no santuário. [...] nós não podíamos orar no santuário, mas na hora

⁴⁶ Versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje - NTLH

⁴⁷ Idem.

de orações tivemos que sair e reunir de novo numa salinha lá nos fundos da igreja (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 147).

Este envolvimento com as mulheres e o simples fato de estar ali como mulher, missionária independente, estrangeira e sem um marido para lhe dizer o que fazer e como fazer, tanto caracterizava um problema para Sherwood, quanto servia como “símbolo” de reflexão e transformação na comunidade local.

Com a saída do missionário Sherwood para um período de férias nos EUA, o pastor Rafael Gióia Martins assumiu o pastorado da Igreja Batista de Campo Grande e fez questão de acolher Ana Wollerman na casa pastoral. Lá, Ana Wollerman pôde aprender português com o filho do pastor, o jovem Rafael Gióia Martins Júnior e em contrapartida ela lhe ensinava inglês (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 147).



Missionário Sherwood (centro), a esposa Eunice e filhos, filhas e netos. Acervo: TRAPP, 2011, p.123.

Contexto histórico-social de inserção e aceitação de Ana Wollerman em Amambai-MS

Seis meses depois Ana Wollerman recebeu uma carta-convite do Pastor Valdir Vilarinho para ajudá-lo na “missão”, ou seja, no projeto de evangelização em Amambai, até então chamada de “Vila União”. Segundo ela, o pastor Valdir não estava tendo boa aceitação na Vila, por conta disso viu na criação de uma escola uma oportunidade “para que o trabalho progredisse”,

Ele [pastor Valdir Vilarinho] estava lá há poucos meses, enviado pela igreja de Ponta Porã para abrir um novo trabalho. Mas ele não recebendo muita aceitação; não havia nada para realmente fundar uma futura igreja, e ele pensou que se tivesse uma escola, porque não havia naquele lugar, uma escola boa que, quem sabe, ia ser a porta para que o trabalho, o evangelho progredisse. Eu também ao orar senti no meu coração que lá era meu lugar, e fiz preparação para ir. Antes de eu estar no Brasil um ano, eu estava abrindo uma escola ensinando todo o curso primário em português (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 148).

Quando a missionária Ana Wollerman chegou à cidade de Amambai, esta era distrito de Ponta Porã-MT. Seu povoamento começou desde o final do século XIX com migrantes do Rio Grande do Sul que se juntaram aos índios que ali já viviam e imigrantes paraguaios que também trabalhavam na colheita e preparação da erva mate.

O nome “Vila União” popularizado, não fora dado por causa do período que a cidade pertencia aos limites do distrito federal de Ponta Porã (1943-1946)⁴⁸, mas sim porque desde o início da construção do povoado, nos idos de 1900, eles sempre se reuniam em suas casas para tratar dos interesses em comum. Assim sendo, eles se chamavam de “Patrimônio União” ou “Vila União”. Porém, por sugestão dos técnicos do IBGE quando em 1945 estudavam a demarcação do então “território federal” sugeriram que mudasse o nome, pois este apresentava duplo sentido. Então, colocado a proposta de mais três nomes; “Ervanópolis”, “Valenciópolis” e “Amambai”⁴⁹, foi escolhido o último, pois valorizava a cultura indígena local que era assim chamada em documentos circulares desde 1914 (SOBRINHO, 2009, p. 120, 121).

⁴⁸ Território Federal de Ponta Porã foi criado em 13 de setembro de 1943 pelo Decreto-Lei n.º 5 812, do governo de Vargas. Com tal decreto foi criado cinco territórios estratégicos nas fronteiras, quais eram: Amapá, Rio Branco, Guaporé, Ponta Porã, Iguaçu e o arquipélago de Fernando de Noronha a fim de administrá-los diretamente. Feito o Território Federal de Ponta Porã, estabeleceu-se que seria formado pelos municípios: Ponta Porã (capital), Porto Murtinho, Bela Vista, Dourados, Miranda, Nioaque e Maracaju. Em 31 de maio de 1944 a capital foi transferida para Maracaju (Decreto-Lei n.º 6 550), mas posteriormente retornou para Ponta Porã. Em 18 de setembro de 1946 foi extinto pela Constituição de 1946 e novamente incorporado no então Estado de Mato Grosso (IBGE, <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrossodosul/pontapora.pdf> - Acessado em 15/12/2012).

⁴⁹ “Ervanonópolis” (Erva Mate principal atividade econômica da região), “Valenciópolis” (homenagem a um dos fundadores, Valêncio Brum) e Amambai (nome indígena historicamente ligado a um tipo específico de árvore com folhas longas nas proximidades do rio que também foi chamado de Amambai).

Organizados em forma de cooperativa (1944), a principal fonte de renda de Amambai era o cultivo e preparo da erva mate. Planta abundante na região que foi descoberta por Thomaz Laranjeira, dono da “Companhia Matte Laranjeira”, responsável pela principal atividade econômica do antigo Sul do Mato Grosso. Cultivada e beneficiada de forma rudimentar, assim foi mantida por décadas, não apenas pelo custo baixo e a facilidade para encontrar mão de obra, mas também para não alterar o padrão de qualidade do produto que garantia o mercado na Argentina (SOBRINHO, 2009, pp. 138s).

Quanto ao contexto educacional de Amambai viu-se na fala de Ana Wollerman que o pastor Valdir a chamou para abrir uma “boa escola”, isto não significa que no perímetro urbano não existissem escola, e sim que, não existiam escolas com a forma de graduação seriada, com espaço próprio, conteúdos específicos e, fundamentalmente, com princípios de religiosidade protestante.

Segundo Almiro Sobrinho, desde o início do povoado a questão da educação para as crianças era um assunto recorrente entre eles. E, possivelmente já antes de 1915 eles já criassem “escolas” improvisadas para alfabetização e aprendizado de operações matemáticas. Sobrinho chama estas escolas de “escolas domésticas” pois, uma vez definido um professor ou professora, as crianças se reuniam em sua casa, ou de outro (caso o professor não pudesse), em volta da mesma mesa para estudar.

Quando a pessoa escolhida era convidada, normalmente alegava não ter condições para exercer a função. Então os pais contra argumentavam, dizendo que se as crianças aprendessem a escrever uma carta, ler outra e fazerem as contas já estava bom (SOBRINHO, 2009, p. 172).

As despesas com o professor eram divididas entre os pais; uns com dinheiro e outros com mantimentos. Depois que Ponta Porã se municipalizou (1913) muitas escolas rurais na região passaram a ser municipalizadas e assim algumas crianças amambaenses puderam ser atendidas. Nestes casos o professor passou a ser remunerado pela prefeitura e as famílias ficavam mais aliviadas (SOBRINHO, In: LEVANDOWSKI et all, p. 30).

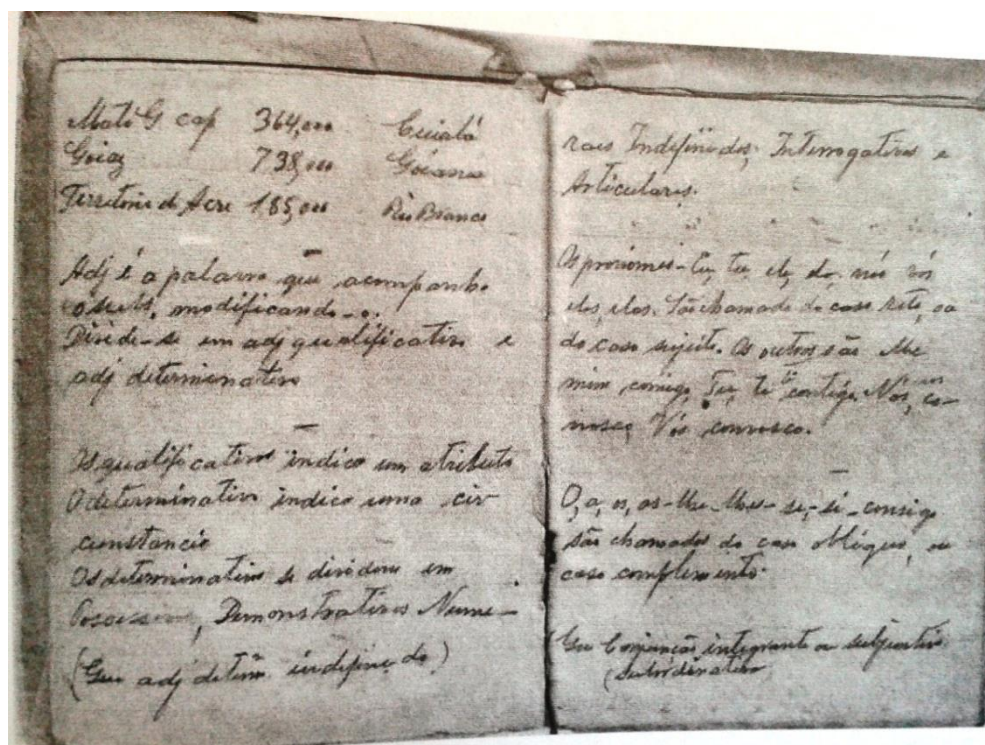
O testemunho do Sr. Almiro Sobrinho é muito importante para conhecer e entender este período, pois ele fala tanto de reminiscências próprias, como de “pesquisador leigo” – memorialista - interessado na história de Amambai-MS de forma geral e especificamente, na

história da educação de Amambai⁵⁰. Em entrevista ele diz ter começado sua alfabetização numa destas “escolas domésticas”:

[...] não existiam um programa, não existia as matérias tudo separadas. E aquele grupo era do primeiro ano até o quarto ano, então cada ano daquele tinha as matérias específicas, e eu estudei nessas escolas particulares que não tinha isso aí, então eu sabia, parte de matemática eu sabia bastante, eu sabia fazer bastante cálculo, bastante conta, eu sabia calcular áreas de terras, porque lá as escolas particulares assim elas tinham uma finalidade de passar as informações que seriam utilizadas no dia a dia. Então eles ensinavam, porque a gente trabalhava na roça, a gente tinha que saber, se ia mandar carpir um pedaço tinha que medir e calcular qual foi a área pra pagar por aquele cálculo. Eles ensinavam nessas escolas particulares, por exemplo, você comprar um tecido de 2,10m, de 200 reais o metro, quanto que você ia pagar? Eles ensinavam quando você ia comprar alguma coisa de quilo, quantos quilos por preço de tanto? Quantos você ia pagar? (SOBRINHO, 2012).

Assim, sem um programa de ensino específico contavam com a criatividade do professor tanto para criação do programa de ensino, quanto para provisão de materiais escolares, pois como era escasso o material o professor acabava tendo que fabricar os cadernos para os alunos, utilizando para tal, papéis de embrulho e transformava um lápis em dois, afim de que todos tivessem com o que escrever (SOBRINHO, 2009, p. 172, 173; VIEIRA, In: LEVANDOWSKI et all, p. 44).

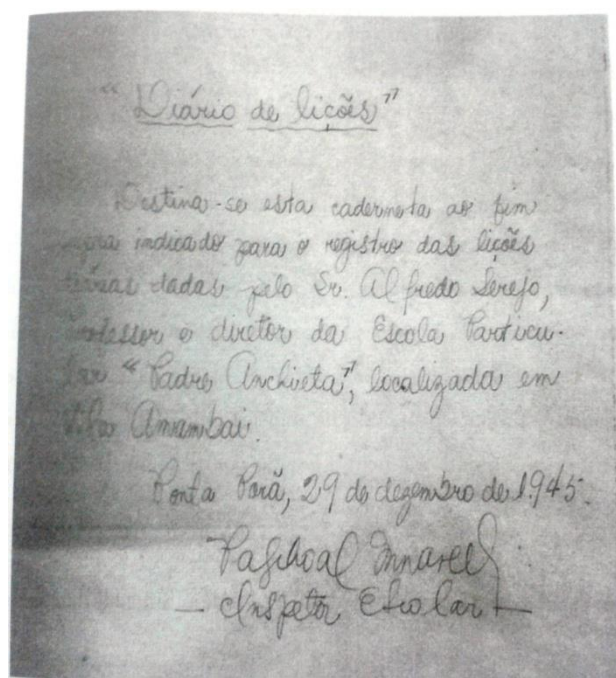
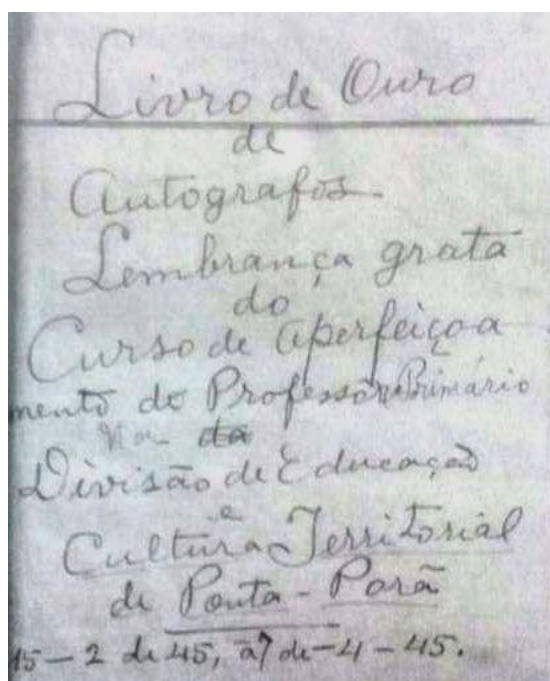
⁵⁰ Sr. Almiro abriu um museu em Amambai do qual ele é responsável. Além de conceder uma entrevista para esta pesquisa, também doou dois de seus livros sobre a história de Amambai e outro produzido pela Secretária de Educação de Amambai, o ultimo produzido a partir de entrevistas com moradores fundadores de Amambai, inclusive com sua participação. Os livros de Almiro Sobrinho caracterizam-se como um rico material de pesquisa porque além de representar a memória social de Amambai, está cheio de documentos indexados, inclusive, do período do Brasil Colônia que o autor teve a iniciativa de pesquisar em Cuiabá-MT.



Caderno preparado à mão pelo prof. Alfredo Serejo. — Acervo: Pessoal da Sra. Ilza Serejo In: SOBRINHO, 2009, p.173.

Com a demarcação do distrito federal de Ponta Porã (1943-1946),⁵¹ melhorou o acesso à escola na região, porém, na cidade de Amambai não fora criada nenhuma escola e apenas ficava a “inspetoria do ensino” sob a responsabilidade do professor João de Paula Bueno (SOBRINHO, 2009, p.190). Neste período, aumentou relativamente o número de escolas rurais nas proximidades de Amambai que eram submetidas às políticas educacionais (Lei Orgânica 1946) e de abasileiramento da fronteira. A fim de cumprir seus objetivos o governo federal criou as inspetorias de ensino que periodicamente davam curso de aperfeiçoamento aos professores, inclusive de escolas particulares, conforme fontes de Sobrinho nas imagens abaixo:

⁵¹ Com a criação dos distritos federais durante o “Estado Novo” de Getúlio Vargas, as fronteiras foram intensificadas com a presença militar, treinamento dos professores, construção de mais escolas, atos cívicos nas escolas e especial atenção ao ensino da língua portuguesa. Segundo Sobrinho, neste tempo muitos não tinham certeza se Amambai pertencia ao território paraguaio ou ao brasileiro e em muitas escolas os alunos eram ensinados em espanhol. Segundo ele, tem até supostamente um “fato”, talvez piada, de “um professor ensinando o aluno a soletrar a palavra bola: b+o=bo, l+a=la. Depois de insistir com o aluno e este não acertar a resposta, o professor conclui de forma veemente: “pelota, menino”.



Livro de Ouro de autógrafos do curso de aperfeiçoamento de professores, 1945 (à esquerda) e Diário de Lições, 1945 (à direita) – ambos pertenceram ao prof. João Pantalhão Dorisbure. Acervo Almiro Pinto Sobrinho e Sobrinho (2009, 188; 189).

Somente com a municipalização de Amambai (1948) é que o primeiro prefeito eleito, Valêncio Machado de Brum, tratou logo de criar a Lei nº 01 de 24 de junho de 1949 para criação de três escolas municipais. Em 1950, o “Grupo Escolar de Amambai”, mais tarde chamado de “Grupo Escolar Coronel Felipe de Brum”, começou a funcionar, isto dois anos depois que Ana Wollerman já tinha iniciado os trabalhos na “Escola Batista” (SOBRINHO, 2009, p.191).

Ainda sobre a “forma” de “escolas domésticas”, verifica-se que esta foi a “tática” que principiou a inserção dos batistas em Amambai antes mesmo que o pastor Valdir e Ana Wollerman começassem suas atividades missionárias. Em 1942, Evandro Mascarenhas, que era membro da Igreja Batista em Ponta Porã mudou-se com sua família para Amambai a fim de trabalhar como gerente na “casa comercial” do Sr. José Pinto Costa. Depois de um breve tempo de trabalho e construção de amizades passou a realizar cultos em sua casa com estes amigos e outros interessados.

Destarte, os batistas de Ponta Porã viram nisto a oportunidade de criar uma igreja Batista na cidade (Ata 123, dez. 1942),⁵² por conta disto, em 1943 a igreja enviou o “evangelista” Dulcino da Silva Matos (pregador leigo) para Amambai para começar um “ponto de pregação” (cultos domésticos). Em 1944, o pastor Valdir passa a residir em Amambai e possivelmente Evandro já não estivesse lá, pois deixara suas atividades de comerciante para ser “evangelista” na Colônia Penzo (hoje, município de Antônio João) próximo de Amambai. Porém, em 1946, Evandro voltou para Amambai para assumir as atividades da igreja. E, neste último retorno ele abriu uma “escola doméstica” para completar sua renda. O Sr. Almiro relatou que foi neste momento que conheceu o evangelista Evandro e foi seu aluno:

O meu primeiro contato eu não sei citar com relação às datas, mas foi mais ou menos em 45, 46, que o Seu Evandro estava aqui em Amambaí como evangelista, e aí ele atendia a congregação da igreja e mantinha uma escolinha particular, que era pra completar o salário dele. Então foi aí que eu tive o primeiro contato nessa escola dele, estudava o Antônio Carlos filho do Seu Antônio Martins, eu e uma filha do Seu Otacílio Belmonte, nós éramos 3 alunos, e ele cobrava da gente 10 cruzeiros por mês. Então ele deu este início, depois ele foi embora, aí que veio a D. Ana (SOBRINHO, 2012, p. 1).

Ainda que suas aulas não tivessem fins evangelísticos “diretos”, o fato de fazer de sua casa uma escola durante o dia e à noite um espaço de culto poderia servir como “tática” evangelística. Pois ele se “apropriava” das amizades, do tempo das crianças e das famílias, do espaço simbólico-religioso e de sua representação social de “indivíduo-crente”, para assim passar/manifestar sua mensagem religiosa.

A vinda de Evandro para Amambai se deu em virtude do pastor Valdir precisar assumir a Igreja de Ponta Porã já que o missionário Hankins saiu de férias com sua família para os EUA. Possivelmente esta teria sido a oportunidade que Ana Wollerman teve para fazer contato com o missionário Hankins para palestrar no evento missionário que ela organizou no *Southwestern Theological Baptist Seminary* em *Fort Worth, Texas*, pois, em 1947, quando ele retornou de férias, Ana Wollerman veio com ele e sua família.

Com o retorno do missionário Hankins para Ponta Porã, Evandro retornou para a Colônia Penzo e o pastor Valdir para Amambai. Por conseguinte, foi com o trabalho de Evandro que o pastor Valdir percebeu que a abertura de uma “boa escola” na cidade poderia auxiliar no desenvolvimento das atividades missionárias em Amambai, já que estas tinham

⁵² Ata da Igreja Batista em Ponta Porã, também consta em SOBRINHO, 2005, p. 08.

começado, oficialmente, em 1943 com o evangelista Dulcino e ainda não tinha dado grandes resultados por eles esperados.

Quando Ana Wollerman chega a Amambai, aceitando o convite do pastor Valdir para abrir uma escola, ela tinha como referência o trabalho que o evangelista Evandro vinha fazendo. Portanto, possivelmente agregou os “ex-alunos” de Evandro, mas também trouxe outros, pois a escola funcionava em três períodos manhã e tarde crianças e à noite os jovens.

[...] e, antes então de eu estar no Brasil um ano, abri a escola batista e tantos crianças vieram que tinha de dividir: a metade veio de manhã, a outra metade veio à tarde, e a noite era a aula para jovens, de modo que fiquei bem ocupada além das minhas visitas e outras coisas (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.149).

Com base no depoimento autobiográfico de Ana Wollerman verifica-se que o processo de inserção e aceitação do seu trabalho em Amambai não exigiu muito tempo. Considera-se isto a partir das seguintes condições; por causa do trabalho que já vinha sendo feito pelo Evandro Mascarenhas, Dulcino da Silva Matos e Valdir Vilarinho já decorrido.

Outra condição foi o interesse que as representações da figura da Ana Wollerman possivelmente despertavam na população. Pois pelo fato de ela ser “uma novidade” na cidade, ela tinha algo que interessava a população, ou seja, muitos queriam sua amizade, “seus saberes”, sua cultura, etc. Ester Fraga Nascimento (2005) introduz sua pesquisa falando do impacto que os missionários norte-americanos causavam na população da cidade de Wagner na Bahia. Segundo ela, o Sr. Raimundo Passos dos Santos chamava-os de “anjos de fogo que desciam do céu”. Chamados assim, por causa do avião da Missão presbiteriana norte-americana, por causa da pele branca dos missionários e seus cabelos dourados.

A presença de estrangeiros em cidadezinhas do interior como em Wagner, Amambai e outras não causava apenas estranhamento, mas também “curiosidades”, principalmente quando estas são associados a padrões de desenvolvimento socioeconômico e cultural. Porém, este interesse por aquilo que o “estranho” pode oferecer, nunca é um consumo passivo, antes passa por um processo de “apropriação” e, neste sentido não apenas a Ana Wollerman se apropriou do povo com sua mensagem religiosa, mas também foi “apropriada”, “consumida criativamente”⁵³ por àqueles que dela se aproximavam.

Outra condição que favoreceu sua inserção e aceitação em Amambai foram as redes de amizades “interdependentes” que Ana Wollerman foi construindo na cidade. Uma das primeiras, e talvez a mais importante delas, foi a Dona Senhora Bambil Manvailer, conhecida

⁵³ Michel de Certeau

como “Dona Senhorinha”. Na época, a família Manvailer já se encontrava entre as principais famílias fundadoras do município, uma das principais avenidas da cidade já homenageava o Sr. “Pedro Manvailer”. Ao falar da importância de Dona Senhorinha, a missionária Ana Wollerman comenta:

Dona Senhorinha era minha companheira na obra, posso dizer meu braço direito, porque ela me ajudava em todos os aspectos da minha vida e do meu ministério. O crescimento do evangelho lá em Vila União, hoje Amambai, deve muito a esta irmã, porque ela era bem conhecida naquela vilazinha [...] (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 149).

Isto porque Dona Senhorinha “era muito respeitada e conhecida naquela vila. Ela era madrinha a muitas crianças que havia batizado” (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.148). Isto certamente contribuiu para o grande número de crianças na escola.

Somado a estas condições, estava a disposição de Ana Wollerman em gentilmente servir a população. Entre as situações ela fala de uma, certamente marcante em sua memória, inclusive envolvendo a Dona Senhorinha: Certa vez o filho mais novo de Dona Senhorinha manuseava uma arma de fogo e se preparava para viajar, quando a arma disparou e acertou Dona Senhorinha nas costas (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 149) e Ana Wollerman foi quem ajudou socorrê-la. Em outra situação ela fala de ter assumido as despesas escolares de um rapaz cujo pai não podia continuar pagando seus estudos (Ibidem, p. 151). E, em entrevista com Sr. Almiro o mesmo disse:

Ninguém deixou de estudar porque não pagou ou se os pais não tivessem pago por que estava em atraso, um motivo qualquer o aluno ser tolhido, qualquer coisa, não existia. E porque os pais nem sempre tinham dinheiro todo mês. O agricultor, por exemplo, tinha dinheiro quando vendia uma vaca, um produto, então as vezes ele pagava 2 meses, 3 meses, atrasava um pouco, mas nunca se ouviu falar que o Pedrinho, o Joãozinho vai deixar de fazer prova porque estava devendo, nunca aconteceu isso (SOBRINHO, 2012, p. 3).

Portanto, estas condições certamente favoreceram a inserção e aceitação do trabalho da missionária Ana Wollerman. De modo que, já em 1948, no dia 18 de julho, os novos “crentes”, resultado do trabalho da Ana Wollerman, mais os que já estavam com o pastor Valdir, organizaram a Igreja Batista em Amambai. Este é um processo institucional onde uma congregação torna-se uma igreja autônoma e autossustentável.

Segundo Sobrinho (2005, p. 12, 13), no mesmo ano a igreja seguiu com um processo de construção de um novo templo, o mesmo foi inaugurado no dia 04 de dezembro de 1949. Por conseguinte, a escola passou a ter seu próprio espaço, assim como Ana Wollerman e a

família pastoral. Pois logo que ela chegou a Amambai teve que ficar alguns meses morando na mesma casa do pastor Valdir com sua família,

[...] eu fiquei alguns meses na casa do pastor Valdir e dona Candinha, a sua filha Marlene e um filho, dormindo na sala numa rede. Naquela época não havia luz elétrica; tivemos um poço e uma casinha no fundo da casa que serviu como banheiro (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 148).

Segundo ela a Igreja de Ponta Porã havia comprado um terreno grande com duas casas de madeira, uma no fundo abandonada que o pastor usava para suas atividades de marceneiro, e outra também de madeira que servia como moradia, espaço de culto e escola (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 149). Com o tempo, o pastor Valdir reformou a casa do fundo em condições mínimas de moradia, então Ana Wollerman passou a morar nesta casa,

A minha casa ficou bem perto e assim sempre as crianças estavam comigo e eu com eles. A casa que era, eu disse abandonada, ficou reformada pelo pastor e alguns irmãos que ajudavam. Assim ele ficou com uma parte para sua oficina e eu fiquei com duas pecinhas. Uma servia de sala de visita, de cozinha e sala de refeições, tudo numa só pecinha; a outra era meu quarto de dormir. Eu comprei uma mesa e quatro cadeiras e mais algumas coisinhas, mas o resto da minha mobília eu mesma fiz usando caixas de madeira e usando bastante pano azul para enfeitar, fazer cortinas, confeccionar um guarda-roupa com um pau que pastor Valdir pregou na parede. Era muito simples a minha morada, mas eu não estava triste porque creio que eu mais alegre do que muitas senhoras morando em palacetes (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.149).

Diante do trabalho que Ana Wollerman vinha realizando no Brasil, ainda que sem o apoio da Junta de Richmond, em 1950 acontece o inesperado, ela passa a ser reconhecida e aceita por esta Junta missionária. Agora entendida pela Junta Missionária como “viúva”, ela foi aceita como missionária e teve os privilégios que todo missionário nomeado tinha direito. Ela passou a ter um salário, auxílio de aluguel e um veículo para fazer o trabalho missionário. Em princípio, dirigir seu carro em Amambai causou desconforto, em alguns moradores a ponto de,

Até que um senhor mais velho disse: Ela não pode dirigir carro, é contra a lei do Brasil! Mas logo eles acostumaram comigo, e com o veículo eu pude estender a obra de evangelização mais e mais, e o carro nunca saiu com uma lotação completa de pessoas (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 152).

No que tange ao aluguel, visto que ela já tinha uma moradia improvisada, pediu a Junta que mandasse todo o dinheiro referente ao ano para ela poder investir na escola,

Quando contei minha situação, eles bondosamente me deram a verba de todo o ano, e com aqueles trezentos e sessenta dólares naquela época, e com a grande ajuda dos meus irmãos e até as minhas irmãs, e trabalhando, nós

podíamos derrubar aquelas duas peças da frente que eram numa situação precária, mais velhas e substituir com duas salas, duas peças de tijolo e até com janela com vidro, uma coisa nunca vista naquela época (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 152).

Com o crescimento da demanda de alunos na Escola Batista, Ana Wollerman buscou ajuda em Campo Grande. As moças que a acompanharam foram: Maria Mardine e Marluce Ujacob, estas mesmo mostrando disposição para o treinamento missionário que passariam eram muito jovens, então seus pais autorizaram e recomendaram à missionária: “Dona Ana, nós não deixaríamos nossas filhas sair assim, mas confiamos na senhora, e sei que a senhora vai tomar conta e cuidar bem delas” (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 173). Outra professora que foi fundamental, inclusive assumindo a direção da escola com a saída da Ana Wollerman, foi a missionária Ester Gomes Ergas. Esta era jovem, do Rio de Janeiro e ficou muito impressionada com o trabalho que vinha sendo realizado em Amambai,

[...] em Amambai encontrei moças que vieram de Campo Grande, e tínhamos muitas atividades na igreja, na evangelização da cidade, nas visitas a aldeia dos índios, lecionando o dia todo na Escola Batista a noite era alfabetização de adultos. Lá encontrei a missionária Ana Wollerman e fiquei impressionadíssima com aquela missionária americana, que dirigia caminhoneta, tocava acordeom, pregava, etc, etc. (ERGAS, In: NOGUEIRA, 2003, p. 186).

E assim Ana Wollerman se inseriu na sociedade amambaiense e começou sua escola. Sua influência deixou marcas que se tornaram elementos fundamentais na memória social de sua comunidade afetiva e que dão suporte para construir as representações acerca de suas práticas dentro e fora da escola. É com base nestas representações, tendo a escola como chave leitura, que no capítulo seguinte discorrer-se-á sobre sua trajetória missionária em Amambai.

CAPITULO 3

ORIGENS DO TRABALHO MISSIONÁRIO DE ANA WOLLERMAN: INDÍCIOS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

No capítulo anterior discorreu-se sobre a inserção dos batistas no Brasil, bem como a estruturação de seu projeto educacional com fins missionários. Busquei mostrar que o projeto educacional batista tinha uma abordagem mais direta de evangelização, isto comparado aos demais grupos protestantes, que por sua vez, também não abriam mão da evangelização, porém no espaço escolar a faziam por uma abordagem indireta. Além disso, procurou-se mostrar a inserção da atividade missionária batista no antigo sul do Mato Grosso e as condições que contribuíram para inserção da missionária Ana Wollerman no contexto histórico e social de Amambai-MS.

No presente capítulo, passa-se a mostrar como se deu o início da trajetória missionária de Ana Wollerman no Brasil, tendo como foco a Escola Batista que foi criada por ela no município de Amambai-MS. Neste sentido, a escola servirá como chave de leitura para o entendimento de como Ana Wollerman contribuiu para a construção de elementos estruturantes na cultura da Escola Batista. E ainda, com base em sua memória sócio afetiva – professoras e alunos – busca-se analisar quais representações sobre as práticas de Ana Wollerman são construídas acerca de sua identidade missionária.

A escola que Ana Wollerman criou

Como vimos, entre as condições que favoreceram a inserção de Ana Wollerman em Amambai encontra-se sua amizade com Dona Senhorinha Manvailer, pois esta era muito influente na comunidade em Amambai, já que sua família era uma das fundadoras da cidade e ela tinha amadrinhado o batismo de muitas crianças. Esta última informação se torna um detalhe importante nesta pesquisa, uma vez que os “padrinhos” de batismo na tradição católica e no catolicismo popular são pessoas de confiança e com frequente circulação na família. O padrinho ou madrinha pode ser alguém sem qualquer laço consanguíneo com a família, mas ao ser convidado como tal passa ser íntimo e muitas vezes investido de uma significativa autoridade abaixo apenas dos pais.

Neste sentido, já que Dona Senhorinha tinha influência o bastante entre as muitas famílias podia convencer muitos pais a mandar seus filhos para escola que a missionária Ana Wollerman estava abrindo. Muitos, no começo, poderiam até ter desconfiança da mulher branca e estrangeira em sua cidade, mas confiavam na “madrinha de seus filhos”.

No entanto, a procura pela escola não se deu apenas pela influência de Dona Senhorinha, nem apenas pela “novidade” que Ana Wollerman representava para aquele lugar, mas também e fundamentalmente, por causa da “demanda social” do lugar. Pois, como já foi visto, havia escolas na área rural e próximas da cidade, mas na cidade propriamente, não existia nenhuma escola com espaço próprio e separação de classes por séries, mas apenas o que temos chamado nesta pesquisa de “escolas domésticas”. No início da Escola Batista ela também não tinha um “espaço próprio”, nas palavras da Ana Wollerman,

Mas as aulas tivemos naquela sala da morada deles, antes então de eu estar no Brasil um ano, abri a escola batista e tantos crianças vieram que tinha de dividir: a metade veio de manhã, a outra veio à tarde, e à noite era a aula para os jovens, de modo que fiquei bem ocupada além das minhas visitas e outras coisas. Tive apenas uma ajudadora, uma sobrinha da Dona Senhorinha, uma moça muito boa (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2003, p. 149).

O termo a “morada deles” utilizado por Ana Wollerman se refere à casa do Pastor Valdir Vilarinho que além de moradia, servia como espaço de culto e agora também de escola. Neste sentido a Escola Batista nasce como escola doméstica “mista”⁵⁴, mas vai se estruturando e constituindo classes por séries a medida que é constatado os estágios de desenvolvimento de uns em relação aos outros. Afirma-se isto, mesmo com outra fala de Ana Wollerman sobre o início da Escola onde supõe-se que a escola já tivesse começado com divisões de séries e com todo o primário: “Antes de eu estar no Brasil um ano, eu estava abrindo uma escola ensinando todo o curso primário em português. Só Deus podia fazer este milagre em minha vida” (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2003, p. 148). Segundo o relato da professora e também missionária, Ester Ergas, é apenas provável que a escola já tivesse começado com todo o primário formado:

Já começou grande a escola! Não sei se já havia 1º, 2º e 3º, mas provavelmente. Ela diz de três turmas quando fez o Instituto Bíblico que ela foi buscar no Paraná os alunos que ela havia mandado pra lá, mas, escola primária, é possível que já tivesse alguma criança que já tivesse 2º, 3º ano, mas provavelmente por não haver nada antes é possível que já começou do início (ERGAS, 2012).

⁵⁴ “Mista” aqui se refere não apenas porque estudavam juntos meninos e meninas, mas por atender crianças em estágios diferentes de desenvolvimento escolar.

O “começar grande” aqui está relacionado diretamente a grande procura de alunos que por necessidade levou a divisões em turnos, mas não necessariamente de séries. O Instituto Bíblico que a Ester Ergas se refere é a Instituição em Dourados-MS, que mais tarde viria se tornar a Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman. Quanto a escola em Amambai, é provável que tenha começado com todos os níveis escolares juntos, numa mesma “classe”, mas que em menos de um ano já tivesse estruturada em classes e séries conforme o relato de Ana Wollerman. É que, ao falar mais de cinquenta anos depois sobre determinado fato e que tem consciência dos desdobramentos que tal fato tomou, sua visão é sempre a de conjunto, ou seja, da totalidade dos eventos que levaram a estrutura final da Escola Batista. Para ter uma ideia de como era, no início, o espaço único (escola, culto e moradia) veja a fotografia abaixo:



Grupo de alunos e membros da Igreja em frente a casa do Pastor Valdir Vilarinho em Amambai (MS). Acervo: Biblioteca da Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman

Esta imagem além de ilustrativa abre possibilidades para a reflexão de algumas questões fundamentais que tem relação com o desenvolvimento do trabalho de Ana Wollerman no Brasil. Levando em consideração que a imagem é documento, mas também é monumento (LE GOFF, 1990, p.535; MAUAD, 2005, p.141), é importante entender que, enquanto monumento ela busca “eternizar” ideologias, valores, representações, etc. e neste caso, também dar “recados” diretos ou indiretos para seus destinatários.

Portanto, a imagem acima é de uma fotografia posada, pois logo se nota pelas crianças bem vestidas, lideranças pastorais no fundo vestidos de terno e gravata em plena luz do dia - o que talvez não seria uma variável para época, se os sujeitos engravatados estivessem num grande centro urbano ao invés de uma vila no interior do Mato Grosso. A foto mistura personagens da Igreja e alunos e neste sentido acaba passando a impressão que o número de alunos da escola, que está nascendo, é relativamente grande, pois se misturam crianças que ainda não estão em idade escolar (para época), certamente filhos de membros da Igreja o que dá esta ilusão de grande número de alunos. Além disso, o objetivo da foto é mostrar o “sucesso” do trabalho que Ana Wollerman vinha realizando já no início de sua chegada no Brasil. Pois se a foto fosse para atender os interesses do pastor Valdir o destaque seria dele e não de Ana Wollerman.

Portanto, ao levar em consideração o imaginário de representações religiosas dos batistas, percebe-se o que Ana Wollerman está comunicando tanto às igrejas que estão sustentando seu trabalho no Brasil, como - com sutileza - à Junta Missionária de Richmond que, Deus está sustentando Sua obra (de Deus) missionária no Brasil mesmo com a não aprovação da Junta. Se os órgãos representativos das Igrejas não reconhecem sua “vocação” e “chamado”, Deus reconhecia e criava condições para cumpri-los. Veja em suas próprias palavras tais representações:

Eu poderia continuar a falar das maravilhas que Deus fez através daquela primeira escolinha, e Ele continuou a abençoar, os números aumentaram grande na escola e também na Igreja, e sentimos que precisávamos de algum lugar próprio para cultos e para escola. E assim, **sem ajuda de uma missão, sem fazer campanhas pedindo contribuições, só orando e confiando em Deus**, nós iniciamos a construção de uma casa de madeira simples, com duas peças grandes para escola batista, e ao mesmo tempo, um templo modesto, mas feito de tijolo para primeira Igreja Batista de Amambai. **O povo fez muito sacrifício comigo, nós oramos muito e Deus nos abençoou** (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2003, p. 152)⁵⁵.

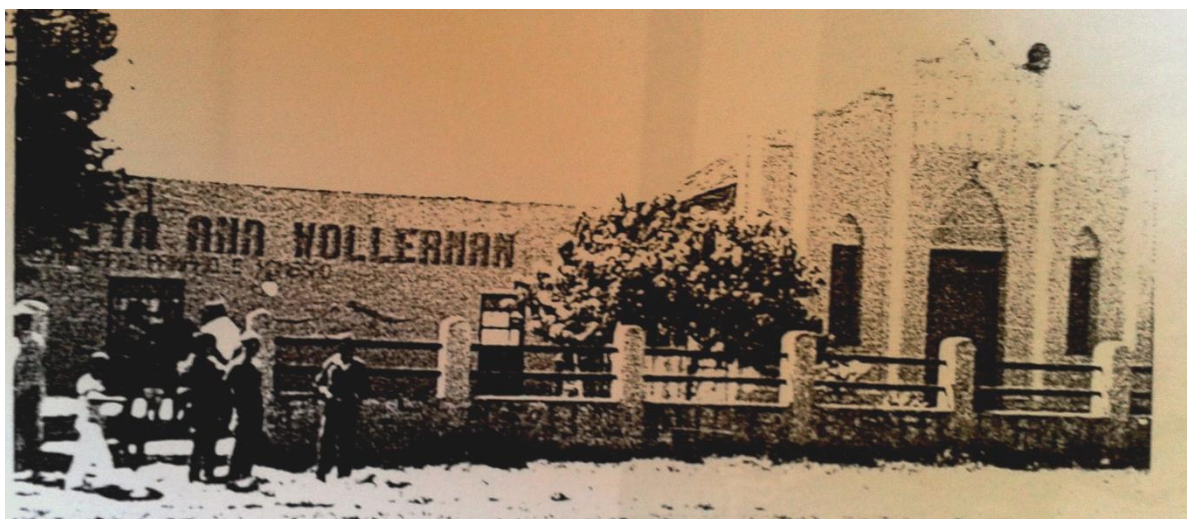
Conforme o relato acima é possível que a escola já tivesse um espaço próprio em 1949. Veja que a construção das salas de aula e o templo coincidem na mesma época. Mas é importante destacar que a escola já existia antes da igreja enquanto instituição eclesialmente organizada e reconhecida como tal pela Convenção Batista Brasileira. Até então ela funcionava como congregação filiada e sustentada pela Igreja Batista em Ponta Porã-MS.

⁵⁵ Grifo meu.

No final de 1947 e início de 1948 a missionária Ana Wollerman começou as atividades da escola na casa do Pastor Valdir. E em 18 de julho de 1948 foi organizada a Igreja Batista em Amambai⁵⁶ e em 04 de dezembro de 1949, conforme Almiro Sobrinho (2005, p.13), foi inaugurado o templo que ela faz referência. Logo, possivelmente antes disso a escola já estivesse funcionando no espaço próprio com as duas salas que Ana Wollerman também faz referência no mesmo relato.

Em 1950 Ana Wollerman foi recebida como missionária viúva pela Junta Missionária de Richmond e agora, como “nomeada”, ela passou a ter direito a salário, um automóvel e auxílio para o aluguel. Então, a pedido de Ana Wollerman a Junta Missionária repassou todo o valor do aluguel referente ao ano inteiro – trezentos e sessenta dólares – e ela pôde com este dinheiro e com a ajuda da Igreja, construir mais duas salas de alvenaria e com janelas de vidro (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2003, p. 152).

A próxima fotografia mostra superficialmente parte da fachada da Escola Batista ao lado da Igreja, aumentada com a ajuda dos primeiros recursos da Junta norte-americana de Richmond. O nome “Escola Batista Ana Wollerman”, conforme mostra a imagem foi uma homenagem posterior que a Igreja fez a ela.



Escola Batista ‘Ana Wollerman’ em Amambai (MS) (à esquerda) ao lado do Templo ‘Igreja Batista Central’. Acervo: Arquivo da Câmara Municipal de Amambai no documento anexo ao Decreto legislativo 04/2003 que dá título de cidadã amambaiense para Ana Wollerman

⁵⁶ Antes era “Primeira Igreja Batista - PIB”, mas depois passou a ser: “Igreja Batista Central”. Pois quando ela foi organizada institucionalmente em Amambai era a única, mas posteriormente a Igreja Batista em “Arroio Corá”, organizada desde 1945, se mudou para cidade de Amambai. Estes venderam a estrutura física que tinham em Arroio Corá e construíram em Amambai. Por pertencerem a mesma Convenção reivindicaram o título de “Primeira Igreja Batista” e a outra que tinha sido organizada em 1948 com a ajuda de Ana Wollerman, para não ficar como “Segunda Igreja Batista”, preferiram o título de “Igreja Batista Central”.

Ana Wollerman e a “Cultura Escolar”

Após discorrer sobre as condições que Ana Wollerman criou e estruturou fisicamente a escola, segue a análise quanto a clientela que ela atendia na escola e atividades pedagógicas que criou e que se tornaram elementos estruturantes da “cultura escolar” da Escola Batista. Por cultura escolar se entende a partir de Dominique Julia:

Para ser breve, poder-se-ia a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização: aqui se encontra a escalada de dispositivos propostos pela schooled society que seria preciso analisar; nova religião com seus mitos e ritos contra o qual Illich se levantou, com vigor, há mais de 20 anos. Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares (JULIA *apud* VIDAL, 2005, p.24).

Como notado o conceito de cultura escolar na perspectiva de Julia é bastante amplo como ferramenta teórica. Sua contribuição serve tanto para análise do conjunto de conhecimento transmitido na escola, normas de conduta que são internalizadas nos sujeitos e as culturas infantis, mas também vai além dos muros da escola, no interior das sociedades com seus modos de pensar e agir que se dá no intercâmbio com os processos formais de escolarização. Todavia, a escola não é objeto de estudo desta pesquisa e sim o início da trajetória missionária de Ana Wollerman em Amambai. No entanto, pelo fato dela ser a criadora da Escola Batista e por meio dela muitos dos valores norteadores e as práticas estruturantes da escola, buscar-se-á conhecer sua trajetória tendo a constituição de alguns elementos da cultura da escola como chave de leitura.

A clientela era basicamente rural. Mesmo Amambai tendo sido recentemente municipalizado (1948), mantinha características fortemente rurais, pois era sustentada majoritariamente pela agricultura, especificamente a agricultura ervateira que contribuiu, não apenas para força econômica de Amambai, mas também para economia de boa parte do antigo Sul de Mato Grosso.

Segundo dados do IBGE referente ao censo de 1950, a maioria da população do Mato Grosso era rural, pois se contava 122.032 urbanos, 55.798 “suburbanos” e pelo menos 344.214 rurais.⁵⁷ Assim sendo, muitas crianças que não frequentavam escolas rurais e não moravam nos municípios e distritos com sedes escolares e que quisessem estudar teriam que fazer uma jornada dos sítios e chácaras até a escola mais próxima. Entre estes, testemunha a Dona Amélia de Lima, ela no então “Grupo Escolar Coronel Felipe de Brum” em Amambai (início de funcionamento em 1950) e que mais tarde, em meados de 1955, trabalhou primeiro como merendeira da Escola Batista e depois como professora da mesma escola. Ela fala das dificuldades de acesso à escola neste período,

Então os meus pais moravam no sítio, naquela época, e, eles resolveram que eu devia aprender um pouco mais, porque naquela época não tinha estas escolas rurais que agora tem; nas fazendas, nos sítios que hoje em dia tem os ônibus que carregam. As crianças moram lá e frequentam na cidade a escola. Então meu pai resolveu, a gente tinha que vir a pé e era um pouco longe de lá pra escola. Vinha com os outros colegas porque era perigoso. Então meu pai resolveu de me mandar aqui pra cidade, pra estudar. E não sei por intermédio de quem, mas ele falou com o Pr. Valdir Vilarinho. Naquela época o Pr. Valdir Vilarinho morava aqui, morava ao lado bem em frente da Igreja nossa ali, onde hoje é o Hospital Dr. José Luiz. Tinha casa ali. Eu vim pra ali, parar com eles, ajudar na casa e assim estudar (LIMA, 2012).

Mesmo que Dona Amélia tenha dito que “não existiam escolas rurais”, não significa necessariamente que não havia escolas na região, pois há registros que mostram a presença de escolas rurais pelo menos já antes de 1938 (SOBRINHO, 2009, p.176s). O que acontece é que certamente não sabia da existência de escolas rurais porque não havia nenhuma escola nas proximidades do sítio onde ela morava. Outrossim, sua fala representa os muitos alunos que se deslocavam a pé da área rural para a escola na cidade e mostra que muitos pais encontravam formas para deixar seus filhos na cidade morando na casa de algum conhecido a fim de poder dar continuidade aos estudos.

Neste sentido, corrobora com o relato de Ester Ergas, “sim moravam na Vila, até os que moravam na chácara tinham que ir morar naquela Vila para estudar” (ERGAS, 2012). Muitos não podiam se manter na cidade, talvez por dificuldades financeiras e/ou outros motivos. O Sr. Almiro Sobrinho foi um dos que se mudou da chácara para cidade a fim de estudar, mas depois que terminou o primeiro ano não voltou no ano seguinte,

Isso eu comecei em agosto, fiquei até o fim do ano, no fim do ano quando eu completei o primeiro ano, bem colocado e tudo, mas só que no ano seguinte

⁵⁷ Fonte: IBGE.

eu não voltei mais pra escola, fui pra chácara e não voltei mais (SOBRINHO, 2012).

Além dos casos acima referidos, uma experiência que marcou a memória de Ana Wollerman no final do primeiro ano de atividades da escola em Amambai foi com o aluno Hudson Otaño da Rosa,

No final daquele primeiro ano da escola eu queria fazer um grande programa de encerramento e convidar as autoridades, os homens de negócios da cidade, enfim todos aqueles para apresentar o que pode uma escolinha simples na vida dos seus filhos. Os irmãos fizeram um palco, tivemos lampião a querosene para iluminação. Eles usavam algumas tábuas emprestados para fazerem uns bancos, e tivemos à noite esta grande reunião. Quase toda cidade assistiu, muitos ficando em pé, as crianças se comportavam com tanto respeito a qualquer direção que eu dei, que o povo ficou admirado. Eles apresentaram cânticos, solos e em grupos cantavam não somente hinos, mas o Hino Nacional e corinhos. Muitos falaram poesias com bastante e bom êxito. Assim ao fim daquele programa, eu tinha um presente. Um dos donos de um mercado grande me deu um caminhãozinho, era brinquedo, mas uma coisa que nenhuma criança lá tinha visto ou possuído. Então eu tinha prometido este presente para o aluno que fez o maior progresso, as melhores notas e em tudo saiu como o menino merecedor do prêmio, e naquela noite dei o prêmio para o menino Hudson Otaño da Rosa.

Nunca vi um menino que podia aprender e que teve o desejo de progredir. Falei com o pai dele após a cerimônia e disse ao pai: “O senhor tem um filho muito excelente, inteligente. Ele aprendeu tudo que eu podia ensinar neste ano”. Então o pai respondeu, dizendo: “Sinto muito bem que ele aprendeu tanto no seu ano”. Eu olhei para ele e disse: “Que quer dizer em seu ano?” Então o pai me explicou que ele tinha, eu creio, doze filhos, mas não vou ter toda certeza, filha, filhas e filhos. Então ele disse: “Eu prometi a cada um dos meus filhos que podiam assistir a sua escola por um ano; depois voltariam para ajudar a família na chácara e outro filho então teria o seu ano”. Naquela época eu também não tinha dinheiro certo todo o mês. Não tinha salário, vivia só de ofertas que Deus colocava nos corações dos meus irmãos aqui na minha terra, porque eu fiz um voto a Deus quando eu fui para o Brasil, que nunca escreveria uma carta ou pediria por outra maneira dinheiro dos meus irmãos norte-americanos, mas que orarei a Deus e Ele ia suprir todas as minhas necessidades. E assim Ele fez. Mas eu ouvi minhas próprias palavras ao pai do Hudson dizendo: “O senhor está pecando contra esse menino, contra Deus, contra seu país – o Brasil - se tirar este menino da minha escola, porque ele pode ser um grande homem de Deus, um grande brasileiro que faz muitos benefícios aos seus colegas, as suas famílias, ao seu povo”. Então eu disse: “Se o senhor permitir que ele permaneça, eu mesma me responsabilizo por todas as suas despesas para ele continuar os seus estudos” (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2003, p. 150, 151)⁵⁸.

O relato de Ana Wollerman, além de corroborar com a memória social dos demais colaboradores acima - no que se refere as dificuldades de acesso à escola - mostra possíveis motivos de grande evasão escolar neste período. Mas também dá novos elementos para pensar

⁵⁸ Os muitos elementos deste relato serão trabalhados cada um a seu momento na narração escriturária desta pesquisa.

a “cultura escolar” que a missionária Ana Wollerman estava construindo no imaginário de representação dos sujeitos implicados no projeto da Escola Batista. A atividade de encerramento do ano letivo não se configurava apenas como “comemorações”, mas como atividade pedagógica, inclusive com envolvimento da Igreja e participação da sociedade de forma geral. Esta atividade levou a mobilizações da sociedade para criação de uma infraestrutura minimamente adequada para o evento com preparação de palco, iluminação e assentos para acomodar a população. Assim, os alunos participavam com exposições de trabalhos, apresentações de solos musicais religiosos e também apresentações musicais em conjunto e recitações poéticas. Nesta ocasião os alunos que mais se destacavam durante o período escolar eram premiados publicamente. Além disso, toda esta atividade era feita a partir de uma apresentação oficial do Hino Nacional Brasileiro⁵⁹.

As atividades de fechamento do ano escolar não se encerraram com o primeiro ano da escola, mas passaram a ser elementos estruturantes da cultura escolar da Escola Batista. Pois o Sr. Almiro Sobrinho ao falar sobre um período mais tardio da escola relata sobre um evento anual e outro mensal, e deixa em sua fala alguns indícios novos para pensar,

Outra coisa interessante que tinha na escola, também, que era o fechamento do ano. A gente ia fazendo durante o ano, a gente fazia desenho, fazia desenho a mão livre, fazia desenho geométrico. Esse desenho geométrico, por exemplo, eles davam a liberdade de você projetar uma casa, você tinha que fazer um desenho assim, então era tudo com as medidas, tudo calculado. E isso aí tudo era feito em folhas de papel e guardado na secretaria da escola⁶⁰. No fim do ano, no fechamento do ano letivo, todos aqueles trabalhos eram colocados na mesa, com o nome do aluno, e convidava os pais, aí tinha o culto, e depois os pais iam visitar aquela mostra, que hoje é considerado feira científica. Então, tinha isso aí. [...] Todo mês era feito prova e o encerramento. Esse encerramento era um culto de manhã na igreja, convidava os pais pra virem, e ali eram dadas classificações, alunos que se destacaram, uns na redação, outros na matemática, eles procuravam distribuir, não centralizar num só (SOBRINHO, 2012).

O Sr. Almiro fala não apenas como “pesquisador” memorialista da história da educação de Amambai, mas também como membro da Igreja Batista Central onde todas as decisões sobre a escola e suas atividades passavam pelas assembleias da Igreja⁶¹. Em sua fala, além de mostrar o quanto a atividade de encerramento do ano escolar estruturava a cultura da escola, pois ainda que numa edição menor, também passou a ser mensal no calendário escolar. Outro aspecto que pode ser percebido em sua fala é que as exposições e premiações para os

⁵⁹ Quanto à inserção de atividades cívicas na cultura da Escola Batista será discorrido mais adiante.

⁶⁰ Infelizmente toda documentação oficial da escola foi extraviada com sua extinção, pois muitos destes documentos foram passados de mão em mão de egressos da escola buscando convalidar seus diplomas. Por isso, não foi encontrado nenhum documento que pudesse servir como fonte para cotejar estes relatos.

⁶¹ Infelizmente o “Livro Ata 01” da Igreja onde poderia conter muitas informações sobre a escola foi extraviado.

alunos destacados eram “controladas” para não centralizar as atenções e elogios em apenas alguns alunos. Isto pode indicar uma preocupação por parte da escola de incentivar o maior número de alunos possível, mas também indica possíveis intervenções de resultados a fim de prestar contas com os pais sobre o desenvolvimento de seus filhos e também manter satisfação pelo serviço prestado pela escola.

Outro documento que também mostra o quanto esta atividade se tornou um elemento estruturante na cultura da escola está no requerimento 71/2003, anexo ao Decreto Legislativo nº04/2003 que dá título de cidadã amambaiense a Ana Wollerman. Nele consta uma carta com assinaturas e doações em dinheiro à Escola Batista para ajudar nas “festividades” de fechamento do ano de 1951:

Os abaixo assinados reconhecidos à Exma. Sra. Diretora da Escola Batista nesta cidade e agradecimento pelo esforço dispensado em prol da instrução da nossa infância que ministra com carinho e dedicação. Unem-se voluntariamente, para, quotizando-se entre si, minorarem as grandes despesas que o mesmo educandário está realizando como o faz todos os anos ao fim do curso letivo.

Este gesto dos signatários, outra coisa não traduz, a não ser o simples desejo de retribuir, na medida do possível, para amenizar as grandes despesas com que, anualmente encerra os festejos escolares o aludido estabelecimento de ensino.

Aqui fica, dos subscritos, uma prova de reconhecimento e gratidão imperecíveis, rogando ao Todo Poderoso, que guarde a sua diretora por muito e que nos proteja (REQUERIMENTO Nº 71/2003).

Esta carta além de cotejar com os relatos anteriores sobre as atividades anuais realizadas pela escola, também mostra a aceitação por parte da sociedade amambaiense ao trabalho que Ana Wollerman vinha realizando. Infelizmente, não foi possível conhecer os remetentes da carta, mas tudo indica que é uma carta livre, ou seja, não era necessariamente representada por alguma instituição específica, mas que, talvez, tenha sido de iniciativa de alguém da Igreja Batista, pois a linguagem da carta guarda características específicas, ainda que não exclusivas, de grupos protestantes. Esta carta, todavia, demonstra uma sociedade que se sentia responsável pela escola e ao mesmo tempo participante de sua “cultura escolar”. E, neste sentido, pode-se entender Faria Filho quando diz,

O reconhecimento do fato de que a escola é tanto produtora, quanto produto da sociedade como um todo. O que importa estudar, em última instância, é como este fenômeno se dá em suas múltiplas facetas em tempos e espaços determinados (FARIA FILHO, 2008, p.81).

A importância desta atividade pedagógica também tem a ver com o que Chapoulie e Briand (1994, p.20s) entendem por “oferta de vagas”. Esta noção, na verdade, precisaria ser

analisada dentro de uma perspectiva a longo prazo, mas, grosso modo, tem a ver com a relação entre escola e clientela dentro da lógica de concorrência entre instituições escolares para ganhar a clientela com alguma proposta diferenciadora e ao mesmo tempo caracterizar que tipo de clientela a instituição escolar espera. Neste sentido, as atividades não apenas se configuravam como tática de comunicação da mensagem religiosa, da qual será abordado mais adiante, mas também como tática de incentivar ao retorno dos alunos que, já a partir de 1949, também são assediados por outras instituições de ensino. Como visto na experiência do Sr. Almiro Sobrinho e de Hudson Rosa (o último com desdobramento diferente), muitos por diferentes motivos, não retornavam à escola. Assim, para manter sua clientela, todo final de ano, possivelmente no encerramento das atividades, a escola celebrava o desempenho dos participantes e os presenteava para voltar no ano seguinte:

Eles davam o caderno. No final do ano você ganhava uma sacolinha, normalmente vinha um livro de história, de acordo com a série que você terminou, uma caixa de lápis de cor, uma caixa de giz de cera, borracha e os joguinhos que tinha, que jogava aquelas Sete Marias, aquilo vinha para as meninas. Eles davam o material no final do ano que era um incentivo para aluno voltar depois (SOBRINHO, 2012).

Ainda a partir de apontamentos de Faria Filho, em que a cultura escolar é produto de intercâmbio entre escola e sociedade e, de Chapoulie e Briand que analisam os processos de escolarização com base nas consequências entre “domínio político” e “instituição escolar”. Sendo que, neste caso, o primeiro não se reduz a políticas de governos, mas também aos diversos “atores que podem intervir no processo de criação e de transformação institucional”, quais sejam famílias, instituições ou sujeitos religiosos, movimentos sociais, etc. (CHAPOULIE; BRIAND, 1994, pp. 26s). Com base nisso, verifica-se outro elemento estruturante da cultura da escola, da qual envolve diretamente Ana Wollerman e grupos de poder na configuração de Amambai na época, qual seja: a “ritualística cívica”. No entanto, talvez esta somente tenha se tornado tão importante para escola devido à tensão e o estranhamento cultural que a precederam na trajetória de Ana Wollerman. Em suas palavras, assim ela relembra a experiência:

Na escola eu pensei que seria interessante ensinar as crianças a cantar um corinho em inglês, e assim eu ensinei um corinho sobre um fazendeiro que tinha vários animais, e assim as crianças podiam no corinho imitar as vozes dos animais. Eles adoraram e cantaram em casa, na rua, na escola. Mas surgiu um problema com isto: **eu não estava ensinando e cantando o Hino Nacional Brasileiro cada manhã ao abrir a escola**, por duas razões: eu não sabia que era costume e até obrigada, quem sabe, a fazer isto; e a segunda razão, o Hino Nacional Brasileiro era muito difícil para mim naquela época da minha estada lá. Mas um senhor foi as autoridades para me chamar, que para eles tomarem alguma providência com aquela americana, mas tudo

ficou bem calmo quando eu fui chamada. Fui lá, contei o corinho, o que que era, e que eu prometi aprender o Hino Nacional e eu aprendi, e cantei mal e mal. Mas é um Hino muito bonito e eu gosto muito do Hino brasileiro nacional (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2003, p. 150)⁶².

Por causa de uma atividade “inocente” e bem intencionada foi parar no gabinete das autoridades da cidade para prestar esclarecimentos. É plausível pensarmos que Ana Wollerman não possuía ainda domínio da língua portuguesa, considerando que só estava no Brasil havia um ano. Logo, seu repertório musical infantil devia ser consideravelmente limitado, não caracterizando desse modo uma intenção velada de sobrepor o ensino da língua inglesa ao da língua portuguesa.

Neste relato é possível perceber os efeitos da política nacionalista de Getúlio Vargas empreendido por Gustavo Capanema, então Ministro da Educação no recém-deposto “Estado Novo” (1937-1945). Nesta época, tanto Amambai que até então era distrito de Ponta Porã quanto as demais cidades fronteiriças próximas de Ponta Porã, tinham recém deixado de ser “Território Federal” (1943-1946), através do Decreto, 5812/1943 da Presidência da República. A política de nacionalização do ensino, com suas Leis Orgânicas, além das pretensões modernistas, centralizadoras, nacionalistas e instrumentalmente autoritárias, buscavam no primário: formar um “sentimento patriótico” e no secundário; uma “consciência patriótica” (HILSDORF, 2003, p. 100). Logicamente que não foi uma preocupação apenas no Território Federal de Ponta Porã, mas em todo o Brasil do “Estado Novo”. Porém, as regiões fronteiriças que o presidente separou por ocasião da Segunda Guerra Mundial e, as da Região do Sul do Brasil por causa da força das colônias de imigrantes, tinham especial atenção do Gabinete da Presidência da República no que tange a reafirmação de limites territoriais, políticos e fundamentalmente, culturais com seu processo de abasileiramento (SANTOS, MULLER, 2009).

Destarte, quando Ana Wollerman vivenciou esse problema a II Sede da Inspeção de Ensino do município de Ponta Porã não atuava mais no espaço urbano de Amambai, mas apenas coordenava as escolas rurais cuja responsabilidade era do professor João de Paula Bueno. Teria sido este o delator de Ana Wollerman? Ou, a quem Ana Wollerman teve que prestar esclarecimentos por supostamente ensinar inglês numa fronteira? Esta que era tão fluída e mais se falava espanhol e guarani do que português. O que é “fato” pelo menos, é que

⁶² Grifo meu

todo este estranhamento envolvendo a música em inglês e o Hino Nacional tem a ver com os resultados da política nacionalista de Getúlio Vargas.

Depois deste episódio há indícios que o ritual cívico do Hino Nacional no espaço da Escola Batista tenha ganho uma importância diária nas práticas da escola. Note-se que Ana Wollerman fala de ensinar e cantar o Hino Nacional “a cada manhã ao abrir a escola”. Dona Amélia ao falar das atividades da escola no Templo da Igreja diz: “era assim, a gente preparava a fila dos alunos, entrava no Templo e cantava o Hino Nacional e tinha devocional. Ninguém ia para as classes sem fazer a devocional” (LIMA, 2012). Já o relato do Sr. Almiro fala de outra atividade cívica que fornece elementos novos:

E também tinha a parte cívica, os alunos, não era todo dia, mas um dia da semana, eram colocados os alunos tudo em fila em frente da escola, era hasteado a bandeira e cantado o hino nacional, cantava-se o hino à bandeira, e cantavam-se alguns outros hinos que eu não me lembro todos. Tinha essa parte cívica também, bem colocada (SOBRINHO, 2012).

Ao dizer que “não era todo dia”, não está necessariamente contradizendo Ana Wollerman e Dona Amélia, mas sim declarando a existência de outra atividade cívica que era realizada ao menos uma vez na semana na escola, a saber: a colocação das crianças em posição de “ordem” em frente à escola, expostas para os transeuntes do centro de Amambai. E assim, dando “testemunho” à sociedade da importância da escola para formação da nova geração de “cidadãos patriotas” amambaienses. Também prestando contas a esta sociedade de suas responsabilidades cívicas e, ao mesmo tempo, “fechando possíveis brechas” que pudessem atrapalhar a aceitação e aproximação da Escola Batista e da Igreja Batista pela população a qual pretendiam evangelizar.



Participação da Escola Batista no desfile de 7 de Setembro de 1960 em Amambai (MS). Acervo: Arquivo da Câmara Municipal do município de Amambai no Documento anexo ao Decreto Legislativo 04/2003 que dá título de cidadã amambaiense para Ana Wollerman.

E ainda, outro elemento da cultura escolar que não apenas era estruturante nas atividades da escola, mas também elemento fundante da escola é a evangelização. Esta é para os batistas a “missão” contínua de todos os crentes.

A missão primordial do povo de Deus é a evangelização do mundo, visando à reconciliação do homem com Deus. É dever de todo discípulo de Jesus Cristo e de todas as igrejas proclamar, pelo exemplo e pelas palavras, a realidade do Evangelho, procurando **fazer novos discípulos** de Jesus Cristo **em todas as nações**, cabendo às igrejas **batizá-los a observar todas as coisas que Jesus ordenou**. A responsabilidade da evangelização estende-se **até aos confins da terra** e por isso as igrejas devem promover a obra de missões, rogando sempre ao Senhor que envie obreiros para a sua seara (DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA CBB, p.11)⁶³.

Este sentimento de responsabilidade missionária é recebido pela memória religiosa da tradição dos reformadores (Lutero, Zuinglio e Calvino), mas por sua vez busca legitimação numa memória mítica originária, que é a memória dos apóstolos e do cristianismo antigo (primitivo) registrado no Novo Testamento. E assim configura aquilo que Hobsbawm e Terence entendem por “Invenção da Tradição” (1997). Veja os elementos de dependência

⁶³ Grifo meu.

entre a Declaração Doutrinária dos Batistas - documento acima citado - e alguns textos bíblicos que falam do comissionamento missionário;

Ide, portanto, **fazei discípulos de todas as nações, batizando-os** em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. **Ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado.** (Mat 28: 19, 20a)

Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e **até aos confins da terra** (At 1:8)⁶⁴

É com base nesta “tradição inventada” que Ana Wollerman constrói tanto sua prática missionária, como também a “reinvenção” de suas memórias ao falar de seu trabalho missionário no Brasil. Numa de suas falas, já parcialmente citada neste trabalho, ela se apropria da memória bíblica para falar dos resultados de seu trabalho em Amambai,

Assim durante aquele primeiro ano, **Deus acrescentou ao número dos salvos**, dos batistas, grandemente e assim podíamos ter o primeiro batismo lá no córrego Panduí (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 150).

Compare os vocábulos grifados com:

Louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso **acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.** (At. 2:47).

E ao falar do momento em que ela pediu ao pai de Hudson Otaño para que o mesmo continuasse os estudos, mas agora sustentado por ela, Ana Wollerman diz:

Naquela época eu também não tinha dinheiro certo todo o mês. Não tinha salário, vivia só de ofertas que Deus colocava nos corações dos meus irmãos aqui na minha terra, porque eu fiz um voto a Deus quando eu fui para o Brasil, que nunca escreveria uma carta ou pediria por outra maneira dinheiro dos meus irmãos norte-americanos, **mas que orarei a Deus e Ele ia suprir todas as minhas necessidades** (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 151).

Compare os vocábulos grifados com:

E o **meu Deus**, segundo a sua riqueza em glória, **há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades.** (Fl. 4:19).

Com base nesta memória bíblica traditiva em sua experiência missionária, verifica-se que a principal finalidade de Ana Wollerman é a evangelização, isto tanto dentro quanto fora da escola. Como a escola é um dos “meios” estratégicos de realizar a missão, então Ana Wollerman, suas cooperadoras (professoras) e a Igreja farão de toda ocasião possível uma oportunidade de evangelização direta e indireta.

⁶⁴ Grifo meu.

Quando percorrido sobre os demais elementos da cultura escolar notou-se na maioria das partes dos relatos (já citados), tanto de Ana Wollerman quanto das demais professoras e alunos, que há alguns elementos recorrentes como: “culto”, “hinos”, “devocional” e outros.

“apresentavam cânticos solos e em grupo cantavam não apenas hinos” (WOLLERMAN, 2003).

“este encerramento era um culto de manhã na Igreja” (SOBRINHO, 2012).

“ninguém ia para as classes sem fazer a devocional” (LIMA, 2012).

“ali tínhamos que todos; crianças e professoras; íamos para o templo e lá cada dia uma professora ensinava alguma história bíblica, isto era infalível todos os dias” (ERGAS, 2012).

Tais elementos não são secundários e como são recorrentes nos relatos, demonstra seu lugar de importância nas atividades da escola. Todavia, as atividades litúrgicas nos cultos protestantes⁶⁵ sempre encerram com uma pregação ocasional, ou seja, uma exposição das Escrituras que leve em consideração os propósitos ocasionais⁶⁶. E, nos casos acima, os propósitos são evangelísticos. O secundário aqui, mas não sem importância, é a escola e suas práticas pedagógicas. Neste caso o que é prioritário é a oportunidade de “evangelizar” através das atividades escolares. Isto não diminui a importância da educação, mas apenas a coloca em segundo plano, pois como já foi percorrido, para os batistas a educação é um “meio” e nunca um fim em si mesma – meio estratégico de evangelização e meio ideológico de construir valores éticos, morais e religiosos:

As escolas cristãs devem conservar a fé e a razão no equilíbrio próprio. Isto significa que não ficarão satisfeitas senão com os padrões acadêmicos elevados. Ao mesmo tempo, devem proporcionar um tipo distinto de educação – a educação infundida pelo espírito cristão, com a perspectiva cristã e dedicada aos valores cristãos [...] A educação cristã emerge da relação da fé e da razão e exige excelência e liberdade acadêmicas que são tanto reais quanto responsáveis (PRINCÍPIOS BATISTAS, CBB, p.09).

Assim sendo, diferente dos demais elementos da cultura da escola instituídos por Ana Wollerman, não há um momento em que a evangelização não estivesse presente, pois ela já começa no propósito de criação da escola. A intenção de criar uma escola em Amambai se deu mediante o convite do Pastor Valdir Vilarinho de auxiliar no desenvolvimento da evangelização na cidade,

⁶⁵ Protestantismo histórico: Batistas, Metodistas, Presbiterianos, Luteranos e Congregacionais.

⁶⁶ Para conhecer sobre a importância da pregação no culto protestante e modelo de culto consultar: DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. **Uma análise sociológica do culto protestante: percursos e tendências**. In: LEONEL, João (org.). **Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. 2ª. Ed. São Paulo: Fonte Editorial: Edições Paulinas, 2010.

Ele [Pastor Valdir Vilarinho] estava lá há poucos meses, enviado pela igreja de Ponta Porã para abrir um novo trabalho. Mas ele não está recebendo muita aceitação. Não havia nada para realmente fundar uma futura Igreja. E, ele pensou que se tivesse uma escola, porque não havia naquele lugar uma escola boa que, quem sabe, ia ser a porta para o trabalho, o evangelho progredisse (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 148).

Assim, para otimizar seu trabalho e alcançar seus objetivos evangelísticos ela criou uma sistemática diária que se tornou elemento estruturante da cultura da escola.

Todos os dias eu abri a Palavra de Deus e ensinei a respeito de Jesus contando as histórias bíblicas e tive algumas figuras na flanela para eles também prestarem bem atenção, e assim as crianças foram conhecendo o evangelho, e vi logo que era assim porque Deus me levou àquele lugar, porque muitas vidas foram transformadas, e eu mais tarde vou contar de algumas daquelas crianças, o que conseguiram ser e fazer por causa daquela escolinha (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 149).

Boa parte das crianças da escola começavam tarde os estudos entre nove e quatorze anos, pois com a dificuldade de acesso à escola, muitos começavam os estudos tarde. Portanto, muitas destas “crianças” que Ana Wollerman fala, já eram juniores ou pré-adolescentes que após se converterem tornavam-se seus “cooperadores” no trabalho missionário e, muitos deles, ela ajudava na continuidade dos estudos – assunto que será discorrido mais a frente – daí o significado das seguintes falas: “vidas transformadas”, e “conseguiram ser e fazer por causa da escolinha”.



Foto posada para relatórios. Devocional diário quando ainda não tinha o Templo em Amambai (MS). Acervo: Biblioteca da Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman

Com a construção do templo ao lado da escola a dinâmica das atividades evangelísticas ficou ainda mais intensa. Não havia divisórias entre o espaço de acesso ao templo e a escola. Por um lado delimitou os espaços da escola e da igreja e por outro lado, o templo passou ter importância simbólica na construção da subjetividade das crianças acerca de “espaço sagrado”, “ordem” e “reverência” – elementos fundamentais para interiorização da mensagem religiosa. Dona Amélia descreve esta rotina de evangelização nos seguintes termos:

Colaboradora: Era assim, a gente preparava a fila dos alunos, entrava no Templo e cantava o Hino Nacional e tinha devocional. Ninguém ia para as classes sem fazer a devocional.

Entrevistador: Como que era a devocional?

Colaboradora: Era todos os dias. Era assim, por exemplo, tinha uma história na flanela. Colocava no quadro e através das figurinhas você ia contando a história. Por exemplo, da Arca de Noé você ia colocando as figuras e contando a história para os alunos. Daí cantava-se corinhos⁶⁷, cantava-se

⁶⁷ A diferenciação entre “corinho” e “hinos” é que o segundo é do hinário oficial dos batistas, já o primeiro eram cânticos evangélicos populares de domínio de todos os grupos protestantes.

hinos. Aqueles hinos mais para o lado de crianças, para o lado de jovens. Por exemplo, “Vinde meninos, vinde a Jesus”. Na época também aquele corinho que ninguém usa mais, por exemplo, aprendia um versículo e cantava a música, fazia corinho – João 3:16 “porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho...” Aí todo mundo cantava, aprendia a cantar. Todos os alunos cantavam, todos aprendiam. Daí fazia oração e saía para as classes. Cada uma para sua classe (LIMA, 2012).

Com base neste relato a programação era toda voltada para evangelização: do corinho, hino, “história” bíblica até a memorização do versículo, todos tinham implicações estratégicas. O hino “vinde meninos, vinde a Jesus” nº 525 do hinário “Cantor Cristão”, não é apenas um exemplo, mas é bem possível que tivesse sido usado na evangelização;

Vinde meninos, vinde a Jesus. Ele ganhou-vos bênçãos na cruz! Os pequeninos ele Conduz. Oh! Vinde ao salvador!

Coro: Que alegria sem pecado ou mal. Reunidos todos ao final. Juntos na pátria celestial. Perto do Salvador!

Já sem demora a todos convém. Ir caminhando a Glória de além. Cristo vos chama quer vosso bem. Oh! Vinde ao Salvador!

Que ama os meninos Cristo vos diz. Ele quer dar vos vida feliz. Para habitar no lindo país. Oh vinde ao Salvador!

Eis a chamada “Vinde hoje a mim”. Outro não que vos ame assim. Seu é o amor nunca tem. Oh vinde ao Salvador! (CANTOR CRISTÃO, nº 525)⁶⁸.

Aliás, a maioria dos hinos para crianças no hinário (522-543) são de teor evangelístico, pois para os batistas, mesmo uma criança que cresce numa família de crentes batistas precisa passar pela “experiência religiosa de conversão”, que se caracteriza pela livre consciência de pecado, confissão e decisão “espontânea” de fazer parte do grupo mediante profissão pública de fé e batismo (LOVE, 1950, p.77ss)⁶⁹.

Além da educação evangelística, voltada para crianças e adolescentes, Ana Wollerman também abriu uma classe à noite para jovens e adultos. Porém, esta estava mais voltada para ajudar os “novos crentes” a ler a Bíblia e manejar o hinário “Cantor Cristão”.

Naturalmente queria evangelizar o povo, porque a salvação da alma é a primeira coisa que eu quero fazer na minha vida, mas logo vi que, o povo

⁶⁸ Para conhecer mais sobre análises histórico-sociológica de hinos do protestantismo histórico veja a tese de Mendonça (2008) “O Celeste Porvir” que no título da tese, já traz o título de um hino - MENDONÇA, Antonio G. **O Celeste Porvir**. Inserção do protestantismo no Brasil. 3ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Edusp, 2008.

⁶⁹ Os batistas não batizam crianças, mas nos primeiros dias de nascimento de uma criança é feito uma “Cerimônia de Apresentação” dela para a comunidade. Geralmente o rito começa com o convite de pais e parentes ou padrinhos à frente. Seguida de uma leitura bíblica, geralmente no texto de apresentação e circuncisão de Jesus em Lucas 2: 21-24 ou Provérbios (22:6) que fala da instrução da criança na Torá, a fim de que quando crescer não se desvie. Em seguida, o pastor pega a criança no colo e pede para a comunidade estender as mãos como símbolo de benção e, simultaneamente, encerra com uma oração. Tal criança deverá ser instruída e quando atingir uma idade mais madura de consciência moral e responsabilidade diante de Deus terá oportunidade de decidir pela religião dos pais ou não.

aceitando a Jesus, precisa ser discipulado, precisam ler as Escrituras, e muitas dos novos convertidos, sendo adultos eram analfabetos, de modo que fiz sempre a noite aulas de alfabetização, e tivemos o Cantor Cristão naquela época, um livro pequeno somente a letra, e assim eles continuavam a estudar, a aprender, a falar e ler o português lendo a Bíblia e cantando os hinos (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 177).

Como já fora dito no capítulo dois, a cultura da prática de leitura é fundamental para cultura religiosa batista, não apenas por causa da leitura bíblica, mas também para receber a doutrinação por meio dos impressos da denominação batista, quais sejam: periódicos de estudos dominicais, diários devocionais, jornais e utilização do hinário. Mas, além destes, visto que o sistema eclesiástico é de governo Congregacional, são os leigos que juntamente com o pastor da Igreja, fazem o trabalho de gestão; contabilidade e secretaria da igreja, e para tanto necessitam de habilidades mínimas de leitura e das quatro operações matemáticas.

Representações do perfil de Ana Wollerman a partir de sua memória socioafetiva

Falar do perfil de Ana Wollerman (não apenas deste, mas de tudo que tem sido percorrido neste trabalho), a partir de um *corpus* documental, majoritariamente formado de suas memórias “autobiográficas” e de memórias socioafetivas requer ter sempre em mente os conceitos de “hagiografia” de Certeau e “ilusão biográfica” de Bourdieu já explicados anteriormente. E assim, a fim de não cair na “ilusão biográfica” destas representações acerca de Ana Wollerman buscar-se-á entender o porquê e como a comunidade afetiva de Ana Wollerman construiu tais representações em seus relatos. Os atributos categoriais analisados a partir do conjunto de fontes são: carisma, solidariedade e respeito ou autoridade. Dona Amélia se refere ao carisma de Ana Wollerman nas seguintes palavras:

Recebiam [a população] ela com muita alegria. Muitas pessoas ouviam que aquela pessoa trazia novas diferente, novas para o povo. E com aquele jeito dela assim, com aquela maneira de tratar assim que parece que abre o ambiente, parece que alegra. Então ela cativou muita gente, ela foi muito bem recebida aqui em Amambai. A gente não sabe, eu não me lembro de algum lugar que tivesse dificuldade e que fosse rejeitada. A gente não tem lembrança. Quem sabe aconteceu antes da gente se conhecer, mas eu acho que foi muito bem aceita. Tanto é que muita gente se recorda dela com bastante alegria e tristeza ... [lagrimas]...porque ela não existe mais...Eu aprendi muita coisa, muita coisa (LIMA, 2012).

Dada as condições histórico-sociais que o povo estava vivendo eles se colocam receptivos ao que Ana Wollerman tinha para lhes oferecer, além disso, não apenas sua mensagem, mas ela em si representava uma novidade para um povo que vivia sempre numa “mesmice”. Muitos na pobreza, outros em condições socioeconômicas instáveis, pois estavam recomeçando suas vidas no projeto da “marcha para o oeste” de Getúlio Vargas que gerou

muitas migrações do sul e do sudeste para o norte e oeste do Brasil. Amélia ao falar de Ana Wollerman expressa seu carinho e admiração não apenas em palavras, mas também em lágrimas durante a entrevista. Outro motivo que certamente levou a construção de tais representações é o fato de Ana Wollerman se mostrar atenciosa não só ao povo da cidade, mas também ao povo dos limítrofes de Amambai.

Além de professora na escola, também saía para visitar os sítios, as chácaras, povoações e pessoas que nunca viram uma Bíblia, nunca ouviram o evangelho. Para fazer isto andei muitas vezes a cavalo; também alguns irmãos tiveram uma caretinha puxada por cavalos e até fiz umas viagens mais distantes andando em carro de boi, uma grande novidade para quem está acostumada a andar em carro. Mas andei também à pé, léguas e léguas. Mas não achei nada difícil quando eu vi a alegria do povo e a aceitação do evangelho que fui levar. (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2003, p. 150).

Certamente quando o povo notou a dedicação da estrangeira que o visitava recorrentemente, recebeu-a. E também, em alguns casos, além de sua amizade o povo recebeu sua mensagem religiosa, pois muitos estavam esquecidos até mesmo pela Igreja Católica que por ter um quadro de clérigos reduzido não dava conta de um melhor atendimento aos fiéis⁷⁰.

Outra representação marcante nas memórias da comunidade afetiva de Ana Wollerman é seu perfil de “solidária”. Este pode ser notado num longo relato já citado, onde ela questiona o pai de Hudson Otaño, o Sr. Nicolau Otaño ⁷¹, que queria tirá-lo da escola porque seus filhos podiam estudar apenas um ano, cada um deles, depois tinham que voltar para roça. Nesta ocasião Ana Wollerman pediu ao Sr. Nicolau que deixasse o Hudson ficar na escola, pois ela assumiria suas despesas. Na sequência deste mesmo relato (WOLLERMAN In: NOGUEIRA, 2003, p. 151, 152) ela elenca pelo menos mais três jovens de Amambai que ajudou financeiramente, hospedou-os em sua casa e quando se mudou para Campo Grande (MS) levou-os consigo a fim de ajudá-los na continuidade dos estudos. Ao falar dos encaminhamentos que estes jovens tomaram em suas vidas, ela se vê, a partir da escola, participante do “sucesso” deles.

Quanto ao Hudson Otaño da Rosa se tornou gerente de banco e por falar inglês, certamente influenciado por Ana Wollerman, viajou muitas vezes aos EUA para negócios do

⁷⁰ O primeiro grupo religioso em Amambai com templo próprio e atendimento pastoral com mais frequência aos fiéis foi a Igreja Batista. A religiosidade católica sempre esteve presente em Amambai desde suas origens, mas o atendimento da Igreja Católica aos fiéis foi mais tarde. No início o padre Amado de Ponta Porã fazia algumas visitas no ano com atendimentos agendados: batismos e casamentos. A Paróquia só foi criada em 1954 pelo então bispo de Corumbá Dom Orlando Chaves (SOBRINHO, 2008, pp. 197s).

⁷¹ Sr. Nicolau Otaño, nasceu em 1884, na Argentina. Veio para o Brasil em 1912 e morreu em 1959. Sendo um dos pioneiros de Amambai (MS), hoje dá nome a uma das principais avenidas de Amambai.

banco. Ela também fala de seu irmão Gete Otaño da Rosa que se graduou em Iowa, EUA e doutorou-se em Wales, Grã-Bretanha – foi professor na Universidade Católica Dom Bosco (MS) (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.151). Além destes, ela fala de Marlene Vilarinho (1948-2008), filha do Pastor Valdir Vilarinho que na época era pastor da Igreja Batista em Amambai. Marlene casou-se com o Pastor Lourino de Jesus Albuquerque. Formou-se no Curso Normal, foi professora e diretora de muitas escolas em Amambai, inclusive da Escola Batista e recebeu a homenagem da Secretaria de Educação de Amambai para dar seu nome a uma das escolas municipais da cidade. Formou-se em Direito pela UCDB foi poetisa e, inclusive, compositora do Hino de Amambai (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 151, 152; LEVANDOWSKI *et al.* 2008, p. 17, 109). Ana Wollerman encerra esta parte do relato falando de Eugeny Manvailer que estudou Educação Religiosa, casou-se com Pastor Nelson Nunes de Lima, pastorearam igrejas no Canadá e por fim, antes de se aposentarem, deram aula no Seminário Teológico Batista do Espírito Santo e de Bauru (SP) (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p. 152).

A sequência de pessoas citadas no relato de Ana Wollerman mostra um elemento interessante de sua trajetória, qual seja o de que ela não ajudou apenas pessoas que tivessem interessadas em serem apenas ministras religiosas, missionárias ou pastores. Entre as pessoas que Ana Wollerman ajudou em Amambai e que não foi lembrada na sequência do relato, está Dona Amélia e outros que ela cita:

O envolvimento da missionária Ana era ótimo! Era excelente! Ela procurava sempre alegrar as pessoas, procurava ajudar aqueles que queriam estudar e muitas vezes não tinham condições, e eram muitos! Ela sempre deu aquele apoio. Como, mesmo o doutor Ramão, o dentista. Ele presa muito a vida da Dona Ana a figura que ela foi para ele, pra muitas pessoas aqui e sobre a ajuda também. Ela ajudou muita gente aqui. Muitas pessoas, o pastor Albino foi ajudado, o Hudson também. Hoje nós temos o doutor Altemar aí que é advogado. Ele também era da nossa turma em 54 [1954] lá quando a gente morava todos na mesma casa (LIMA, 2012).

No final do relato Ana Wollerman volta a falar de Amambai, não cita os nomes que Dona Amélia se refere, mas os mesmos podem ser percebidos por suas profissões,

A primeira escola primária que abri foi em Amambai, naquela escolinha saiu alguns dos que são líderes na denominação batista hoje, inclusive o pastor Albino Ferraz, além de serem pastores, missionários, educadores, advogados, dentistas e outros profissionais (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.177).

Este perfil solidário de Ana Wollerman era percebido também na hora de cobrar as mensalidades dos alunos, pois a mesma se mostrava bastante flexível;

Existia um valor, todos pagavam uma mensalidade. Mas existia uma tolerância muito grande com relação àqueles que não podiam. Ninguém deixou de estudar porque não pagou, ou, se os pais não estivessem pago por que estava em atraso e um motivo qualquer de o aluno ser tolhido, qualquer coisa assim. Não existia. Pois os pais nem sempre tinham dinheiro todo mês. O agricultor, por exemplo, tinha dinheiro quando vendia uma vaca, um produto, então às vezes ele pagava 2 meses, 3 meses, atrasava um pouco, mas nunca se ouviu falar que o Pedrinho, o Joãozinho vai deixar de fazer prova porque estava devendo, nunca aconteceu isso (SOBRINHO, 2012).

Por outro lado, esta atitude também retornava em aceitação e solidariedade do povo em relação ao seu trabalho. Pois como já fora visto anteriormente, grupos independentes da sociedade se organizaram para fazer doações em dinheiro para ajudar nas atividades anuais da Escola Batista. Além disso, conforme a fala de Dona Amélia, a escola ganhava mantimentos para preparar a merenda escolar:

Comecei trabalhando, ajudando como merendeira. Naquela época a escola ganhava o leite, ganhava as coisas pra fazer o lanche. Eu fazia o lanche dos alunos da escola, depois eu passei a trabalhar também ali, a lecionar ali no primeiro, segundo ano (LIMA, 2012).

Além destas experiências, outras que não estão no espaço e tempo delimitado pela pesquisa, mas que também serve para falar deste perfil solidário de Ana Wollerman está a ocasião em que ela ajudou a comprar o terreno e construir o que hoje é o espaço da Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman:

Deus me abençoou grande porque o casal de irmãos Harold e Karolyn Kellum, que mais tarde iam me ajudar com tantas ofertas para a construção do Seminário, eles me enviaram uma **oferta de amor pessoal**⁷² e eu achei que devia mandar aos irmãos para compra de terrenos para futura sede do Instituto, sem pensar que um dia seria um Seminário [...]. Dois meses se passou e recebi uma carta do pastor da primeira Igreja Batista de *Corpus Christi* – Texas, da minha terra dizendo que o casal Harold e Karolyn Kellum tinham prosperado grandemente e Deus tinha ajudado, porque eles eram muito fiéis em dar para obra de Deus as suas riquezas que estavam recebendo e que este casal tinha designado uma oferta para mim, para eu usar no meu trabalho no Brasil. Era da importância de cento e cinquenta mil dólares (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.166, 167).

Isto aconteceu em 1979 e se assemelha a experiência vivida por ela na ocasião em que a Junta Missionária de Richmond (1950) resolveu assumir seu sustento aqui no Brasil, pagando-lhe, inclusive retroativamente. O montante, que era para despesas pessoais, foi integralmente aplicado na construção de mais duas salas para a escola Batista em Amambai.

Ainda quanto a solidariedade, numa destas andanças de Ester Ergas com Ana Wollerman no trabalho missionário no Brasil, certa vez Ana Wollerman foi entrevistada pelo

⁷² Grifo nosso

pastor Geraldo Ventura em Cuiabá, onde o mesmo perguntou quantos carros Ana Wollerman tinha doado para seminaristas, pastores e missionários para uso de suas atividades religiosas e, segundo Ester Ergas, toda envergonhada ela respondeu; “Eu não posso precisar, mas está por uns cinquenta por aí” (ERGAS, 2012).

Por fim, a representação de “respeito” ou “autoridade”. Dona Amélia ao falar da época que era aluna e morava com Ana Wollerman relata da seguinte forma tratamento dispensado por Ana Wollerman aos alunos e alunas:

Era assim ela determinava o que a gente tinha que fazer e os momentos que a gente tinha que ir pra escola e também quando a gente tinha que sair e fazer visita. A gente era todo assim, a gente não fazia o que queria no caso, era sobre a direção dela em todas as coisas. Por exemplo, principalmente na parte do almoço, cada uma tinha a sua obrigação. Eu sabia da minha e outra sabia da dela, e, era assim e na hora de sair a gente saía todo mundo junto. Ela tratava como a gente fosse da família, não era uma empregada. Quando ela saía, a gente saía e participava também dos trabalhos (LIMA, 2012).

Naturalmente para ter controle sobre os jovens; rapazes e moças, que eram seus hóspedes e estavam sob sua responsabilidade, ela impôs limites e direcionamentos em tudo que faziam – determinava o que faziam, quando fazia, a hora que saíam e com quem saíam. A interiorização destas formas de controle e autocontrole se dava também nas atividades devocionais diárias; tanto nas visitas quanto em eventos. Além disso, eles tinham momentos de “cultos domésticos” que se caracteriza por leitura da bíblia e cânticos do hinário batista (chamado de Cantor Cristão). Mas ainda assim, ao menos Dona Amélia não via sua autoridade como “autoritarismo”,

Ela era assim, ela colocava os limites dela, mas era sempre muito amável. Não era como, por exemplo, meu pai quando eu fui criada; Meu pai era um homem muito enérgico. Era muito duro, vamos dizer assim, a palavra; sobre criação, sobre obediência, sobre trabalho, estas coisas. E ela era uma pessoa que tratava com muita habilidade, cativava as pessoas. Ela era aquela pessoa assim que nós respeitávamos porque ela era nossa autoridade (LIMA, 2012).

Além da relação com os alunos verifica-se que na relação com as professoras ela se mantinha exigente. Dependendo de quem fosse sua liderada, o grau de exigência poderia tornar-se um momento de tensão, pois segundo o relato de Ester Ergas, ela se mostrava perfeccionista na qualidade dos trabalhos que delegava:

Aqui no Brasil eu via como que era tudo quase que perfeito e ela exigia de todo mundo isto, que se não estivesse bom precisava fazer outra vez. Muito dedicada, eu sofri na mão dela porque eu tinha que jogar fora alguma carta que eu escrevia, para melhorar (ERGAS, 2012).

Não se sabe exatamente como ela estabelecia as cobranças, pois tal informação se perde no caráter hagiográfico dos relatos de sua comunidade socioafetiva. No entanto, esta

fala serve como um indício de uma liderança que, se necessário, mandava refazer o serviço se não estivesse adequado aos seus olhos. Além de mandar refazer serviços, ela cobrava de todas as professoras um perfil diante dos alunos que as “diferenciasse” (LIMA, 2012). Sua conduta não se diferenciava da maioria das escolas protestantes no Brasil onde era cobrado um exemplo “moral” de vida que pudesse servir como meio de “testemunho” e “evangelização indireta”. E “ser diferente” na linguagem protestante, é caracterizado por uma expectativa de comportamento social surgido a partir do imaginário puritano que tem a ver com comportamento religioso vis-à-vis o comportamento da sociedade em geral, que pelos mesmos são representados como “mundanos” (COSTA, 1998, pp. 21s).

Ainda sobre a representação de respeito e autoridade construídos nos limites da relação de gênero, Ana Wollerman diz:

E posso dizer que em todos os meus anos no Brasil, nenhuma pessoa tentou me fazer mal, nenhum homem faltou com respeito e eu viajei muitas vezes só com homens, uma coisa que senhoras brasileiras nunca fariam, mas que Deus me protegeu e o povo brasileiro muito bondoso, muito bom, eles me respeitaram também (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.150).

Sua fala corrobora com o que Eliane Silva (2011, p.34, 35) tem pesquisado sobre a temática do movimento missionário feminino nos países latino americanos. Segundo Silva, tais pesquisas partem de questões de gênero, religião e cultura e têm concluído que as missionárias se inseriram no Brasil por meio da educação, oração, pregação e missionarismo. Estes elementos por sua vez integraram sua identidade e garantiram valores morais, regras de conduta e respeitabilidade em lugares distantes de seus países e comunidades de origem.

E assim, por estarem em outra cultura se viam na oportunidade de se comportarem como “outras”, ou seja, procuravam se reinventar subjetivamente, vis-à-vis a exclusão e marginalização que viviam em seus países de origem, principalmente as solteiras que se mostravam independentes, longe da família e de compromissos matrimoniais. Além disso, com independência financeira, vinda do suporte que as Juntas Missionárias davam a elas, conseguia uma situação privilegiada nos estratos sociais e profissionais do Brasil (SILVA, 2011, p. 35).

Neste sentido, com base nos relatos de Ana Wollerman e das contribuições de pesquisas analisadas por Eliane Silva, percebe-se que Ana Wollerman não se via numa condição inferior em relação às lideranças masculinas no Brasil. Sua independência financeira, principalmente depois da nomeação da Junta Missionária, dava a ela *status* de alguém que representava uma instituição que liderava os trabalhos missionários no Brasil.

Como ela era totalmente focada em sua missão, orientou sua vida na oração, no serviço e num alto padrão moral que passou a ser constituinte de sua identidade nos limites da relação com os homens, e por conseguinte, nas representações daqueles que estiveram próximos dela.

Dona Amélia ao falar sobre a relação de Ana Wollerman com as lideranças masculinas relata,

Ela tinha uma autoridade na vida dela! Ela não era uma pessoa assim qualquer que um homem, uma autoridade poderia, de repente assim, querer achar que ela era uma pessoa qualquer. Mas eu acho que ela era uma pessoa muito legal, uma pessoa muito preparada para vida. Tanto é que ela deixou a vida dela lá e veio embora sozinha (LIMA, 2012).

A ênfase na fala de Dona Amélia quer representar que a autoridade de Ana Wollerman era perceptível na relação com as lideranças masculinas. Sua habilidade, independência e coragem de deixar seu país de origem garantia-lhe segurança no trânsito social.

De Amambai a outros “confins” do Brasil

Por fim, passa-se a mostrar brevemente os encaminhamentos que a trajetória missionária de Ana Wollerman tomou. Seu trabalho em Amambai foi apenas o início desta trajetória que ainda tem muito a ser analisado, mas que não será objeto desta pesquisa. Esta parte teve como fonte a continuidade de seu relato “autobiográfico” e a pesquisa de Nogueira (2003).

Depois que Ana Wollerman foi recebida pela Junta Missionária de Richmond, seu trabalho passou a ser ainda mais divulgado nas assembleias anuais da Convenção Batista Mato-grossense,

Ana Wollerman que estava sempre presente às assembleias convencionais, utilizava as oportunidades que tinha para falar sobre a importância de uma escola primária na vida de uma igreja (NOGUEIRA, 2003, p.91).

Ela também passou a fazer parte das reuniões de missionários norte-americanos da Junta Missionária de Richmond que se reuniam anualmente nas principais cidades do Brasil (NOGUEIRA, 2003, p. 91). Estas circulações nos espaços de poder da denominação batista e agora legitimamente reconhecida como missionária da Junta, deu maior importância e distinção ao seu lugar na “balança de poder” entre as configurações em que ela estava ligada, já que a Junta Missionária de Richmond gozava de certo *status* e autoridade no imaginário da Igreja Batista brasileira, já que a primeira era “mãe” da segunda e ainda continuava financiando e gerenciando muitas das instituições batistas brasileiras.

A Convenção Batista Mato-grossense já havia sido criada desde 1948, ainda que sob os protestos do missionário Sherwood “O Estado do Mato Grosso, a meu ver, não está em condições de ter uma Convenção” (SHERWOOD, 1950 In: NOGUEIRA, 2003, p.91). E com ela surgiam novas necessidades e oportunidades para assumir “cargos” administrativos e de poder entre os batistas mato-grossenses. Foi com base nestas condições e na imagem que Ana Wollerman vinha construindo em Campo Grande, Ponta Porã e Amambai, que ela foi indicada e eleita, em assembleia regular da Convenção Batista Mato-grossense realizada em Ponta Porã, 1954, para o importantíssimo cargo de Secretária Executiva e Tesoureira da referida Convenção, um cargo até então ocupado apenas por homens.

Por ano de 1954 eu tinha que sair de Amambai, indo para Campo Grande exercer a função de secretária executiva, tesoureira da Convenção Batista Mato-grossense, porque eu fui eleita com muita honra para mim. Seria uma nova fase da minha vida porque o meu ministério, que eu creio que recebi de Deus, era de evangelização e educação. Eu fui fiel; a escola estava progredindo, a igreja crescendo, o evangelho ao redor estava sendo recebido (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.153).

. E assim ela deixou a escola em Amambai e neste mesmo ano colocou em seu lugar como diretora a missionária e professora Ester Gomes Ergas. Esta nasceu em Caxambu (MG), filha de pai judeu e mãe brasileira, converteu-se aos 13 anos de idade e com dezesseis ingressou no curso de Educação Religiosa no Seminário Batista Betel, Rio de Janeiro e concomitantemente fez o curso de Auxiliar de Enfermagem. Em 1952 veio para o Mato Grosso como missionária da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira e passou a colaborar com a missão que Ana Wollerman vinha realizando em Amambai (ERGAS In: NOGUEIRA, 2003, p. 186-189).

Assim, a Escola Batista seguiu sob a direção da missionária Ester Ergas e tornou-se uma importante referência de formação no contexto educacional de Amambai porque, segundo o Sr. Almiro, muitos dos alunos da Escola que terminavam o primário e faziam o exame de admissão ao Ginásio, em escolas de outros centros urbanos, geralmente passavam bem colocados:

Um ponto muito interessante que a gente viu foi o seguinte: a escola ela logo pegou uma credibilidade muito grande na cidade, todo mundo queria pôr o filho lá na escola. Outra coisa que levou essa credibilidade foi que tinha na época pra você entrar no chamado ginásio, que é essa parte que está incluída no ensino fundamental do 5 ao 9, esses 4 anos, pra você sair do grupo, você tinha que passar por um tipo de exame de admissão, quer dizer, era um exame de admissão mesmo, com matéria específica, o grupo dava como quinto ano, e a escola batista dava como exame de admissão. Então essa matéria era ministrada junto no quarto ano, no segundo semestre, era ministrada essas matérias aí. Então os alunos saíam daqui pra estudar fora,

aqueles que tinham condições, chegavam lá e faziam esse exame de admissão e sempre eram bem colocados. Isso voltava em favor da credibilidade da escola, do ensino que era bem feito, bem ministrado (SOBRINHO, 2012).

Além disso, a Escola Batista prestava um serviço de valorização das profissões locais e palestrava sobre a natureza de outras profissões para auxiliar os alunos em suas escolhas profissionais,

Entrevistador: Em seu livro, o senhor fala de uma orientação profissional que era dada na escola. Como eram estas orientações?

Colaborador: A orientação profissional que era dada na escola eram palestras, não chegavam a fazer um teste de aptidão, mas faziam palestras, por exemplo, dizendo qual a função do médico, do engenheiro, etc. Era mais ou menos isso aí. Não só essa profissão de ensino superior, mas como outras profissões, eles davam sentido do que era a profissão de um carpinteiro. A escola não tinha um curso de carpinteiro, mas ela explicava a função do carpinteiro, do lavrador, valorizando o trabalho do lavrador, na questão de produzir gêneros alimentícios. Sempre tinha palestra de orientação nesse sentido (SOBRINHO, 2012).

Em 1956, a Escola Batista, tentando atender mais uma carência da cidade, deliberou em assembleia extraordinária pela criação de um curso ginásial noturno no mesmo prédio onde funcionava a escola primária, o que foi consensualmente aceito pelos membros da Igreja. E assim, em 05 de fevereiro do mesmo ano iniciou uma turma com 30 alunos, mas foi embargada pelo Ministério da Educação por não atender totalmente as condições estruturais exigidas e as aulas foram suspensas (SOBRINHO, 2009, p.177). Quanto a finalização das atividades da escola ainda não temos uma data concreta, pois o Livro Ata 01 da Igreja e demais documentações da Escola Batista foram extraviados e, dos entrevistados, nenhum soube responder com segurança, mas é provável que tenha encerrado no início da década de 60 (1960), época esta que Ester Ergas deixa a escola em Amambai para auxiliar Ana Wollerman na cidade de Jaciara-MT. Segundo Dona Amélia Lima, possivelmente tenha fechado logo em seguida da saída de Ester Ergas, por dificuldades financeiras e por não encontrar em tempo hábil alguém que pudesse substituí-la da direção da escola.

Em 1954, Ana Wollerman mudou-se para Campo Grande (MS) levando consigo cinco rapazes e três moças que moraram com ela na casa da Missão de Richmond, a fim de darem continuidade nos estudos ginásiais. Agora então, como Secretária Executiva ela não poderia se fixar em apenas um lugar, mas precisava percorrer o “campo” mato-grossense dando assistência às novas Igrejas e abrindo novas frentes de trabalho.

Assim comecei como secretária, com aquele desejo de ser útil. Visitei todas as associações, naturalmente não pude visitar cada igreja, mas cada região de

Mato Grosso, que naquela época não era Mato Grosso do norte e do sul, mas um só Estado (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.154).

Em 1956 Ana Wollerman, não estava mais como Secretária Executiva da Convenção e então ela assumiu o desafio do norte do Mato Grosso auxiliando o Pastor Sandoval Quintanilha no desenvolvimento da Missão Batista em Cuiabá, já que era a única capital do Brasil que ainda não tinha uma igreja batista organizada. Assim ela passou a residir em Cuiabá e levou consigo alguns jovens que dariam continuidade aos estudos em Cuiabá e seriam auxiliares no trabalho missionário no norte do Mato Grosso (NOGUEIRA, 2003, p.105).

Durante os anos que ela se dedicou ao norte do Mato Grosso abriu em muitas cidades vários pontos de pregação com escolas anexas, entre elas: Guiratinga, Cáceres, Barra das Garças, Mutum, Tangará da Serra, Cachoeira do Céu, Jaciara, Rondonópolis e outras (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.158).

Em cada lugar onde podia começar uma igreja, ao lado da igreja eu estabeleci uma escola primária para ensinar as crianças e jovens, dando para eles a oportunidade de ter uma vida melhor do que os pais tiveram e para serem o que Deus queria que eles fossem na sua vida. (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.177).

Entre as cidades mais recorrentes em seus relatos, além de Cuiabá está Jaciara. Segundo Ana Wollerman, em meados de 1960, esta cidade estava começando e crescia rapidamente. Muito da força de crescimento desta cidade se devia a uma empresa paulistana que tinha em sua diretoria alguns funcionários que eram evangélicos. Estes se prontificaram a auxiliar a missão de Ana Wollerman, ressaltando a importância de uma escola para atender os filhos deste povoado. Assim, eles doaram terrenos no centro da cidade, além de madeira para construção da escola e da Igreja.

Eles (diretores) queriam ter uma igreja, uma escola, o evangelho lá neste lugar que tinha o nome de Jaciara. Assim eles ofertaram para nós uns terrenos, um lote muito grande e bom na rua principal, também um lote num outro lugar mais perto para casa pastoral [...] Nós oramos a Deus e a Companhia nos ofertou toda madeira para construção, mas nós deveríamos ir lá na mata cortar e trazer para cidade. Assim os homens e outros homens da cidade que não eram realmente crentes, naqueles primeiros dias, nos ajudaram arrastando aqueles troncos, aquelas árvores grandes por juntas de boi para a cidade; irmão Zeferino, que era carpinteiro, ele arrumou um tipo de elevação de madeira e todos os homens com força levantaram aqueles troncos, e então um irmão em cima e um irmão debaixo daquela armação, com uma serra grande, serraram toda madeira para construção da Igreja. Outros irmãos que sabiam fazer tijolos estavam fabricando à mão os tijolos, e nós fizemos sacrifícios, mas Deus nos ajudou construir um bom templo de tijolo e uma casa para a escola na rua principal de Jaciara (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.156).

Como visto, aí está novamente Ana Wollerman com sua habilidade de envolver as pessoas nos seus projetos e assim mobilizando “crentes”, “não-crentes” e homens de poder em sua missão de “educação evangelística”. Segundo Ester Ergas (2012), esta foi uma experiência diferente de Amambai porque as crianças vinham dos sítios e chácaras para escola e passavam o dia inteiro nela.

A escola de Jaciara que foi diferente, porque nós chegamos lá no começo da cidade. A cidade estava se formando e as crianças vinham de longe que os pais estavam armando aqueles casebres, tendas, e, as crianças vinham e ficavam o dia inteiro lá conosco, porque não tinha condição de vir e voltar, pois era distante (ERGAS, 2012).

E em Jaciara até que viesse um pastor para assumir a Igreja, Ana Wollerman chamou a missionária Ester Ergas para assumir a escola a fim de que ela pudesse ficar se dedicando mais as atividades de caráter pastoral, quais sejam; culto, pregação, aconselhamento e evangelização (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.156, 157).

Em 1965, Ana Wollerman retorna para o sul do Estado e passa novamente a residir em Campo Grande. Torna-se vice-diretora do Instituto Teológico Batista D'Oeste do Brasil e se concentra na coordenação da Campanha Nacional de Evangelização no Estado do Mato Grosso.

Em 1967, Ana Wollerman foi convidada pela Associação Sul das Igrejas Batistas do Mato Grosso⁷³ para trabalhar na mesma, e então, ela passou a residir em Dourados-MS. Neste ínterim convidou a missionária Ester Ergas para auxiliá-la no “campo” missionário do sul. Ester Ergas, depois de cinco anos em Jaciara, mais cinco anos em Rondonópolis retornou para o Sul de MT para auxiliar Ana Wollerman. Inclusive ela própria, a exemplo do trabalho que Ana Wollerman fazia, também criou uma Escola Batista relativamente forte em Rondonópolis –MT (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.158s).

Assim, as duas mais o Pastor Washington de Souza e o Pastor Nelson Alves dos Santos viajavam pela região criando pontos de pregação, evangelismos e dando cursos de treinamento para formação pastoral para lideranças leigas da região (WOLLERMAN, In: NOGUEIRA, 2003, p.158, 159). Ana Wollerman criou na PIB - Primeira Igreja Batista em Dourados o Instituto Bíblico de Férias, para formação de futuros pastores a fim de atenderem as carências do “campo” do Sul do Estado (NOGUEIRA, 2003, p.127). Em 1976, o Instituto passou a se chamar “Instituto Teológico Batista Ana Wollerman” e entre 1977 e 1981 tornou-se “Seminário Teológico Batista Ana Wollerman” (NOGUEIRA, 2003, p.131).

⁷³ Na época extremo sul do Mato Grosso.

Ana Wollerman aposentou-se em 1981 e voltou para os EUA. Depois disto fez algumas visitas esporádicas ao Brasil, sendo a última delas em 1986. Ela viveu seus últimos anos na cidade de Tucson, Arizona onde contribuiu para evangelização de hispânicos e sempre manteve contato com a Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman (Esta foi transformada em “Faculdade” desde 2000). Inclusive Ana Wollerman financiou bolsas de estudos para alunos e alunas para ajuda-los em seus estudos e, por conseguinte ajudar a Faculdade. No dia 18 de fevereiro de 2008, Ann Mae Louise Wollerman faleceu – aos 98 anos – deixando um grande legado e contribuições para missão de evangelização no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além de contribuições efetivas para escolarização nestes estados tendo como fundamento um projeto de educação evangelística. Segundo Eugeny Manvailer - uma de suas “filhas na fé” e que fora uma das alunas que ela ajudou na continuidade da formação - em seu culto fúnebre Ana Wollerman foi homenageada com um poema de sua própria autoria, despedindo-se da seguinte forma (LIMA, 2010, p.132):

Whether I live for many days,
O if they should be few,
I will not cling to earthly ways,
But gladly go where all is new.

Jesus surely knows my name
Has prepared a place for me;
Where forever I shall remain
And his Lovely Face I'll see.

How can I fear the great unknown,
When Jesus stands and waits for me?
Oh! What bliss when I get Home And learn what is Eternity.

Se eu viver muitos dias
Ou se eles forem poucos
Eu não vou me apegar às coisas terrenas
Mas alegremente irei para onde tudo é novo.

Jesus seguramente conhece meu nome
Tem preparado um lugar para mim
Onde para sempre vou permanecer
E sua amada face contemplarei.

Como eu posso temer o grande desconhecido,
Quando Jesus está pronto esperando por mim?
Oh que benção quando eu chegar ao lar celestial
E então entender o que é a eternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto eu escrevia o encerramento do terceiro capítulo, tive uma sensação muito estranha, só agora de fato eu tive consciência da morte de Ana Wollerman. É que, até então, ela estava tão viva nos documentos e nos relatos que eu percebi o quanto eu havia me tornado íntimo dela. Foi então que me lembrei dos editores de *The New York Review of Books* que na contra capa do livro “O Queijo e os Vermes” de Ginzburg (1987) se referem ao fim da leitura sobre o moleiro Menochio dizendo que, “ao fim do livro, o leitor que seguiu os passos de Carlo Ginzburg, em seu passeio através da mente labiríntica do moleiro de Friuli, abandonará com pesar a companhia desta estranha personagem”.

Mas também lembrei daquilo que Certeau (2011) disse em a “Operação historiográfica” sobre o “lugar do morto e o lugar do leitor” onde a “escrita” encerra os mortos, mas paradoxalmente os traz à vida dando-lhes um novo lugar na história. Neste sentido, este trabalho tira Ana Wollerman de um “lugar excepcional” – da ideologia religiosa – para recolocá-la com os “pés no chão” e torná-la um ser humano de “carne e osso” como nós, cheios de contradições, medos, frustrações, mas também potencialmente esperançosos e prontos para reconstruir a vida a partir daquilo que, para cada um, vale a pena viver.

Desta forma, a imagem do “velório” de Ana Wollerman nos deixa com a sensação estranha de perda de alguém próximo, especial e com um legado que tem muito a inspirar leitores críticos e românticos. Todavia, só trabalhamos o início de sua trajetória, já que o tempo do Mestrado é curto e muito rápido – apenas para nos fazer “aprendizes de feiticeiros”, digo, pesquisadores – e não teríamos tempo de analisar toda a sua trajetória de vida. Sinceramente, não acredito ser possível analisar toda trajetória de vida de qualquer indivíduo que seja, pois para falar da vida é preciso de muito mais páginas que se possa imaginar e “páginas que se possa virar”.

E assim, verifica-se com base na pergunta sobre a formação familiar e religiosa da Ana Wollerman, que ao elaborar a narrativa de sua história, ela acredita que os encaminhamentos que sua vida tomou como missionária se deu pela “vontade de Deus” já pré-determinada desde a história de como sua família vai da Alemanha para o sul dos EUA. Esta é a forma como ela subjetivamente interpreta os acontecimentos em sua vida, pois as dificuldades que supostamente a teria feito se afastar da fé são entendidas como formas de crescimento e aprendizado que segundo ela, “Deus permitiu” antes de reconduzi-la para seus

“propósitos divinos”. Mas a investigação vai além das representações que o indivíduo constrói de si.

Portanto, entendemos que, os encaminhamentos para vida missionária se dão por uma série de elementos na “sociogênese” de Ana Wollerman que faz a vida religiosa e missionária aparecer como uma “possibilidade” e não como uma “pré-determinação divina”. Ou seja, o fato de ter crescido numa família protestante de confissão batista e assim, com influências calvinistas e puritanas ter construído a vida como “dom” e “vocação divina” a possibilitou um sentimento “latente” de chamado missionário.

O imaginário religioso de sua sociogênese vê na evangelização uma urgência missionária, pois nas bases dos “movimentos missionários” do final do século XIX e início do século XX norte-americanos estão representações calvinistas, puritanas e pietistas, que como já foi apresentado inicialmente, estão presentes na “fé batista” e, por conseguinte na formação de Ana Wollerman. O sentimento missionário era muito forte no contexto norte-americano, pois foi por meio dele que a ideologia do “Destino manifesto” levou grupos protestantes a criar muitas sociedades missionárias, quais sejam: instituições ou “Juntas” que enviavam e sustentavam (ainda acontece) missionários em várias partes do mundo.

Em razão deste contexto que se verifica na fala de Ana Wollerman que desde criança, ela diz ter frequentado atividades na igreja voltadas para valorização do trabalho missionário. Nestas atividades fora incentivada a contribuir financeiramente para sustento destes missionários, fazia orações intercessoras por suas vidas e estudavam sobre eles; estes eram representados como “heróis” e “heroínas da fé” com “histórias” taumaturgas envolvendo a ação divina e tantas outras coisas. Neste sentido, conclui-se que por ela ter crescido neste ambiente a vida missionária é entendida como uma possibilidade, não como uma pré-determinação divina.

No entanto, esta possibilidade se concretizou na medida que Ana Wollerman se viu frustrada em outros projetos de vida, qual seja de mãe de família. O casamento não deu certo por motivos que não foram identificados. E assim, na condição de divorciada numa configuração social do sul dos EUA, portanto, conservadoríssima – que inclusive, lutava contra leis pró- divórcio – lhe restou o “estigma” de divorciada e marginalizada.

Nesta condição ela reconfigurou sua vida a partir da experiência religiosa familiar, pois possivelmente ela foi tomada por um sentimento religioso de cobrança que a fazia interpretar que tudo estava “dando errado” porque ela estava fora da “vontade de Deus”. No

protestantismo de matriz calvinista este sentimento é comum, pois o indivíduo entende que a vida está sob o “senhorio” de Deus como soberano da/na história. Neste sentido, Ana Wollerman reconstrói seu projeto de vida como um retorno ao “plano de Deus” original para sua vida. E foi assim que ela entregou sua vida ao trabalho missionário unindo sentimento de exclusão e marginalização reelaborados pela experiência de formação religiosa a fim de “inventar” o “chamado divino”. Neste, ela percebeu que não teria nada a perder, ao contrário, teria a ganhar, pois viu nisto a oportunidade de “reinventar” sua vida, não se sentir como um “estorvo” social numa sociedade fortemente preconceituosa, e ainda, caso conseguisse sucesso (como conseguiu), ser vista como uma “heroína da fé”.

A pesquisa também procurou mostrar que a inserção tardia dos batistas no campo da educação no Brasil, assim como os demais grupos protestantes, buscou maior aproximação social do povo, ao mesmo tempo afastou seus filhos de preconceitos e perseguições religiosas feitas a eles, além disso, afastou-os da influência católica nas escolas católicas e públicas no Brasil. Todavia, diferente dos demais grupos protestantes, os batistas foram mais “ousados” na estratégia de evangelização por meio da educação.

Ainda que a atuação dos batistas no campo da educação tem sido vista por alguns pesquisadores como “evangelização indireta”, na verdade, este conceito precisa ser relativizado, pois o projeto educacional batista evangelizava de forma “direta”, dentro e fora da sala de aula com disciplinas obrigatórias voltadas para o ensino religioso, “história sagrada” e outras. Além disso, promoviam intensas atividades de caráter evangelístico que assediava os alunos diariamente.

Portanto, vimos com base na análise das práticas de Ana Wollerman que, mesmo vindo como missionária “independente”, ela balizou seu trabalho no projeto missionário dos batistas que aqui estavam estruturados. Este por sua vez, era o projeto ideológico da Convenção Batista do Sul dos EUA, órgão representativo que dirigia e organizava a Junta Missionária de Richmond e os Seminários que Ana Wollerman estudou antes de vir para o Brasil.

Seu trabalho de educação em Amambai-MS teve a evangelização como elemento fundante e estruturante da cultura e práticas da escola. Além destes, a escola desenvolveu um conjunto de práticas, tais como: festividades e solenidades de fechamento do ano letivo que acabaram envolvendo alguns seguimentos da sociedade amambaiense. A Escola também mantinha práticas de cantar o Hino Nacional e da Bandeira pelo menos uma vez por semana

na frente da escola e todos os dias cantavam o Hino Nacional dentro do templo antes de atividades evangelísticas (devocionais). Tais atividades cívicas intensas se deram depois que Ana Wollerman fora chamada para prestar satisfação às autoridades da cidade por estar ensinando cantigas em inglês para as crianças e não estar ensinando o Hino Nacional Brasileiro. Além destes, outros elementos estruturantes da cultura escolar da Escola Batista tiveram sua participação direta.

Portanto, além de sua participação na construção da cultura da escola, também foram analisadas as representações que algumas professoras e alunos construíram sobre a atuação e a figura de Ana Wollerman. Tais representações foram pontuadas como atributos-categoriais, quais sejam: seu carisma, atitudes solidárias e autoridade no trato com as pessoas.

Quanto ao carisma verificou que ela alcançou “graça” diante do povo amambaiense porque sempre se mostrou disponível e sempre procurou ser atenciosa com moradores longínquos de Amambai – sitiantes e chacareiros. Quanto às atitudes solidárias em suas práticas se verificou em situações que ela sustentou muitos sem condições de estudar, inclusive na continuidade dos estudos fora de Amambai. Ela também foi flexível no pagamento das mensalidades da escola, fez doações e outros. Por fim, sua autoridade no trato com alunos, professoras e pessoas da comunidade, homens e mulheres.

Com os alunos e alunas que moravam com ela buscou regular cotidianamente suas atividades, horários e saídas. Na escola, como diretora, delegava serviços e funções e caso não estivesse do jeito que ela queria mandava refazer o serviço. Apresentava-se sempre exigente e com alto padrão moral para as professoras, para que estas servissem de exemplo e testemunho evangelístico na vida das crianças e familiares.

Os depoentes destacam sua autoridade no trato com homens fora e dentro da Igreja. Nunca se deixando intimidar por sua condição de mulher e, ao mesmo tempo, sempre mantendo uma distância e atitude respeitosa diante de todos. Esta autoridade chega até o presente na memória de homens e mulheres que estiveram próximos e distantes dela e de muitos que nem a conheceram. No entanto, tudo que verificamos é apenas o início desta trajetória que poderia apresentar outras “surpresas” nas suas experiências em “outros confins” que não foram analisados profundamente, neste momento do trabalho, mas certamente serão analisadas por outras pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

ABAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ed. São Paulo, 2007.

ALMANAQUE BATISTA. **Publicação anual do departamento de estatística e história da Junta de Escolas Dominicais e Mocidade da Convenção Batista Brasileira**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950.

AMARILHA, Carlos Magno Mieres. **Os intelectuais e o Poder: História, Divisionismo e Identidade em Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Educação) Dourados-MS: UFGD, 2006.

ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. **Educação e conversão religiosa: Os batistas de Richmond e o colégio Taylor-Egídio de Jaguaquara, Bahia 1882 – 1936**. Brasília: UnB, 2006. (Tese)

AZEVEDO, Israel Belo. **A Celebração do Indivíduo**. A Formação do Pensamento Batista brasileiro. Piracicaba-SP; São Paulo: Editora Exodus; Editora UNIMEP, 1996.

ALMEIDA, Bianca Daéb's Seixas. **Uma História das mulheres batistas soteropolitanas**. Dissertação (Mestrado em História) Salvador-BA: Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2006.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5 Ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2002.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade – Tratado e Sociologia do conhecimento**. 13 Ed. Rio de Janeiro, Editora Petrópolis, 1996.

_____. **O Dossel Sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BICCAS, Maurilane de. **O impresso como estratégia de formação In. Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembrança de Velhos. 3 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRANDÃO, C. F. **A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese**. (Tese de Doutorado) Marília, S.P. : Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2000.

CAVALCANTI, H.B. O Projeto missionário protestante no Brasil do Século 19: Comparando a experiência Presbiteriana e Batista. **REVER- Revista de Estudo da Religião**. ISSN 1677-1222, n.4/2001, p.80. Artigo disponível em: www.pucs.br/rever/rv4_2001/p_cavalc.pdf. Acessado em 20/05/2012.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. 3ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. **A invenção do cotidiano**. Artes do fazer. 3ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998.

CHAPOULIE, Jean-Michel; BRIAND, Jean-Pierre. A instituição escolar e a escolarização: Uma visão de conjunto. In. **Educação & Sociedade**. Belo Horizonte - MG, Ano XV, nº 47, p.11-60, abril, 1994.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In. **Estudos Avançados**. vol.5 no.11 São Paulo Jan./Apr. 1991.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAMON, Carla Simone. **Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1913)** Tese (Doutorado em Educação) Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA - CBB. **Livro do Mensageiro**. 76ª assembleia. São Luiz: 1995.

_____. **Livro do Mensageiro**. 77ª assembleia. Aracajú: 1996.

_____. **Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira**. Rio de Janeiro: JUERP, 1999.

COSTA, Ramon dos Santos da. **“A igreja de Cristo denominada batista”, em Nilópolis: Sua entrada em um mundo religioso e profano (1939-1949)**. Dissertação (Mestrado em História). Campinas-SP: UNICAMP, 1998.

DE SORDI, Neide A.D.; AXT, Gunter; FONSECA, Paulo Rosemberg P. da. **Manual de procedimentos do Programa de História Oral da Justiça Federal**. Brasília: Conselho de Justiça Federal, 2007.

DECRETO LEGISLATIVO Nº 04/2003. **Referente título de cidadã amambaiense à Ann Mae Louise Wollermar**, Câmara Municipal de Amambai – MS, dezembro de 2003.

DAWSEY, John C. e outros. **Americans - Imigrantes do Velho Sul no Brasil**. Piracicaba, Editora Unimep, 2005.

DOGG, John Leadley. **Manual de Teologia**. São José dos Campos-SP: Editora Fiel, 1989.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes**. Vol. 1. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **O Processo Civilizador**. Formação do Estado e civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. DUNNING, E. **A busca de excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ERGAS, Ester Gomes. **Entrevista com Ester G. Ergas** [20 jan. 2011], Entrevistador: Márcio J. O. Rocha, Campo Grande - MS, 2011.

_____. **Informações obtidas em questionário formulado pelo pesquisador e respondido pela missionária Ester Gomes Ergas**. Anexo 3, In. NOGUEIRA, Sergio. Ann Mae Louise Wollerman: Recorte autobiográfico e sua contribuição para historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. (Dissertação de Mestrado) São Bernardo do Campo - SP: UMEESP, 2003, pp. 186 – 191.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

GOMES, Antônio M. de Araújo. Um estudo sobre a conversão no protestantismo histórico e na psicologia da religião. In. **Ciências da religião – História e Sociedade**. vol. 09. n.02, 2011 pp. 149-174

GONÇALVES, Arlene da Silva. **Os grupos escolares no Estado do Mato Grosso como expressão da política pública educacional: O grupo escolar Joaquim Murтинho, em Campo Grande, Sul do Estado (1910-1950)**. Tese (Doutorado em Educação) Campo Grande: UCDB, 2009.

GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Novos Horizontes**. E até os confins da terra: Uma História Ilustrada do cristianismo V.9. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HISLDORF, Maria Lúcia S. **Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo: Um estudo de suas origens**. São Paulo: FEUSP, 1977.

_____. **História da Educação brasileira: Leituras**. São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2003.

HOBBSAWM, Eric J. e TERENCE, Ranger. **Introdução: a invenção das tradições**. In. HOBBSAWM, Eric J. e TERENCE, Ranger (org.). **A invenção das tradições**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 1990.

LOUREIRO, Noemi Paulichenco. **Anna Bagby, educadora batista (1902 - 1919)**. São Paulo: FEUSP, 2006.

MACHADO, José Nemésio. **Educação Batista no Brasil: Uma análise complexa**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

_____. **A contribuição batista para a educação brasileira**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: Um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX In. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, vol. 13, nº1, p.133-174, jan. – jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142005000100005&script=sci_arttext Acesso em 27/12/2012.

Manual da União Feminina Missionária Batista do Brasil. Rio de Janeiro: UFMBB, 1981.

MARTINS, Luiz Cândido; CARDOSO, A dimensão civilizatória da presença dos americanos no Brasil: Tecnologia, Educação e Religião. Luiz de Souza. In. **IX Simpósio Internacional processo Civilizador: tecnologia e Civilização**. Ponta Grossa – PR, 2005.

MEIHY, J. C. S B. **Manual de História Oral**. 2 Ed. São Paulo: Loyola, 1998.

_____;RIBEIRO, Suzana L.S. **Guia Prático de História Oral**: Para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MENDONÇA, Antonio G. **O Celeste Porvir**. Inserção do protestantismo no Brasil. 3ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Edusp, 2008.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e Educação no Brasil**. Juiz de Fora; São Bernardo: Editora da UFJF; EDITEO, 1994.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. As Reformas Religiosas na Europa Moderna notas para um debate historiográfico. In. **Varia História** vol. 23 nº 37. Jan/Jun 2007 (p.130-150).

NAGLIS, Susana Batista G. **“Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto”: Os colonos da Colônia agrícola nacional de Dourados – CAND (1946-1960)**. Dourados-MS: UFGD, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. **Educar, Curar, Salvar: Uma ilha de civilização no Brasil tropical**. São Paulo: PUC, 2005.

NOGUEIRA, Sergio. **Ann Mae Louise Wollerman: Recorte biográfico e sua contribuição para historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul**. Dourados-MS: Inove Editora, 2004.

O Jornal Batista. Rio de Janeiro, ago. de 1954. p. 05.

_____. Rio de Janeiro, fev. de 1927. p. 02.

_____. Rio de Janeiro, abr. de 1939. p. 06.

OLIVEIRA, Jonathan de. Entrevista com Pr. Jonathan. Anexo 4, In: NOGUEIRA, Sérgio. NOGUEIRA, Sergio. **Ann Mae Louise Wollerman: Recorte autobiográfico e sua contribuição para historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) São Bernardo do Campo - SP: UMESP, 2003.

_____. **Ann Mae Louise Wollerman: Recorte autobiográfico e sua contribuição para historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul**. Dourados-MS: INOVE, 2004.

OLIVEIRA, Luiza L.B.; TOBIAS, José Luiz C. **Requerimento nº 71/2003 do Título de cidadã amambaiense à Exma. Sra. Ann Mae Louise Wollerman**. Amambai-MS: Estado de Mato Grosso do Sul Câmara Municipal de Amambai – MS, 2003.

OLIVEIRA, Betty Antunes. **Centelha em restolho seco**. uma contribuição para história dos primórdios do trabalho batista no Brasil. São Paulo: Edições Vida Nova, 2005.

PEREIRA, J.R.; PEREIRA, C.M.; AMARAL, A. O. **História dos Batistas no Brasil (1882-2001)** 3 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

PEREIRA, Rodrigo N.M. A Nação brasileira e o Protestantismo: Religião e Americanismo no projeto Nacional de Tavares Bastos. **Revista Intellectus** ISSN 1676- 7640, Ano 6, v.II, 2007, p.06. Artigo disponível em: www.intellectus.uerj.br. Acesso em 10/08/2011.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

Pine Bluff High School 1927 Jefferson County, Arkansas. Documento disponível em: <http://www.argenweb.net/pulaski/pine-bluff-1927.html> Acessado em 10/03/2012.

QUEIROZ, Paulo R.C. **“Caminhos e Fronteiras”: Vias de transporte no extremo oeste do Brasil** In. FILHO, Alcides G; QUEIROZ, Paulo R.C. (org.) **Transportes e formação regional**. Uma contribuição à história dos transportes no Brasil. Dourados-MS: Editora UFGD, 2011.

RAMALHO, Jether Pereira, **Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

REILY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo**. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos - ASTE, 1984.

REUTHER, Rosemary. **Sexismo e Religião**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.

REILY, Duncan A. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologia**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1990.

RODRIGUES, Almerinda Maria dos Reis Vieira. **O Movimento da Escola Nova no Sul de Mato Grosso: Uma análise da repercussão e de suas contribuições para a educação do Estado na primeira metade do século XX**. Dissertação (Mestrado em Educação) Dourados-MS:UFGD, 2006.

SANTOS, Ademir Valdir dos; MUELLER, Helena Isabela. Nacionalismo e Cultura Escolar no governo de Vargas: Faces da construção da brasilidade. **Cadernos de História da Educação**. vol. 8, nº 2, p. 261 - 274, jul. – dez. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/3711/2716> Acesso em 03/01/2013.

SANTOS, Nelson Alves dos. Entrevista com Pr. Nelson Alves dos Santos. Entrevistador: Sergio Nogueira. Dourados-MS 2003. Anexo 2, In: NOGUEIRA, Sérgio. NOGUEIRA, Sergio. **Ann Mae Louise Wollerman: Recorte autobiográfico e sua contribuição para historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) São Bernardo do Campo - SP: UESP, 2003, pp. 179 - 185.

SARAT, Magda; SANTOS, Reinaldo. História Oral como fonte: Apontamentos metodológicos e técnicos da pesquisa. In: COSTA; MELO, FABIANO. **Fontes e Métodos em história da Educação**. Dourados, MS: UFGD, 2010.

SANTOS, Ademir Valdir; MULLER, Helena Isabel. Nacionalismo e Cultura Escolar no Governo Vargas: Faces da Construção da Brasilidade. In: **Cadernos de História da Educação**, Ano, nº02, julho-dez. 2009 ISSN 1082-7806. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/3711/2716> Acesso em 10/04/2011.

SILVA, Eliane Moura. Gênero, Religião, Missionarismo e Identidade Protestante Norte-Americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX. In **Mandrágora – Gênero, Cultura e Religião**, Ano 12, nº 16, 2008, São Bernardo do Campo, UESP.

_____. Missionárias protestantes americanas (1870 - 1920): Gênero, Cultura, História. **Revista brasileira de história das religiões – ANPUH**, Ano III, n. 9 Jan. 2011 ISSN 1983.2850 disponível em: <http://.dhi.uem.br/gtrelição> acesso em 27 de maio de 2011.

SILVA, Ivanilson Bezerra. **A Cidade, a Igreja e a Escola: Relações de Poder entre Maçons e Presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Educação) São Paulo: USP, 2010.

SILVA, Ademar Alves. **A Presença da Igreja Batista no contexto do desenvolvimento da cidade de Três Lagoas-MT (1920-1940)**. Dissertação (Mestrado em História) Dourados-MS: UFGD, 2009.

SILVA, Ricardo Souza da. **Mato Grosso do Sul: Labirintos da Memória**. Dissertação (Mestrado em História) Dourados-MS: UFGD, 2006.

SOBRINHO, Almiro Pinto. **Entrevista com Almiro P. Sobrinho** [03 mai. 2011], Entrevistador: Márcio J. O. Rocha, Amambai – MS, 2012.

_____. **Amambai, memória e história da nossa gente**. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2009.

_____. In. LEVANDOWSKI et al. (org.) **História viva de Amambai 1948 - 2008**. Prefeitura municipal de Amambai-Secretaria Municipal de Educação. Dourados-MS: Seriema Industria gráfica e editora ltda, 2008 (pp. 30-34).

_____. **História dos Batistas em Amambai**. Amambai-MS: Gráfica “A Gazeta”, 2005.

SHERWOOD, Bill; SHERWOOD, David; LINS, José Pereira, Entrevista com Bill Sherwood, David Sherwood e José P. Lins. Anexo 5, In: NOGUEIRA, Sergio. **Ann Mae Louise**

Wollerman: Recorte autobiográfico e sua contribuição para historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) São Bernardo do Campo - SP: UMESP, 2003, pp. 194 – 196.

SOUZA, Manoel Avelino de. **Sermões do púlpito batista.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1936.

SOURTH CONVENCION BAPTIST – SCB. **Resolution On Divorce.** Disponível em: <http://www.sbc.net/resolutions/amResolution.asp?ID=441> Acessado 22/04/2012.

_____. **Social Service Committee Recommendation On Divorce.** Disponível em: <http://www.sbc.net/resolutions/amResolution.asp?ID=442> Acessado em 22/04/2012.

TAMAYO, Juan José. **Fundamentalismos y diálogo entre religiones.** Madrid: Trotta, 2004.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral.** 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRAPP, Carlos Osmar. **Evangélicos em Campo Grande.** Origens e Desenvolvimento. Campo Grande-MS: AEVB; Prefeitura Municipal de Campo Grande, 1999.

_____. **Urbietta & Sherwood.** Pioneiros na obra de evangelização em terras mato-grossenses. Edição Comemorativa em homenagem ao primeiro Centenário Batista em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul 1911-2011. Campo Grande-MS: Gráfica e Editora Brasília Ltda, 2011.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão religiosa no Brasil.** 2ed. Brasília: Editora UnB, 1999.

VIEIRA, Nery. In. LEVANDOWSKI et al. (org.) **História viva de Amambai 1948 - 2008.** Prefeitura municipal de Amambai-Secretaria Municipal de Educação. Dourados-MS: Seriema Industria gráfica e editora ltda, 2008 (pp. 42-44).

VEIGA, Cyntia G.; FONSECA, Thais Nivia de Lima (org.) **História e Historiografia da Educação no Brasil.** Belo Horizonte - MG: editora Autêntica, 2008.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

WOLLERMAN, Ann Mae Louise. Depoimento autobiográfico Anexo 1, In: NOGUEIRA, Sergio. **Ann Mae Louise Wollerman: Recorte autobiográfico e sua contribuição para historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) São Bernardo do Campo - SP: UMESP, 2003, pp. 149 – 170.

WUETT, George W.; LOVE, J.F. **Os batistas e o momento atual.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950.

ANEXO A – Referencias de fontes anexadas do trabalho abaixo referenciado:

As referências abaixo são de entrevistas realizadas por Nogueira (2003) para sua pesquisa de Mestrado e que foram citadas na minha pesquisa, especialmente o depoimento autobiográfico de Ana Wollerman que foi uma das principais fontes da minha pesquisa. Estas entrevistas estão integralmente nos anexos da pesquisa de Nogueira.

WOLLERMAN, Ann Mae Louise. Depoimento autobiográfico Anexo 1, In: NOGUEIRA, Sergio. Ann Mae Louise Wollerman: **Recorte autobiográfico e sua contribuição para historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) São Bernardo do Campo - SP: UMESP, 2003, pp. 149 – 170.

SHERWOOD, Bill; SHERWOOD, David; LINS, José Pereira, Entrevista com Bill Sherwood, David Sherwood e José P. Lins. Anexo 5, In: NOGUEIRA, Sergio. **Ann Mae Louise Wollerman: Recorte autobiográfico e sua contribuição para historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) São Bernardo do Campo - SP: UMESP, 2003, pp. 194 – 196.

ERGAS, Ester Gomes. Informações obtidas em questionário formulado pelo pesquisador e respondido pela missionária Ester Gomes Ergas. Anexo 3, In: NOGUEIRA, Sergio. **Ann Mae Louise Wollerman: Recorte autobiográfico e sua contribuição para historiografia de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) São Bernardo do Campo - SP: UMESP, 2003, pp. 186 – 191.

ANEXO B – Degração parcial da entrevista com Ester Ergas

Entrevista realizada por Márcio José de Oliveira Rocha no apartamento da missionária Ester Gomes Ergas em Campo Grande-MS dia Janeiro de 2012. A Entrevistada foi missionária da Junta de Missões Nacionais e desde 1952 atuou em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e sempre foi companheira da missionária Ana Wollerman na abertura de escolas, igrejas e treinamentos teológico atividades religiosas.

Entrevista

Entrevistador: Muito obrigado, professora Ester, pela oportunidade de me receber conversamos sobre a missionária Ana Wollerman.

Entrevistador: Gostaria de começar conversando com a senhora sobre a Ana Wollerman antes de vir para o Brasil.

Colaboradora: Mas isto tudo está no DVD. Desde as origens dos pais que os avós eram alemães, e, por causa das dificuldades que a Alemanha estava passando foram para os EUA. E lá já nasceu o pai e veio outra família que nasceu a mãe dela. Não se conheciam na Alemanha, se conheceram no EUA. Então os pais já eram dos EUA quando se casaram então formou a família de três filhos.

Entrevistador: Bem! Gostaria que a senhora falasse de alguma coisa que talvez vocês tenham conversado em outro momento e na hora de organizar as idéias no DVD ela não tenha lembrado. Por exemplo, que escolas ela se formou ainda quando era criança?

Colaboradora: No Seminário Fort Worth, aquele grande Seminário.

Entrevistador: Ainda quando criança?

Colaborador: Não jovem, porque a escola que eles freqüentam quando criança eles fazem em oito anos. Como escola primária, depois vem o Junior que é como o nosso segundo grau, preparação para o segundo grau.

Entrevistador: Ela estudou em escolas públicas ou escolas da Igreja?

Colaboradora: Eu acho que era escola pública. Ela não diz ali, mas ela diz que os pais eram pobres e os avós agricultores. O pai trabalhava em linha de trem em ferrovia. Então ela diz que os pais nunca puderam dar os estudos e quando ela entrou neste seminário,

primeiramente, ela pediu uma bolsa pra ela trabalhar e com o trabalho pagar os estudos, mas eles não concederam. E ela então como já havia entregado a vida pra Deus, falou com Deus: “Tu que tens que abrir uma porta” – E ela diz que poucos meses depois quando estava trabalhando na mesma escola onde fez “Belas Artes”, que aquela ela conseguiu bolsa, e, foi para lá trabalhar. Ela diz então que o diretor pediu, “você vai fazer uma palestra falando do valor de uma escola batista” porque ela era professora – “porque com isto nós vamos arrecadar dinheiro em benefício da nossa instituição”, e ela, quando fez esta palestra o orador daquela Convenção era o diretor do Seminário, deste grande Seminário Fort Worth.

Então quando ela terminou a palestra ele mandou um bilhete que queria conversar com ela. Quando ela foi conversar, ele ofereceu, “Você pode ser minha secretária particular e no início das aulas eu consigo uma bolsa para você”. Porta maravilhosa que Deus abriu!

Entrevistador: Quando começou seu interesse em se dedicar ao trabalho missionário?

Colaboradora: Começou quando ela foi assistir a um retiro que houve o apela, ela disse que foi chorando e se entregou a Deus. Neste tempo é que ela desejou ir pra o Seminário e não conseguiu do próprio diretor ser o próprio orador oficial.

Entrevistador: E sobre a família dela, seus encaminhamentos, a senhora poderia falar sobre isto para nos ajudar entender quem é esta Ana Wollerman?

Colaboradora: O irmão foi contador, casou-se e não tiveram filhos. A irmã morreu solteira já com cinqüenta e tantos anos de um câncer, então a família dela era pequena quando morreram a mãe, o pai já havia morrido, o irmão primeiro e a irmã, e, ficou só ela. A única sobrevivente.

Entrevistador: A senhora poderia falar de um período que ela menciona ter se destacado nos estudos no EUA?

Colaboradora: Ela sempre foi aplicada, em tudo, não somente nos estudos (nesta época que eu nem a conhecia), mas aqui no Brasil eu via como que era tudo quase que perfeito e ela exigia de todo mundo isto, que se não estivesse bom precisava fazer outra vez. Muito dedicada, eu sofri na mão dela porque eu tinha que jogar fora alguma carta que eu escrevia, para melhorar.

Agora, uma coisa também que (porque eu tive diversas vezes nos EUA com ela, umas sete vezes), e, o que eu percebi e que me admirava, era de ver o amor, o mesmo que povo dedicava aqui com ela, era nos EUA com ela. Era abraçada beijada e muito requisitada para falar nas igrejas. O tempo que eu estive lá, nossa! Nós visitamos muitas igrejas. Porque eu falava do Brasil e ela interpretava.

Entrevistador: Eu estava observando o contexto da Ana Wollerman nos EUA, início do século XX, onde os movimentos feministas, nas suas mais diversas vertentes, eram muito fortes e insistentes em sua luta pelos direitos da mulher na sociedade, na igreja, etc. (isto não somente no EUA, mas também aqui no Brasil), a senhora se lembra de Ana Wollerman ter comentado alguma coisa sobre isto? E, como ela se posicionava?

Colaboradora: Olha! Ela nunca teve dificuldades, nem lá nem aqui. Ela cancelava os convites das igrejas por não dar conta. Nunca ouvi algum pastor dizer; “Não vou convidar a Ana Wollerman por ela ser mulher”. Nunca! Nunca!

Entrevistador: Ela chegou comentar com a senhora alguma situação que acontecer antes de vir para o Brasil? Nós sabemos que no Brasil ela constrói uma história na denominação que dá reconhecimento de seu trabalho prestado, mas antes disso, ela teve que construir esta imagem positiva. Neste sentido, ela chegou comentar alguma coisa com a senhora deste período antes do Brasil?

Colaboradora: Não nunca! Mas o nosso DVD conta que quando ela se apresentou a Junta, pensando, agora deu certo para eu viajar para o Brasil e ser uma missionária, ela não foi aceita pela Junta de Missões e houve algum, ela não preencheu os requisitos que tinham lá, mas isto, ela disse que se sentiu muito triste foi uma frustração, mas ela não desistiu, nem desanimou. Foi outra oportunidade para ela dizer a Deus: “eu irei para o Brasil com nomeação ou sem nomeação” e nunca ela fez referência a razão porque não foi aceita, nunca! Ela nunca comentou! Houve coisas que aconteceram que agente deduz, mas que ela não tinha interesse em falar, então agente só pensa; “Porque que ela não foi aceita!”. Não nunca! Nunca! O que houve foram coisas que aconteceram que a gente deduz, mas que ela não tinha interesse em falar, então a gente só pensa – “Porque que ela não foi aceita?”.

Entrevistador: Eu observei na entrevista do pastor Sérgio com o Bill Sherwood , e, numa conversa minha com o pastor Manoel Jacinto, que ela comentou que teria sido divorciada. A senhora poderia falar sobre isso?

Colaboradora: Não, ela nunca comentou. Mas isto não serviu de impedimento. Uma mulher sozinha, sem salário, sem falar a língua, enfrentar um país novo com tudo diferente, e, como que ela viveria aqui sem dinheiro? – Deus proporcionou aqueles jovens da escola que ela era professora que fizeram aquele jogo que foi pago e o rendimento ofereceram a ela para viagem, porque ela viajou num navio cargueiro para o Brasil e depois eles mandavam mensalmente cinquenta dólares, vinte dólares. Eles eram jovens da escola que ela dava aula.

O Kellow veio depois. Quando ela não foi aceita pela Junta Então ela foi para Igreja,...igreja,...eu não estou lembrando agora. Trabalhar como educadora, nesta igreja e remunerada. Ela foi diretora do departamento de Jovens. Nesta época estavam os jovens; Aroldo e,...como era o nome dela...não lembro. Eles se casaram nesta época e ficaram muito ricos porque eles trabalhavam com venda de pedras preciosas no mundo todo. Quando a Dona Ana já estava aqui no Brasil é que eles mandaram aquela oferta grande de cento e cinquenta mil dólares pra ela fazer o que desejasse com este dinheiro.

Entrevistador: A senhora poderia falar um pouco sobre o início da escola em Amambai?

Colaboradora: Nossa! A pouco tempo têm uns cinco anos, que a Câmara lá de Amambai quis homenageá-la e ela já não tinha mais condições de vir ao Brasil, isto tem mais ou menos uns cinco anos. Então todas as professoras daquele tempo estiveram presentes, no tempo que Le a era a diretora da escola , eu cheguei lá em 52 [1952], e, eles me pediram para eu representar a Ana Wollerman na honra grande e ofereceram pra ela aquela placa homenageando, e o agradecimento pela contribuição na educação quando não havia nada em Amambai, nada de escola, nada!

Sobre o objetivo da Escola:

Era Vila União antes, então ela abriu aquela escola visando a parte evangelística. Todos os dias era ensinado para as crianças sobre Jesus, isto era infalível, todos os dias.(21:16 – 21:29).

Início da Escola:

Já começou grande a escola! Não sei se já havia 1º, 2º e 3º, mas provavelmente, porque ela diz de três turmas quando fez o Instituto Bíblico que ela foi buscar no Paraná os alunos que ela havia mandado pra lá, mas, escola primária, é possível que já tivesse alguma criança que já tivesse 2º, 3º ano, mas provavelmente por não haver nada antes é possível que já começou do início (30:03 – 30:42).

Onde moravam os alunos:

Entrevistador: Os alunos, todos moram na Vila ou tinha alguns que moravam nas...?

Colaboradora: Sim moravam na Vila, até os que moravam na chácara tinham que ir morar naquela Vila pra estudar. A escola de Jaciara que foi diferente, porque nós chegamos lá no começo da cidade. A cidade estava se formando e as crianças vinham de longe que os pais

estavam armando aqueles casebres, tendas, e, as crianças vinham e ficavam o dia inteiro lá conosco, porque não condição de vir e voltar era distante (30:46 – 31:30).

Escola oferecia almoço/merenda escolar:

Entrevistador: A escola oferecia algum lanche ou almoço?

Colaboradora: Oferecia! Nós tínhamos uma pessoa que cozinha e dávamos aula para àquelas crianças o dia todo. Eram cento e tantas, cento e cinquenta. Ela descobriu que o governo estava dando leite em pó. Ela solicitou, conseguimos aqueles sacos grandes e os próprios pais contribuíam com mantimentos porque eles já estavam plantando arroz, feijão (31:37 – 32:20).

A escola cobrava um valor por criança:

Entrevistador: A escola era mantida por quem?

Colaboradora: Era cobrado um valor pequeno de cada criança pra poder manter a escola porque havia as professoras que eram pagas. Era todo mundo fazendo por amor porque o “sariozinho” também era pequeno (32:22 – 32:47).

Professoras:

Mas em geral era todo mundo da igreja tinha eu só que vinha de fora. Porque terra de cego quem tem olho é rei, então alguma moça da igreja que tinha pelo menos o curso primário era uma das professoras.

Entrevistador: Em principio ela era professora sozinha.

Colaboradora: É, ela trouxe umas moças daqui já de Campo Grande quando abriu lá.

Entrevistador: A senhora lembra o nome de algumas delas?

Colaboradora: Maria Martini, Marlucia Jcovi, as duas eu encontrei lá quando cheguei. Elas já tinham terminado o primeiro grau que naquele tempo era o Ginásio. Elas interromperam foram tornar professoras lá em Amambai(32:48 – 34:06).

A Escola:

Entrevistador: A escola ficou na casa do pastor por quanto tempo?

Colaboradora: Por pouco tempo. Eu acho que, porque...Você sabe que ela fez um voto de nunca pedir nada a ninguém a não ser a Deus. Então, logo que se tornou um grupo de crentes. Estes próprios crentes foram construindo Templo e uma sala pra escola. Quando eu cheguei lá

estava uma escola com umas três salas grandes de madeira e o Templo de tijolos (34:00 - 34:51).

Conteúdo escolar:

Entrevistador: Outra coisa que eu tenho interesse é saber que conteúdo ela ensina na escola?

Colaboradora: Ela deve ter conseguido alguma orientação com o pastor da primeira Igreja onde ela era membro. Que era aquele, o rapaz era Gióia Júnior, acho que o pai tinha o mesmo nome, Pastor Gióia, só pode ser. Porque até quando eu cheguei em 52, era outro pastor Altino Vasconcelos. Eu escrevi pra ele que me desse algumas informações pra eu poder passar pra crianças sobre o Estado (34:54 – 36:34).

As crianças:

Entrevistador: A faixa de idade das crianças que começam na escola?

Colaboradora: Começava todo mundo tarde, até quando eu cheguei em 52 eram crianças de nove, dez, onze, doze anos que começavam a estudar. Conhece o pastor Albino Ferraz?

Entrevistador: Só de ouvir falar.

Colaboradora: Ele foi meu aluno. Ele começou já tinha uns nove anos. Porque o povo não tinha onde por os filhos pra estudar. Ficavam na roça.

(36:43 – 37:21)

Currículo da escola:

Entrevistador: Quando a senhora chega em 1952. A senhora saberia me dizer que currículo era ensinado?

Colaboradora: Ensinávamos tudo! Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, e, pra isto nós tínhamos que estudar pra passar para as crianças. Porque nesta altura ninguém lembrava de nada para dar no ensino. Eu lembro que eu estudava muito para dar conta.

Entrevistador: Tinha alguma disciplina voltada para evangelização?

Colaboradora: Sim! Todos os dias. Tínhamos as duas, ou três primeiras aulas, acho que duas, que ali tínhamos que, todos; crianças professoras íamos pra o Templo e lá cada dia uma professora ensina alguma história bíblica, isto era infalível todos os dias.

Entrevistador: Como as famílias viam isto?

Colaboradora: Não tinha problema nenhum. Nunca! Nunca tivemos algum pai que veio pra dizer meu filho não freqüentar, não! Todos estavam ali, todas as crianças! Depois de anos, muitos anos, eu ficava sabendo de crianças que se converteram naquela época (37:22 – 39:57).

Visitações aos familiares dos alunos:

Entrevistador: Ela fazia um trabalho de visitação aos familiares das crianças?

Colaboradora: Sim sem condução! Depois tínhamos uma aldeiazinha perto de Amambai e nós íamos todos de cavalo pra aldeia. Depois ela ganhou da Missão uma caminhonete e a gente andava na caminhonete (risos)- (43:58 – 44:28).

Importância da Igreja para cidade:

Entrevistador: A Igreja tinha influência na cidade?

Colaboradora: Tinha! Tinha. Era única igreja, era só aquela e um jovem da própria igreja se tornou pastor depois ele saiu foi para o seminário, mas ele dirigia muito bem com muita dedicação e logo se casou, então, até alguns dos filhos dele é pastor hoje (46:40 – 47:17).

Doações que A.W. fez:

Ela nunca comentava as doações que ela fazia. Ela não comentava, mas eu presenciei fatos que ela não comentava, mas que estava presente. Mas ela foi uma pessoa assim muito discreta. Ela fazia aquelas obras e não dizia o que ela fez. Aquele pastor Geraldo Ventura de Cuiabá. Ela disse que foi uma cidade que ela amou muito e que saiu de lá chorando. Ela dizia, “eles eram tão bondosos comigo que eu saí chorando de Cuiabá”. E Este pastor Geraldo se interessou muito em fazer isto que você está fazendo. Nós entramos juntas no gabinete dele eu estava sempre junto com ela e uma das perguntas foi: “Dona Ana, me fala quantos carros a senhora já doou para os obreiros?” (Porque ela comprava carros usados e dava para o obreiros) – Ela ficou muito constrangida e ela disse: “Eu não posso precisar, mas está por uns cinquenta por aí” (50:06 – 51:50).

Uma escola para cada Igreja:

Entrevistador:

A senhora falou que ela abriu pelo menos umas sete escolas?

Colaboradora: Umas dez, porque foi Guiratinga, foi Jaciara, foi Cuiabá, foi Amambai. Nossa! Glória de Dourados, foi uma das primeiras depois de Amambai. Toda Igreja que ela iniciava e

era construído um Templo ela perguntava se queria funcionar uma escola. Porque ela viu que através das crianças era um meio muito fácil de entrar na família. A maior foi a de Amambai e Glória de Dourados tinha professora formada, se tornou grande também. As outras foram menores, mas nunca tinha menos que cem, cento e poucos alunos (52:59 – 54:53).

Cotidiano da escola:

Ali [Amambai] era o dia todo. Nós tínhamos um período da manhã que ia de 11h e começava 12h, 1h e ia até tardinha 5h e quando era 7h tínhamos aula de alfabetização para adultos – todas estas escolas porque sabe que o povo não tinha como estudar, se aquelas crianças entravam na escola com dez doze anos, os pais nunca puderam.

Entrevistador: Até que série a escola oferecia?

Colaboradora: Até a última, que naquele tempo era a quinta. Depois, ela tinha um discernimento dado por Deus que ela incentivava aqueles que eram pra continuarem. Muitos ela trouxe, no caso de Amambai, para Campo Grande, os de Jaciara, para Cuiabá (54:55 – 56:26).

ANEXO C – Degração com Almiro Pinto Sobrinho

Entrevista com Almiro Pinto Sobrinho em seu local de trabalho, Hospital Regional de Amambai-MS. O mesmo foi aluno e membro da Igreja Batista Central em Amambai e escritor memorialista da cidade.

Entrevista

Entrevistador: Sr Almiro, a gente já tem conversado o dia todo, o senhor tem me ajudado com alguns documentos sobre Historia dos batistas em Amambai e a História de Amambaí, mas ainda eu gostaria de conversar um pouco mais sobre o assunto. Quando o Senhor começa a estudar e quando começa o primeiro contato com a educação batista?

Colaborador: O meu primeiro contato eu não sei citar com relação às datas, mas foi mais ou menos em 45, 46, que o Seu Evandro estava aqui em Amambaí como evangelista, e aí ele atendia a congregação da igreja e mantinha uma escolinha partícula, que era pra completar o salário dele, então foi aí que eu tive o primeiro contato nessa escola dele, estudava o Antônio Carlos filho do Seu Antônio Martins, eu e uma filha do Seu Otacílio Belmonte, nós éramos 3 alunos, e ele cobrava da gente 10 cruzeiros por mês. Então ele deu este início, depois ele foi embora, aí que veio a D. Ana. A informação que eu tenho é que em 1947 ela já estava aqui, organizando tudo isso. Quando a igreja foi organizada, a igreja Batista foi organizada em 18 de Julho de 48, a escola batista já estava funcionando com essa estrutura que a D. Ana trouxe, que era, até então as escolas daqui não tinham o programa assim de séries, de promoção, o aluno entrava e fazia o primeiro ano e depois era promovido, isso não acontecia, os alunos iam estudando assim sem esse critério. Ela que foi quem que organizou a primeira escola praticamente com essa modalidade. Olha! Da igreja como organizada, com membros e tudo, ela começa, me parece, um pouquinho antes. É fácil de conferir porque é só a gente ver quando que a D. Ana veio para o Brasil. Aí a gente sai dessa dúvida, se começou em 47 ou se começou em Janeiro de 48. Quando ela chegou a organização da igreja já estava funcionando, porque a fotografia que tem no livro é em frente àquela casa de madeira coberta de tabuinha, aonde funcionava a congregação, e lá dentro, durante a semana funcionava a escola batista.

Entrevistador: O Senhor disse que começou a estudar na escola batista e que ela trazia uma novidade, que é a escola seriada, mas na conversa anterior o Senhor disse que teve algumas dificuldades. O Senhor poderia dizer porquê que o Senhor teve essas dificuldades na escola batista, com conteúdo, e com o que o Senhor já vinha aprendendo antes?

Colaborador: Essa dificuldade é em função dessas escolas particulares não existiam um programa, não existia as matérias tudo separadas. E aquele grupo era do primeiro ano até o quarto ano, então cada ano daquele tinha as matérias específicas, e eu estudei nessas escolas particulares que não tinha isso aí, então eu sabia, parte de matemática eu sabia bastante, eu sabia fazer bastante cálculo, bastante conta, eu sabia calcular áreas de terras, porque lá as escolas particulares assim elas tinham uma finalidade de passar as informações que seriam utilizadas no dia a dia. Então eles ensinavam, porque a gente trabalhava na roça, a gente tinha que saber, se ia mandar carpir um pedaço tinha que medir e calcular qual foi a área pra pagar por aquele cálculo. Eles ensinavam nessas escolas particulares, por exemplo, você comprar um tecido de 2,10m, de 200 reais o metro, quanto que você ia pagar. Eles ensinavam quando você ia comprar alguma coisa de quilo, quantos quilos por preço de tanto, quantos você ia pagar. Então isso aí eles achavam que ele tinha capacidade pra entrar no quarto ano. E aí eu fui pra entrar no quarto ano. E aí eu cheguei lá eles perguntaram sobre história, eu não sabia nada, perguntaram sobre geografia eu não sabia nada, ia escrever eu não sabia. Então eles chegaram a conclusão que eu não ia acompanhar de maneira nenhuma o quarto ano. Aí eles usaram a seguinte tática, olha Miro, você vai pra outra turma, nós vamos te colocar noutra turma, mas eles não me disseram que eu ia lá pro primeiro ano! Aí eu fui lá pro primeiro ano, lá é que eu fui começar a aprender esses negócios de geografia, história, e aprender, porque eu sabia, por exemplo, todas as letras, eu sabia quais que eram as vogais, as consoantes, eu sabia o alfabeto de trás pra frente, tudo eu sabia, mas chegar na hora de escrever, pontuação, essas coisas eu não sabia nada. Então fui para no primeiro ano. Isso eu comecei em agosto, fiquei até o fim do ano, no fim do ano quando eu completei o primeiro ano, bem colocado e tudo, mas só que no ano seguinte eu não voltei mais pra escola, fui pra chácara e não voltei mais.

Entrevistador: Além das matérias de Geografia, História, Matemática, Português que o senhor já vinha estudando e agora na Escola Batista o senhor lembra-se de outras matérias?

Colaborador: Não, o que muito importante era a abertura da aula. Tinha um dia da semana que a professora chegava e contava uma história, lia uma história. Essa história que ela lia, ela tinha um fundo moral, era uma historia educativa. Então isso aí era uma coisa muito importante. Outra coisa interessante que tinha na escola, também que o fechamento do ano, a gente ia fazendo durante o ano, a gente fazia desenho, fazia desenho a Mao livre, fazia desenho geométrico. Esse desenho geométrico, por exemplo, eles davam a liberdade de você projetar uma casa, você tinha que fazer um desenho assim, então era tudo com as medidas, tudo calculado. E isso aí tudo era feito em folhas de papel e guardado na secretaria da escola.

No fim do ano, no fechamento do ano letivo, todos aqueles trabalhos eram colocados na mesa, com o nome do aluno, e convidava os pais, aí tinha o culto, e depois os pais iam visitar aquela mostra, que hoje é considerado feira científica. Então tinha isso aí. E também tinha a parte cívica, os alunos, não era todo dia, mas um dia da semana, eram colocados os alunos tudo em fila em frente da escola, era hasteado a bandeira e cantado o hino nacional, cantava-se o hino à bandeira, e cantavam-se alguns outros hinos que eu não me lembro todos. Tinha essa parte cívica também, bem colocada.

Entrevistador: O senhor fala no livro que o senhor escreveu sobre a historia dos batistas em Amambaí que era uma educação cristã. O que o senhor esta querendo dizer com ‘ educação cristã’?

Colaborador: Eu quis dizer que era uma educação cristã porque tinha sempre durante a semana uma introdução na aula, antes de começar a aula, um culto, um comentário, uma leitura bíblica, uma informação, e as histórias que eram lidas, eram escolhidas pra escola dominical, não sei de onde eles tiravam, mas sempre tinha uma informação cristã, por isso que achei que a colocação seria correta em dizer que era uma educação cristã.

Entrevistador: O senhor lembra, também com base nas pesquisas que o senhor fez sobre a história dos batistas, qual era a aceitação que a escola tinha na sociedade?

Colaborador: Um ponto muito interessante que a gente viu foi o seguinte: a escola ela logo pegou uma credibilidade muito grande na cidade, todo mundo queria pôr o filho lá na escola. Outra coisa que levou essa credibilidade foi que tinha na época pra você entrar no chamado ginásio, que é essa parte que esta incluída no ensino fundamental do 5 ao 9, esses 4 anos, pra você sair do grupo, você tinha que passar por um tipo de exame de admissão, quer dizer, era uma exame de admissão mesmo, tinha matéria especifica, o grupo dava como quinto ano, e a escola batista dava como exame de admissão. Então essa matéria era ministrada junto no quarto ano, no segundo semestre, era ministrada essas matérias aí. Então os alunos saiam daqui pra estudar fora, aqueles que tinham condições, chegavam lá e faziam esse exame de admissão e sempre eram bem colocados. Isso voltava em favor da credibilidade da escola, do ensino que era bem feito, bem ministrado.

Entrevistador: O Senhor poderia falar sobre o Grupo Escolar?

Colaborador: Eles usavam naquela época, eu não sei por qual motivo, que eles falavam eles falavam que os alunos eram do grupo. Porque no grupo escolar que tinha as escolas publicas, eles só ensinavam ate aquele limite, então, de cinquenta e poucos pra frente, já tinha o grupo

escolar, com essa expressão, “Grupo Escolar”. E os alunos então estavam no grupo, quem estava nesses quatro primeiros anos era considerado que estava no grupo. Era um uso que tinha na época.

Entrevistador: Havia um valor cobrado pra quem estudava na escola?

Colaborador: Existia um valor, todos pagavam uma mensalidade. Mas existia uma tolerância muito grande com relação aqueles que não podiam. Ninguém deixou de estudar porque não pagou ou se os pais não estivessem pago por que estava em atraso, um motivo qualquer o aluno ser tolhido, qualquer coisa, não existia. E porque os pais nem sempre tinham dinheiro todo mês. O agricultor, por exemplo, tinha dinheiro quando vendia uma vaca, um produto, então as vezes ele pagava 2 meses, 3 meses, atrasava um pouco, mas nunca se ouviu falar que o Pedrinho, o Joãozinho vai deixar de fazer prova porque estava devendo, nunca aconteceu isso.

Entrevistador: Qual o valor cobrado?

Colaborador: Era um valor acessível, na base de 15 cruzeiros, era mais ou menos isso que se pagava por mês. Uns pagavam menos, não sei se tinha diferença nas séries também, diferença de valor. Era um valor que a gente fazia na chácara uma lata de manteiga do tamanho dessas latas de aveia Quacker, a gente vendia por 18 mil réis, então a gente pagava menos que uma latinha.

Entrevistador: Essa latinha representava mais ou menos o que, em comparação de hoje, salário, uma diária...

Colaborador: Umas 800 gr de manteiga. Ah, isso aí eu não lembro porque não existia naquela época. Existia sim o trabalho de peão, que trabalhavam por dia, mas eu não lembro do valor.

Entrevistador: No livro o senhor fala de uma orientação profissional, o que seria?

Colaborador: A orientação profissional que era dada na escola eram palestras, não chegavam a fazer um teste de aptidão, mas faziam palestras, por exemplo, dizendo qual a função do medico, o engenheiro. Mas era mais ou menos isso aí. Não so essa profissão de ensino superior, mas como outras profissões, eles davam sentido do que era a profissão de um carpinteiro. A escola não tinha um curso de carpinteiro, mas ela explicava a função do carpinteiro, do lavrador, valorizando o trabalho do lavrador, na questão de produzir gêneros alimentícios. Sempre tinha palestra de orientação nesse sentido.

Entrevistador: Não sei se é do conhecimento do senhor, eu estava ali vendo o documento que deu o título de cidadã Amambaiense pra D. Ana Wollerman, mas eu vi também uma carta como se fosse um abaixo de assinado de pessoas que estavam agradecendo pelo ensino oferecido, isso em 1951, e também ofertando uma quantia em dinheiro, 500 cruzeiros, 50 cruzeiros... O senhor saberia dizer com que frequência se dava esse auxílio, essa relação entre as escolas e essas ajudas?

Colaborador: Isso aí eu não sei, eu não participei porque nesse período eu ainda morava na chácara. Eu vim pra cá mais ou menos em 1950, 52 mais ou menos eu comecei morar aqui na cidade. Essas coisas aconteciam mas a gente não tomava conhecimento porque eu não estava envolvido.

Entrevistador: E a relação da Ana Wollerman com as outras lideranças religiosas, o Catolicismo, por exemplo.

Almiro: O Catolicismo, na época em que ela viveu aqui, no começo não existia um Padre aqui na cidade, então vinha um Padre de Ponta Porã, ele vinha, já tinha algumas pessoas aqui, a D. Joana Cassat, a D. Essi Fonseca, algumas pessoas aí que já preparavam toda a vinda do padre. Preparava quem queria batizar, quem queria crismar, preparava toda aquela agenda. O Padre vinha aqui, fazia o trabalho e continuava, ia até Iguatemi, então não tinha aquela frequência. Houve uma vez um caso interessante aqui, mas não com relação a escola, foi com relação ao Pastor. Veio pra cá o Pr. Dagoberto, ele era do Rio, e não sei o que aconteceu que no alto falante da igreja Católica, eles fizeram referência negativa à igreja Batista, e o pastor ligou o motor da igreja e ligou o auto falante da igreja e retrucou de lá, isso aí foi um fato que aconteceu, eu me lembro, o Padre da igreja eu não me lembro, mas o Pastor da Igreja era esse Dagoberto. Esse Dagoberto que tentou organizar o Ginásio, naquela época ali. Às vezes tinha aquela piadinha assim, o pessoal da igreja saía e ia lá na quermesse, aí alguém de lá dizia assim: “Avisa o Pastor lá que as ovelhas dele estão fugindo e estão vindo aqui”. Tinha essas coisinhas assim, mas dizer que houve uma rixa, uma perseguição, às vezes um aluno ia de uma escola pra outra, sem problema nenhum também.

Entrevistador: Certo. Estamos encaminhando para o encerramento dessa nossa conversa, o senhor poderia falar, por exemplo, sobre a relação das professoras com os alunos, se era uma relação mais aproximada, nos temos a imagem daquele professor rígido, não somente no ensino, mas também na forma de se relacionar.

Colaborador: O que eu acompanhei que foi esse período pequeno que eu estive na escola, era uma relação de muito respeito. O professor era lá na frente separado, mas você encontrava os professores na rua, cumprimentava, elas alegres, conversava com os alunos. Existia um limite, existia um respeito, e existia uma convivência agradável. Nos não tivemos professor muito drástico, nos tivemos professores muito preparados, porque a maioria dos professores da escola pegavam aqui as pessoas que tinham certo conhecimento. Essa Maria Ap., por exemplo, tinha estudado fora, ela foi ser professora, essa Nelci Peixoto ela também estudou fora no Colégio das Irmãs em Ponta Porã. Eles traziam muito professor do Instituto lá do Rio, do IBC, naquele tempo funcionava. A Igreja se preparava, tinha um grupo de mocas se formando lá, a igreja já mandava os convites. Então vieram varias pessoas, e de Ponta Porã também.

Entrevistador: só professoras ou tinha professores também?

Colaborador: Não tinha professores.

Entrevistador: E na sala de aula, meninos e meninas estudavam juntos ou eram separados?

Colaborador: Ali que começou outro aspecto que não era obrigado, eles estudavam na mesma sala, só que tinha uma ala para os meninos e uma ala para as meninas. Isso foi mantido na igreja por muito tempo. Você e entrava na igreja, tinha um corredor, os homens iam para um lado e as mulheres para outro. É interessante, isso perdurou por um bom tempo. Mas no recreio todos brincavam junto. Tinha um negocio que acontecia as vezes, quando alguém aprontava qualquer coisa, o castigo era sentar junto com as meninas. Pôr um menino no meio das meninas, todo mundo ficava tirando sarro.

Entrevistador: O contrário acontecia também?

Colaborador: Acontecia também. Mas era uma pratica que às vezes acontecia, eram as armas. Castigo não tinha, por que naquela época os alunos iam pra escola e eram muito respeitosos, alguns eram meio danados.

Entrevistador: A faixa etária dos alunos era igual?

Colaborador: Tinha bastante diferença porque quando começou a igreja batista, vieram os que estavam parados, e foi feito uma adaptação. Então às vezes tinha aluno bem pequeno com bem grande, no primeiro ano, e assim nos outros anos, em função de todos não terem começado na mesma época. Tinha todas as classes, primeiro, segundo, terceiro. Todo mês era feito prova e o encerramento. Esse encerramento era um culto de manha na igreja, convidava

os pais pra virem, e ali eram dadas classificações, alunos que se destacaram, uns na redação, outros na matemática, eles procuravam distribuir, não centralizar num só. Na maioria era as mães que vinham. Outra coisa interessante, os pais vinham na igreja, mas aquelas pessoas que aceitaram e cederam as casas não foram as famílias que fundaram a igreja, elas ficaram de fora, Um fator muito importante. E o mesmo aconteceu na igreja católica.

Entrevistador: E as professoras que davam aula na escola, elas também assumiam liderança na EBD?

Colaborador: Elas assumiam. Normalmente elas vinham do IBC, elas faziam o curso de Educação Religiosa e então na EBD elas contavam historias para as crianças pequenas. Era distribuído As Jóias de Cristo, que era uma Literatura que vinha em folhas que a gente ia juntando e fazendo caderninho, com historias. No período que elas não estavam lecionando, elas faziam muitas visitas aos pais dos alunos com o intuito de trazer pra igreja. Eram visitas bem agradáveis, elas eram bem preparadas.

Entrevistador: Elas atingiram o objetivo? Veio muita gente pra igreja?

Colaborador: Eu acho que sim. Se forem estudados os fundadores, a grande maioria tinha filhos na escola, e se tornaram membros da igreja depois. O Sr. Antonio Martins, por exemplo, que foi praticamente o tesoureiro vitalício da igreja, os filhos dele estudaram ali. A grande parte deles veio pra igreja por causa dos filhos, eu acho que a escola atingiu o objetivo, tanto na questão do ensino como também no objetivo de evangelizar.

Entrevistador: Pra gente encerrar, os materiais escolares; como eram? Que cadernos eles usavam eles recebiam uma ajuda da escola?

Colaborador: Se a criança viesse pra escola e não tivesse caderno, eles distribuía caderno, lápis, lápis de cor. Era feito muita coisa em folha solta, tipo a4, então se ia fazer um dever qualquer ali na sala e o aluno não tinha, eles davam a folha. Eles davam o caderno, no final do ano você ganhava uma sacolinha, normalmente vinha um livro de história, de acordo com a serie que você terminou, uma caixa de lápis de cor, uma caixa de giz de cera, borracha e os joguinhos que tinha, que jogava aquelas Sete Marias, aquilo vinha para as meninas. Eles davam o material no final do ano que era um incentivo pro aluno voltar depois.

Entrevistador: Isso sem custo para aluno?

Almiro: sem custo para o aluno. Eles faziam o encerramento do ano letivo, fazia aquela mostra de os alunos tinham feito e chamavam os pais, e no culto que tinha na igreja era

distribuído pra cada um. No começo não era muito, eu não sei se essa pratica foi por muito tempo.

Entrevistador: Sr. Almiro, muito obrigado pela conversa, valeu o assunto, valeu o material que o senhor me arrumou, os livros... Espero que o senhor continue a disposição.

Colaborador: Eu que agradeço e pode contar comigo.

ANEXO D – Degração da Entrevista com Amélia Lima

Entrevista com Amélia Lima em sua residência em Amambai-MS dia 17/12/2012. A mesma morou com AnaWollerman em Amambai e Campo Grande. Foi aluna, merendeira e depois professora na Escola Batista da primeira e segunda série.

Entrevista

Entrevistador: Eu quero agradecer pela atenção e pela oportunidade conversarmos sobre uma pessoa que muito importante para história de Amambai, história da missão da Igreja e não somente do Mato Grosso do Sul, mas também do Mato Grosso. Gostaria de começarmos conversando sobre a senhora! Que a senhora falasse um pouco sobre sua própria história.

Colaboradora: Então os meus pais moravam no sítio, naquela época, e, eles resolveram que eu devia aprender um pouco mais, porque naquela época não tinha estas escolas rurais que agora tem; nas fazendas, nos sítios que hoje em dia tem os ônibus que carregam. As crianças moram lá e frequentam na cidade a escola. Daí meu pai resolveu, daí a gente tinha que vir à pé e era um pouco longe de lá pra escola. Vinha com os outros colegas porque era perigoso. Então meu pai resolveu de me mandar aqui pra cidade, pra estudar. Naquela época a escola que tinha em Amambai chamava-se “Grupo Escolar”, hoje seria o antigo “Felipe de Brum” aqui em Amambai. Ficava localizado bem ali em frente o nosso correio daqui na avenida.

Então, eu vim pra aprender mais alguma coisa. Não sei intermédio de quem, que ele falou com o Pr. Valdir Vilarinho. Naquela época o Pr. Valdir Vilarinho morava aqui, morava ao lado bem em frente da Igreja nossa ali, onde hoje é o Hospital Dr. José Luiz, tinha casa ali. Eu vim pra ali, pra parar com eles, pra ajudar na casa e assim estudar. Eu lembro que naquela época tinha pouca condução, era bem difícil não como agora. Eu lembro que meu pai me trouxe de carreta ali, carreta de boi eu fiquei ali parada com ele. Aí a Dona Marlene, hoje já falecida estudava em Campo Grande. Era só o pastor Valdir, o Arnaldo e tinha um menino que eles criavam que chamava-se “Namal”, a gente chamava de Namal, mas ele tinha outro nome, era um menino deficiente. Eu vim parar com eles ali pra ajudar na casa assim e estudar, e, aí que eu conheci o “evangelho” ali, através deles.

E fiquei ali vários tempos na casa deles morando ali. Ouvindo o evangelho ali na Igreja que só atravessar a rua. Através da vida deles, através de morar ali com eles.

Eu também morei com um casal, hoje falecidos, era o Sr. Paulino e a Dona Anália. Eu morava com eles um tempo pra estudar também. Aí quando eu saía pra escola ela ficava me cuidando a gente olhava pra trás lá de uma distância assim, e ela ficava olhando pra mim até que eu entrasse no Colégio.

Entrevistador: Se sentia responsável pela senhora.

Colaboradora: É, estas pessoas antigas assim na época dela com meninas assim, eles cuidavam muito pra ver se não ia desviar pra outro lado, ou não ia pra escola, metia, podia mentir e ... Assim foi minha história, meu começo, foi assim neste tempo. E aí com, morar ali com o Pr. Valdir e Dona Candinha. Aí quando eles foram embora dali, que eles tiveram um tempão, já vinham morando fazia um tempão e depois que passei a morar com eles, dali uns anos eles foram embora, me parece que pra Jardim.

Este ano era mais ou menos em 1948. Aí já tinha a casa pastoral ali, como tem até hoje. Aí eles convidaram e veio pra cá a Dona Ana e ela morou ali. Aí eu continuei ali, passei a morar com ela uma temporada.

Na casa pastoral que a Dona Ana morou ali, e, morou ali com outras meninas também. Era eu tinha a Zilá, tinha uma outra moça também, morava com ela ali. Pra estudar pra ajudar ela ali na casa. Cada uma tinha o dever ali pra fazer, tinha sua obrigação.

Entrevistador: Como a Ana Wollerman dirigia e organizava o funcionamento da casa?

Colaboradora: Era assim ela determinava o que a gente tinha que fazer e os momentos que a gente tinha que ir pra escola e também quando a gente tinha que sair e fazer visita. A gente era todo assim, a gente não fazia o que agente queria no caso, a gente era sobre a direção dela em todas as coisas. Por exemplo, principalmente na parte do almoço, cada uma tinha a sua obrigação. Eu sabia da minha a outra sabia da dela, e, era assim e na hora de sair a gente saía todo mundo junto. Ela tratava como a gente fosse da família, não era uma empregada. Quando ela saía, a gente saía e participava também dos trabalhos.

Ali eu aprendi também, depois que eu me converti, aprendi sobre o dizimo. A gente não tinha noção destas coisas, meu pai se dizia que era católico, mas não era aquela pessoa que dizia “eu sou católico” e vai naquela Igreja. Tanto é que a Igreja era aqui e as pessoas de fora não vinha e não participava. Só dizia “eu sou católico”, mas não. Então eu não sabia de nada. Foi ali através da Dona Ana que a gente aprendeu e através da Escola Bíblica que a gente aprendeu a dizimar. Quanto que agente ganhava e quanto por cento que a gente dizimava, também sobre o culto doméstico.

Entrevistador: A senhora lembra como era feito o culto domestico?

Colaboradora: Ela sempre procurava da gente fazer de amanhã. Na parte da manhã antes do café, mas as vezes, quando não se encaixava, quando as vezes,...é que ela tinha muita ocupação, ela era muito chamada, naquela época. Daí ela nunca deixava de fazer, ela nunca dizia; “hoje não deu, amanhã não deu” , ela nunca deixava de fazer, ela sempre programava um outro horário pra gente fazer – Todos os dias, por isso que eu falo o objetivo dela era a evangelização, era a prioridade. Então procurava um horário depois do almoço, depois vai tirar a mesa e cuidar das outras coisas. Então fazia o culto doméstico depois do almoço, mas todo mundo sentava. Ninguém ficava lá; um cuidando da cozinha, outro cuidando das roupas, ninguém ficava fazendo qualquer outra coisa.

Entrevistador: A senhora lembra se teve um dia em que alguém não estava muito a vontade de fazer, isto pode acontecer, pois o ser humano é meio acomodado, a senhora entende?

Colaborador: (risos) Olha! Eu não sei, não lembro, pelo menos ela esperava de todos estarem preparados ali pra aquele momento. Porque a gente observa que não tinha alguém que demonstrasse má vontade, porque ela esperava e enquanto estivesse faltando um, ela não começava. Então a gente não podia demonstrar que estava querendo escapar daquele horário ali. Porque a gente obedecia, porque a gente tinha assim,... como um pai da gente. Por exemplo, antes era assim, quando o pai falava uma coisa, nem que a gente não gostasse muito, mas ficava,...ficava,... obedecia.

Entrevistador: Nesta época a senhora tinha quantos nos mais ou menos?

Colaboradora: Olha, nesta época que eu diga Amambai; uns dezessete anos mais ou menos. Tinha uma moça que era mais velha; a Zilá.

E ali a gente fazia a leitura da Bíblia, cantava um hino, cantava um corinho e a gente usava muito o cantor. Tanto é que os hinos que eu aprendi na minha época da minha juventude, eu aprendi pra nunca mais esquecer. Ali a gente horava, cada dia ela colocava um pra ler uma passagem da Bíblia era assim nossa vida.

Entrevistador: Fico imaginando que num lugar onde a maioria é jovem, se tem um adulto responsável você precisa colocar alguns limites. Neste sentido como que a Ana Wollerman que era como um pai para senhora e os demais fazia para colocar estes limites? Como ela mostrava sua autoridade?

Colaboradora: Ela era assim, ela colocava os limites dela, mas era sempre muito amável. Não era como, por exemplo, meu pai quando eu fui criada; Meu pai era um homem muito enérgico. Era muito duro, vamos dizer assim, a palavra; sobre criação, sobre obediência, sobre trabalho, estas coisas. E ela era uma pessoa que tratava com muita habilidade, cativava as pessoas. Ela era aquela pessoa assim que nós respeitávamos porque ela era nossa autoridade. Eu era uma pessoa assim que meu pai gostava sempre das coisas certas, ele não era letrado, mas era muito inteligente, então a gente acostumou daquele jeito. A gente não era aquela pessoa que tentava desobedecer, tentava sair e a gente vivia tudo em comum ali com ela. Ela tinha confiança na gente em deixar a casa. Acho que isso também fazia parte. Ela percebia que a gente não era uma moça que queria ter outros costumes fora dali. Por exemplo, inventar uma saída e de repente não ser aquilo que a gente fala, mentir que nem hoje porque existe isto, os filhos mente hoje em dia. Então a gente procurava fazer tudo certinho. E a gente já estava conhecendo o “Evangelho”, já estava conhecendo a Bíblia e com a Bíblia a gente muda muito. As coisas que não são legais a gente vai deixando.

Entrevistador: Então a senhora veio para estudar no “Felipe de Brum” ? Não tinha a Escola Batista ainda?

Colaboradora: É, quando eu vim e fiquei morando com o Pr. Valdir ali na casa dele. Ainda não tinha nesta época, depois que criou, aí,... estava começando a Escola nesta época. Estava começando já.

Entrevistador: Qual foi o envolvimento da senhora com a escola? A senhora foi aluna ou professora como foi isto?

Colaboradora: Olha passado alguns anos a gente,.. eu trabalhava. Comecei trabalhando, ajudando como merendeira. Naquela época a escola ganhava o leite, ganhava as coisas pra fazer o lanche. Eu fazia o lanche dos alunos da escola, depois eu passei a trabalhar também ali, a lecionar ali no primeiro, segundo ano.

Entrevistador: A senhora já tinha terminado os estudos?

Colaboradora: Já. É!.. o que tinha aqui. Naquela época se dizia, por exemplo, era só até o quinto ano de agora, mas naquela época era admissão ao ginásio que falava. Então eu comecei a trabalhar ali, a igreja convidou em 56 [1956] mais ou menos. E antes, também, desta época em 55 [1955] a igreja abriu um ponto de pregação ali perto de Ponta Porã, perto de Sangapuitã, alias. Ali tinha uma família que era evangélica e a Igreja abriu um ponto de pregação lá, que se chamava “Rincão de Julho”. Então é pra cá de Sangapuitã um pouco. A

igreja criou este ponto de pregação e uma escolinha. Mantinha uma escolinha ali. Era uma escolinha e um ponto de pregação também. Aí em 55 [1955] fui convidada para ir pra lá e assumir a escolinha. Era uma escolinha assim, uma classe, no caso junta, todos juntos, por exemplo; 1º ano, 2º ano 3º ano. Alguns alunos do 3º ano, dois três do 2º e a maioria do 1º. A maioria aprendendo o alfabeto, aprendendo juntar as sílabas. Era uma escolinha mantida pela nossa Igreja, pela Igreja Batista.

Entrevistador: Tinha a escolinha lá, mas ainda existia a escola aqui. É isto? E a Ana Wollerman já não estava mais em Amambai, certo?

Colaboradora: Não ela não está, porque em 54 [1954] foi que ela levou os jovens daqui. Onde foi eu, a Eugeni já morava em Campo Grande para estudar, mas ela passou a morar com a gente lá. Pastor Albino, foi um deles. Eu fiquei um ano lá com ela, depois voltei. Os outros permaneceram lá com ela, mas meu pai não quis que eu permanecesse mais lá, aí eu voltei. Foi onde eu errei. Hoje eu vejo que eu devia ter teimado um pouco. E ter permanecido, ter ficado lá com ela. Depois ela foi para Jaciará, depois, não lembro.

Entrevistador: Porque a senhora acha que errou?

Colaboradora: Eu acho assim que devia ter permanecido, porque hoje eu podia ter aprendido hoje muito mais além. Devia ter colocado a minha vida mais no serviço. Mas em forma de a gente,... eu obedeci meu pai, daí a gente ficava assim pensando. Ele já não queria, aí eu tomei a decisão.

Aí em 55 [1955] a Igreja convidou, a moça que estava lá desde 54 [1954] ia se casar e não queria mais. Era difícil ficar lá uma pessoa jovem, só a família da casa e os alunos ali, lugar estranho. Não tinha ninguém. Aí ela desistiu e eles convidaram e eu fui pra lá. Aí fiquei em 55 [1955] lá e 56 [1956] eu vim ficar aqui em Amambai. Depois que eu vim a primeira vez eu nunca mais saí daqui de Amambai. Meus pais moravam, mas e eu ia só nas férias ficar com eles. Foi aí que eu me entrosei mais, me entrosei bastante aqui na escola. Nos jovens, na mocidade. Então foi muito,... eu penso assim, se eu tivesse ficado, mas quando a família não é crente a gente passa muita dificuldade. Eu devia dizer; “não eu vou ficar porque eu estou bem” – a gente tinha uma vida boa ali com ela. A gente só aprendia. Mas não sei, ... foi falta, talvez de alguém me incentivar, dizer “não você está bem, porque que vai?” Ou os meus pais resolverem que eu podia ficar mais.

Mas ao mesmo tempo eu vim servir aqui também! Porque eu vim pra Rincão de Julho e lá a gente aprendeu, apesar de não ser muito fácil o trabalho ali. Porque a gente se deparava com

dificuldades ali. Para o senhor ver; saí da casa da onde a gente estava para ir para uma casa onde a gente não tem costume! E a gente tem que ser sujeita, tem que ser sujeita aos donos da casa, não pode criar conflito, coisas,...mas a gente venceu aquela época.

Aí a Igreja cada mês a Igreja mantinha um trabalho especial. Ia o povo daqui pra lá. A gente já fazia convite para o povo, saía. Naquele tempo, ou a gente saía a pé, ou saía da carrocinha – Aí a gente saía fazer convite, esperar o povo que ia daqui. Aí era aquela festa. Aquela alegria o povo todo alegre. Chegava cantando e saía cantando. Era assim naquela época. Era muito bom viu! E valeu muito pra mim. Por um lado eu vim de lá, mas também fiquei ali servindo, trabalhando.

Entrevistador: Gostaria que a senhora falasse um pouco mais sobre a escola aqui de Amambai, no tempo da Ana Wollerman, sobre era as relações dela com as professoras e alunos.

Colaboradora: Ela foi a pessoa que criou a escola. Ela levantou a escola de Amambai. Tanto é que, naquela época era a melhor escola que tinha aqui em Amambai. A maioria destas pessoas que nós temos aqui na nossa cidade que foram alunos ali; doutor José Luiz Saldanha da Divina Providência, doutor Vissonir, foram pessoas que estudaram ali. Ali teve o Sr. Ramão Machado que é Dentista e que também presa muito pela escola. Que pode sair dali pra outra cidade pra continuar os estudos, sair dali preparado.

O envolvimento da missionária Ana era ótimo, era excelente. Ela procurava sempre alegrar as pessoas, procurava ajudar aqueles que queriam estudar e muitas vezes não tinham condições, e eram muitos! Ela sempre deu aquele apoio. Como, mesmo o doutor Ramão, o Dentista. Ele presa muito a vida da Dona Ana. A figura que ela foi para ele, pra muitas pessoas aqui. E sobre a ajuda também. Ela ajudou muita gente aqui. Muitas pessoas,...o pastor Albino foi ajudado, o Hudson também. Hoje nós temos o doutor Atemar aí que é advogado. Ele também era da nossa turma em 54 [1954] lá. A gente morava tudo na mesma casa. Naquele época ficava lá na casa da Missão, na rua Avenida Matogrosso. Agora mesmo quando eu tive estes dias pra lá num passei esta estava lembrando. Hoje a gente não sabe mais onde é aquele lugar. Porque já mudou tudo com os anos. Pra você ver, hoje eu estou com esta idade, não dá pra ser o mesmo lugar a mesma coisa.

Então foi uma pessoa muito excelente, ela fez muita coisa. As pessoas queriam muito bem ela.

Entrevistador: Quando ela abriu a escola, onde ela conseguiu material e que matérias tinham na escola?

Colaboradora: Era as matérias principais; Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, essas matérias que a gente lembra.

Entrevistador: A senhora lembra se tinha algum livro didático, alguma coisa assim que ela usava?

Colaboradora: Eu não tenho lembrança disso aí, mas ela devia ter sim. Acredito que sim. Depois as outras professoras que vieram mais tarde. Depois com o tempo veio duas moças de fora. Parece que uma veio do Rio de Janeiro, a outra não lembro da onde que ela veio. Maria Martini foi de Campo Grande. Tinha outra que ela trouxe de fora para enriquecer a escola.

Entrevistador: Como era dividido os alunos entre as séries? Ou era junto como era lá em Rincão de Julho?

Colaboradora: Não aí era cada um na sua sala. Porque aí, neste ponto que o senhor esta falando já uma coisa organizada e que procurava ser cada vez mais organizada. Naquela época que eu comecei lá era fazenda, era um começo, era uma ajuda para aquele povo dali. Alguns moravam no Paraguai, muitos vinham, atravessavam ali pra vir. Outro que não havia possibilidade também porque era na casa dessa família. Não tinha uma,...uma casa própria para aquilo especial. Era na sala da casa desta família. Eles cederam tanto pra escola tanto para o trabalho da Igreja. E a gente fazia uma reunião com eles. Uma escola dominical. Só com os alunos assim, contava história. Naquele tempo a gente contava história na flanela. E até quando começou a Escola Batista era assim também. A gente contava historinhas assim.

Entrevistador: Se o objetivo do trabalho da Ana Wollerman era a evangelização, como que funcionava isto dentro da escola?

Colaborador: Era assim, a gente preparava a fila dos alunos, entrava no Templo e cantava o Hino Nacional e tinha devocional. Ninguém ia para as classes sem fazer a devocional.

Entrevistador: Como que era a devocional?

Colaboradora: Era todos os dias. Era assim, por exemplo tinha uma história na flanela. Colocava no quadro e através das figurinhas você ia contando a história. Por exemplo, da Arca de Noé você ia colocando as figuras e contando a história para os alunos. Daí cantava-se corinhos, cantava-se hinos. Aqueles hinos mais para o lado de crianças, para o lado de jovens. Por exemplo, “Vinde meninos, vinde a Jesus”. Na época também aquele corinho que ninguém

usa mais, por exemplo, aprendia um versículo e cantava a música, fazia corinho – João 3:16 “porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho...” Aí todo mundo cantava, aprendia a cantar. Todos os alunos cantavam, todos aprendiam. Daí fazia oração e saia para as classes. Cada uma para sua classe.

Entrevistador: Destes alunos, alguns acabavam se convertendo ou não?

Colaboradora: Tinha alguns que se convertiam ia até um tempo frequentando a igreja a escola bíblica dominical, mas muitos não prevaleceram até final. O doutor Atemar, que é filho de Amambai ele é conhecedor da “Palavra”, ele é uma pessoa preparada, mas ele desviou-se dos caminhos do senhor, da Igreja, mas a “Palavra” ficou gravada.

Entrevistador: Entre estes que moravam com a Ana Wollerman e a senhora, todos estes eram convertidos?

Colaborador: Eram, neste ano que a gente foi com ela em 54 já sim, já eram convertidos. A gente frequenta a segunda Igreja Batista Campo Grande, que era, naquela época, pastor Demétrio. Era todos nós, pelo menos frequentava a Igreja e pertencia a Igreja. Eu mesma o ano que fiquei lá era membro da segunda Igreja. Mas muitos depois desviaram, por exemplo, a gente tem também outro rapaz, irmão da irmã Lenir, o Sottano, o Carlos. O Carlos foi um rapaz da minha época que também foi membro da Igreja e cantava no Coral, estudou na Escola Batista, foi conhecedor. O pai dele um homem muito fiel e muitos anos foi tesoureiro da Igreja, eu não me lembro a data, mas foi muitos anos mesmo. Então hoje, ele é desviado. O Carlos é desviado. A irmã dele mesmo, estes dias estava falando que ele estava muito doente e pensando assim que ele voltasse para os caminhos do Senhor antes de ir, antes que Deus viesse chamar ele. Então assim, muitos permaneceram e muitos não permaneceram. É como a Bíblia mesmo fala.

Entrevistador: Então. Conforme o pastor Sergio escreveu sobre a história da Ana Wollerman, mostra que ela fazia muitas visitas. A senhora poderia falar um pouco sobre isto. A senhora chegou acompanhar alguma destas visitas? Era um trabalho de visitação dos alunos ou um trabalho de evangelização?

Colaboradora: Era um trabalho de evangelização. Esta época que o senhor está falando era quando ela saia a cavalo e depois comum tempo ela tinha um carro, ela ganhou um carro para fazer o trabalho. Mas ela saia a cavalo, tanto é que ali no livro mostra ela. Eram pais de alunos e também,...é levava o evangelho para pessoas que não conhecia. O povo daquela época era muito tranquilo, não tinha conhecimento, quase de nada da Palavra. Depois ele começou sair

visitar, sair expandindo o trabalho nas casas. É aí que o povo foi se despertando mais. Aí que foi melhorando mais esta parte da evangelização daqui de Amambai. Que era muito pouco. As pessoas não se dedicavam muito, mas também era muito pouco também as pessoas que trabalhavam, que vieram pra cá, como o pastor Dulcino. O pastor Dulcino, foi um também que veio e fazia este trabalho.

Entrevistador: Como que a população recebia a Ana Wollerman? Ela era mulher, branca que fala a língua um pouco enrolado. O que as pessoas comentavam sobre ela?

Colaboradora: Recebiam ela com muita alegria. Muitas pessoas ouvia que aquela pessoa trazia novas diferente, novas para o povo. E com aquele jeito dela assim, com aquela maneira de tratar assim que parece que abre o ambiente. Parece que alegre. Então ela cativou muita gente, ela foi muito bem recebida aqui em Amambai. A gente não sabe, eu lembro de algum lugar que tivesse dificuldade, que fosse rejeitada. A gente não tem lembrança. Quem sabe aconteceu antes da gente se conhecer, mas eu acho que foi muito bem aceita. Tanto é que muita gente se recorda dela com bastante alegria e tristeza ... [lagrimas]...porque ela não existe. Eu aprendi muita coisa, muita coisa.

Entrevistador: A senhora disse que foi professora aqui na escola, certo. Então a forma como a senhora dava aula. A senhora aprendeu com ela? – A forma como a senhora devia se proceder em sala de aula. A senhora poderia falar um pouquinho sobre isto?

Colaboradora: É sobre a gente, saber levar os alunos, as crianças no caso. Tratar eles com muito carinho. Com muita atenção. Para que eles pudessem também ver na gente uma diferença. E a gente aprendeu passar para eles também a “Palavra do Senhor” naquela época. Era muito gratificante, era muito bom.

Entrevistador: A senhora chegou dar aula de história?

Colaboradora: Não eu, era mais, no caso, alfabetizando. A gente dava um comezinho, a história a ciência que era uma coisa fácil (risos). Eu gostava muito de história, não sei eu tinha facilidade de aprender as datas, decorar datas.

Entrevistador: Quando as professoras ensinavam história, qual era o principal livro que elas partiam para ensinar a história. Para mostrar a origem dos seres humanos e tudo o mais.

Colaboradora: Então, mais sobre o descobrimento do Brasil.

Entrevistador: Não ensinavam a história antiga?

Colaboradora: Assim como o senhor fala?

Entrevistador: Em algumas escolas quando iam ensinar a história, antiga principalmente, ensinavam a partir da Bíblia.

Colaboradora: Ah sim! Sobre a criação. A criação do mundo. Como que Deus criou, o primeiro dia, segundo dia e assim por diante. Ensinava! Ensinava, o princípio das coisas e que Jesus veio para morrer na cruz em nosso lugar.

Entrevistador: Isto era ensinado em sala de aula?

Colaboradora: Era! Pra isso eles não tinham quase pessoas assim que,... eles não convidavam pessoas que não eram pessoas já evangélicas. Tinha que ser batista, não era qualquer pessoa que tinha conhecimento, vamos dizer, na letra, mas não tinha conhecimento da ...Porque o objetivo era este, não só ensinar a ler e escrever e sim, passar a “Palavra”. Pra isso eles não deixavam a gente entrar pra sala de aula sem fazer o culto domestico, culto domestico não uma abertura que era passar a “Palavra” para as crianças já desde pequeno.

Entrevistador: Me diga uma coisa alguns das professoras que trabalhavam na escola, também ajudavam na escola bíblia no templo?

Colaboradora: É porque, aquelas pessoas que eram mais preparadas. Que vinham de fora, formadas, vamos dizer assim. Porque eu no caso, fazia aquilo que cabia a mim, ao meu conhecimento, mas aquelas pessoas que davam aula já no quarto ano, terceiro ano, davam aula de admissão ao ginásio. Então elas eram pessoas também que tinham,...como é que digo, envolvimento na escola dominical, na Igreja! Tinha sim, era sim. Não era pessoas que tinha cultura, mas não tinha,...não convidava pessoas assim. Eram pessoas especiais mesmo porque o objetivo principal era evangelizar, era mostrar a “Palavra”, era mostrar o “caminho”. Este era a coisa principal da Dona Ana.

Entrevistador: Entre estas professoras que vieram de fora estava a Ester Ergas.

Colaboradora: Ester Ergas! Oh! Assumiu o lugar da Dona Ana quando ela foi embora. Ela ficou como diretora e eu morei com ela. Eu sai do pastor Valdir, aí fui ali pra Dona Ana. Dona Ana foi embora aí eu fiquei com a Dona Ester. Eu não lembro por quanto tempo, se fiquei um ano ou mais, mas fiquei com a Dona Ester. Eu e ela viu!

Ela também não perdia tempo, não ficava distraída com alguma coisa. Tudo era aquele jeitinho simples dela. Até hoje ela é assim; Eu vi ela ali em Dourados no Congresso das Senhoras, no Seminário. Eu vi ela daquele mesmo jeitinho, o cabelo daquele jeitinho que ela era aqui. Então o que que ela fazia também; ela já programava e falava: “Oh! Hoje quando

terminar a aula de tarde nós vamos visitar a casa de “fulano” e “fulano” e assim, assim”. Aí tinha uma senhora idosa, era a Dona Laura morava em frete aqui a “GEPAM”, mãe da Dona Senhorinha, avó da Eugeni Manvailder. Então ela dizia, “Hoje nós vamos visitar a Dona Laura” as vezes a gente nem chegava e se trocava e já saía pra lá à pé.

Entrevistador: Quanto ao Pastor Valdir. Então, depois que a Ana Wollerman chegou ele ficou pouco tempo?

Colaboradora: Eu não lembro que ano que eles foram daqui. Não lembro.

Entrevistador: Como que era a parceria no trabalho entre o pastor e a Dona Ana?

Colaboradora: Eles se davam muito bem. Se entendiam muito. Tanto é que ela nunca sai só nas fazendas, nos sítios não aparece ela sozinha, sempre ela está acompanhada do pastor Valdir.

Entrevistador: A senhora saberia-me dizer sobre a relação dela com as lideranças masculinas. Isto, levando em consideração que ela é mulher e sozinha neste período onde a cultura machista ainda é muito forte?

Colaboradora: Olha! Eu não posso falar nada porque ela era uma pessoa assim muito,...que tinha muita autoridade na vida dela. Ela não era uma pessoa assim qualquer que um homem uma autoridade poderia, de repente assim, querer achar que ela era uma pessoa qualquer. Mas eu acho que ela era uma pessoa muito legal, uma pessoa muito preparada para vida. Tanto é que ela deixou a vida dela lá e veio embora sozinha.

Entrevistador: Algum momento ela chegou falar da vida dela pra senhora nos EUA?

Colaboradora: Ela contava da família dela, do irmão dela que tinha, mãe. Tinha muita preocupação sobre a velhice da mãe. Não tenho assim uma lembrança. Ela falava que tinha muita saudade, mas ela falava que queria servir com a vida. Tinha saudade, mas estava cumprindo com a “missão”, com o “chamado” que Deus chamou e preparou. Desde o momento que ela tomou esta decisão ela se sentiu feliz. Ela falava que a Igreja era a família dela, que os irmãos era a família dela.

Entrevistador: Não sei se a senhora sabe, mas antes de ir para o seminário e vir para o Brasil ela foi casada. A senhora sabe desta época?

Colaboradora: Não desta época eu não sei. Não mas no EUA! Na terra dela né! Eu acho que eu não tenho muita certeza, lembrança disso aí, mas eu acho que ela foi casada sim. Acho que uma vez ela comentou que se casou, mas não deu certo, aí ela tomou a decisão de vir embora.

Entrevistador: Está certo professora Anália, muito obrigado pela atenção e pela oportunidade de conversarmos sobre uma pessoa que é muito importante para história do Mato Grosso do Sul.

Colaboradora: Eu que agradeço.